

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

Vitória Faturi Londero

**A TRAGÉDIA DA BOATE KISS: OS ENQUADRAMENTOS
JORNALÍSTICOS EM ZERO HORA, FOLHA DE S. PAULO, LA
NACIÓN E THE NEW YORK TIMES**

Trabalho de Conclusão de Curso

Santa Maria, RS
2016

Vitória Faturi Londero

**A TRAGÉDIA DA BOATE KISS: OS ENQUADRAMENTOS JORNALÍSTICOS EM
ZERO HORA, FOLHA DE S. PAULO, LA NACIÓN E THE NEW YORK TIMES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Santa Maria como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Márcia Franz Amaral – UFSM

Santa Maria, RS, Brasil
2016

Vitória Faturi Londero

**A TRAGÉDIA DA BOATE KISS: OS ENQUADRAMENTOS JORNALÍSTICOS EM
ZERO HORA, FOLHA DE S. PAULO, LA NACIÓN E THE NEW YORK TIMES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Santa Maria como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Márcia Franz Amaral – UFSM/RS
(Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Ada Cristina Machado Silveira – UFSM/RS

Juliana Motta, Mestre em Comunicação Midiática – UFSM/RS

Santa Maria, 5 de dezembro de 2016

AGRADECIMENTOS

Lembro até hoje do primeiro dia em que pus os pés na Universidade Federal de Santa Maria. Uma cidade nova, um ambiente novo, pessoas novas... E aquele pensamento de que ainda tínhamos quatro anos para pensar no tão temido Trabalho de Conclusão de Curso.

O tempo passou. Apreendi inúmeras coisas, e não falo apenas dos conteúdos ministrados durante as disciplinas - absorvi valores que me tornaram uma pessoa completamente diferente daquela que entrou no curso quatro anos atrás. Sou muito grata à transformação: é o principal fenômeno que muda o mundo, e que faz ser quem nós realmente somos.

Agradeço:

Primeiramente aos meus pais, Nilvo Londero e Cristiane Faturi. Eu não estaria aqui se não fosse por vocês. Vocês são a base de tudo o que eu sou hoje. Eu amo vocês.

À professora e orientadora Márcia Franz Amaral, que sempre demonstrou calma e tranquilidade para neutralizar todas as “crises existenciais” e “paranoias” que o TCC gera. Se não fosse por todo o apoio dessa mulher forte e guerreira, este trabalho não se concretizaria.

À Jocéli Lima, Andressa Foggiato e Camila Hartmann, amigas e colegas de curso. O nosso quarteto que permanece desde o início. Eu amo vocês.

À Marina Fortes, amiga e também colega de curso. Estivemos sempre juntas nessa jornada chamada TCC e eu não sei como eu teria lidado com tudo isso sem o apoio dela. Viu só, amiga? Terminamos!

À Paola Brum, amiga e também estudante de Comunicação Social – Jornalismo na UFSM. Nossas conversas sempre me deram motivação e coragem.

À Annie Castro, amiga de infância e minha irmã de coração. Apesar da distância, sempre senti o seu apoio e torcida por mim. Eu te amo.

À Fernanda Aires, minha amiga desde a quarta série do ensino fundamental. Tua presença em minha vida é essencial. Eu te amo.

Ao pessoal da RBS TV Santa Maria, empresa de comunicação na qual eu estagiei durante toda a realização do TCC. Obrigada por compreenderem que este é um trabalho árduo e por me darem motivação em todos os momentos.

A toda a minha família em geral, que sempre acreditou em mim.

A todos(as) os(as) professores(as) que passaram por minha formação e fizeram diferença em quem eu sou hoje.

Finalmente, agradeço ao universo, por sempre conspirar ao meu favor.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os enquadramentos jornalísticos presentes nas matérias dos jornais Zero Hora, Folha de S. Paulo, La Nación e The New York Times durante a cobertura do incêndio na boate Kiss, ocorrido em 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Também faz parte de nossos objetivos saber se a proximidade, não apenas geográfica, mas também psicológica, deixou marcas na cobertura dos países que viveram tragédias semelhantes. Com o intuito de atingir nossos objetivos, utilizamos como metodologia o protocolo de análise de coberturas jornalísticas proposto por Silva e Maia (2011) adaptado à nossa pesquisa, bem como incluímos a análise indireta de enquadramentos da mídia proposta por Vimieiro e Maia (2011). Após a análise das quinze matérias selecionadas para esta pesquisa, constatamos que os jornais possuem especificidades e aspectos em comum na cobertura de tragédias e desastres. Concluímos que a abrangência foi um fator decisivo nos enquadramentos dos jornais, mas o valor-notícia tragédia falou mais alto nos quatro periódicos. Ao final deste estudo, percebemos a versatilidade do processo metodológico escolhido, que respondeu nossas questões e permitiu caracterizar a cobertura de cada jornal de uma forma não-engessada.

Palavras-chave: acontecimento jornalístico, enquadramento, boate Kiss, tragédias e desastres, proximidade.

ABSTRACT

This research aims to analyze the journalistic frameworks in Zero Hora's, Folha de S. Paulo's, La Nación's e The New York Times' newspaper articles during the coverage of Kiss nightclub fire, that happened on January 27th, 2013, in Santa Maria, Rio Grande do Sul. It is also part of our objectives discover if the closeness, not only geographical but also psychological, influenced the coverage of countries that have faced similar tragedies. In order to achieve our objectives, we used as a method the news coverage protocol proposed by Silva and Maia (2011), adapted to our research, as well as the indirect analysis of media frames proposed by Vimieiro and Maia (2011). After analyzing the fifteen newspaper articles selected for this study, we found that the newspapers have specific and common aspects when they cover tragedies and disasters. We concluded that the different geographic scopes were decisive to determine the frameworks, but the news value tragedy "spoke louder" in the four journals. Finally, we noticed the methodological process' versatility, which answered our questions and allowed us to characterize the coverage of each newspaper in a non-definitive basis.

Key-words: journalistic event, frame, Kiss nightclub, tragedies and disasters, closeness.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Matéria introdutória	30
Quadro 2 – Matéria: “Desrespeito a normas básicas”	31
Quadro 3 – Matéria: “O dia do empurra”	32
Quadro 4 – Matéria: “Empresa de bombeiros assessorou boate Kiss”	34
Quadro 5 – Matéria: “Banheiros ficaram lotados de corpos; polícia apura a demora para liberar saída”.....	37
Quadro 6 – Matéria: “Casa noturna tinha mais clientes do que o permitido; donos e músicos são presos”	39
Quadro 7 – Matéria: “Polícia acusa banda e boate por tragédia e aponta falhas dos bombeiros e da prefeitura”.....	40
Quadro 8 – Matéria: “Defesa de dono da Kiss distribui culpa”	42
Quadro 9 – Matéria: “El Cromagnon de Brasil: 233 muertos”	46
Quadro 10 – Matéria: ““Santa María, una ciudad de luto que siente que perdió el alma en la tragedia”	48
Quadro 11 – Matéria: "Tras el shock de la tragedia en la disco, Santa María se une para exigir justicia"	50
Quadro 12 – Matéria: “Uno de los dueños de la disco Kiss intentó suicidarse en el hospital”	51
Quadro 13 – Matéria: “Frenzied Scene as Toll Tops 200 in Brazil Blaze”	55
Quadro 14 – Matéria: “A brief but frantic struggle for victims of fire in Brazil”	58
Quadro 15 – Matéria: “After fire, some Brazilians fault a nation’s sense of fatalism”	59
Quadro 16 – Categorias de representação	62
Quadro 17 – Categorias de causas	63
Quadro 18 – Metáforas	63

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Matéria introdutória	72
ANEXO B – “Desrespeito a normas básicas”	73
ANEXO C – “O dia do empurra”	74
ANEXO D – “Empresa de bombeiros assessorou boate Kiss”	76
ANEXO E - “Banheiros ficaram lotados de corpos; polícia apura a demora para liberar saída”	77
ANEXO F - : “Casa noturna tinha mais clientes do que o permitido; donos e músicos são presos”	79
ANEXO G – “Polícia acusa banda e boate por tragédia e aponta falhas dos bombeiros e da prefeitura”	81
ANEXO H - “Defesa de dono da Kiss distribui culpa”	83
ANEXO I – “El Cromagnon de Brasil: 233 muertos”	85
ANEXO J – “Santa María, una ciudad de luto que siente que perdió el alma en la tragedia”	87
ANEXO K – "Tras el shock de la tragedia en la disco, Santa María se une para exigir justicia"	88
ANEXO L – “Uno de los dueños de la disco Kiss intentó suicidarse en el hospital”	91
ANEXO M – “Frenzied Scene as Toll Tops 200 in Brazil Blaze”	92
ANEXO N – “A brief but frantic struggle for victims of fire in Brazil”	94
ANEXO O – “After fire, some Brazilians fault a nation’s sense of fatalism”	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. ACONTECIMENTO	12
1.1 O acontecimento jornalístico	12
1.1.1 O acontecimento catastrófico	14
1.2 A tragédia de Santa Maria	16
1.2.1 A cobertura jornalística	17
2. ENQUADRAMENTOS	19
2.1 Estudos sobre o enquadramento jornalístico	19
2.2 O valor-notícia proximidade	21
3. METODOLOGIA	24
3.1 Protocolo de análise de cobertura jornalística	24
3.2 Adaptação do protocolo à pesquisa	25
4. ANÁLISE	28
4.1 Zero Hora	28
4.2 Folha de S. Paulo	35
4.3 La Nación	43
4.4 The New York Times	53
4.5 Comparação	61
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXOS	72

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge com o intuito de estudar a cobertura jornalística do incêndio da boate Kiss, ocorrido em Santa Maria no dia 27 de janeiro de 2013 e que resultou na morte de 242 jovens. O fato abalou não só o estado do Rio Grande do Sul, como também o Brasil inteiro, que acompanhou através da mídia os desdobramentos da maior tragédia que os gaúchos já viveram em toda sua história. A tragédia também levantou diversos questionamentos acerca da segurança em casas noturnas e, devido à dimensão do fato, o incêndio também transcendeu às fronteiras do nacional, e foi noticiado pelos principais periódicos de todo o mundo.

Nesse contexto, em que vemos um fato local se tornar global, optamos por analisar os enquadramentos das notícias em quatro jornais de diferentes abrangências: a Zero Hora, oriunda do estado do Rio Grande do Sul; a Folha de S. Paulo, um dos jornais mais conhecidos do Brasil; o periódico argentino La Nación e, talvez um dos jornais americanos mais influentes globalmente, The New York Times.

Temos ciência de que os quatro jornais pesquisados tiveram diferentes condições para fazer a cobertura do incêndio na boate Kiss. Cada um deles está inserido em realidades muito diversas. Isso se reflete tanto no aspecto da cobertura à distância, por agências ou *in loco*, como no aspecto “proximidade” com o tipo de tragédia em questão. Cada publicação tem a sua dimensão geográfica, seu planejamento editorial e diferentes tipos de contrato com os seus leitores. Entretanto, por se tratar de um trabalho de conclusão de curso, necessitamos fazer um recorte bem específico sobre o tema.

Nosso problema de pesquisa pode ser enunciado a partir do seguinte questionamento: que enquadramentos foram utilizados pela imprensa nacional e internacional para configurar o acontecimento do incêndio da boate Kiss? Houve diferença entre eles? É possível identificar se a proximidade ou distância geográfica tiveram alguma importância nas coberturas? No caso do jornal Lá Nación, o fato de o país ter tido uma tragédia semelhante se refletiu na cobertura? Questionamo-nos: os enquadramentos sobre o acontecimento se modificam quando comparamos um jornal estadual, um nacional, um sul-americano e um americano? Responder a esses questionamentos é fundamental e pode contribuir de maneira rica para o campo de pesquisa em jornalismo. Além disso, pode fornecer novos horizontes para coberturas com o mesmo grau de complexidade que venham a ocorrer no futuro.

Assim, nosso objetivo geral se além em compreender que enquadramentos configuram o acontecimento Kiss nos quatro jornais de diferentes dimensões geográficas. Nossos objetivos específicos se constroem em caracterizar o acontecimento Kiss e sua cobertura; entender como

o acontecimento foi construído pelos jornais; contextualizar as principais características dos jornais; verificar se o valor-notícia proximidade interferiu nas matérias; analisar os enquadramentos presentes nas matérias.

O referencial teórico de nosso trabalho de pesquisa se concentra em torno dos conceitos de acontecimento e enquadramento jornalísticos. Respectivamente, destacamos Lage (2014), Alsina (2009), e Traquina (2004), que nos ajudam a entender o que é o acontecimento no âmbito das práticas jornalísticas; e Goffman (1974), Entman (1993), Porto (2002) e Vimieiro e Maia (2011), que servem de base para discorrermos sobre os *frames*, ou enquadramentos jornalísticos.

A metodologia que construímos para realizar a análise das matérias é baseada no protocolo de análise de coberturas jornalísticas de Silva e Maia (2011), no qual optamos por adicionar e excluir elementos. Ao inserirmos a análise de enquadramento no protocolo, usamos a estrutura proposta por Vimieiro e Maia (2011), igualmente com adaptações que se adequavam melhor a nosso trabalho.

Acreditamos que cobrir acontecimentos catastróficos é uma atividade complexa e requer tato e atenção por parte dos jornalistas. Uma tragédia sempre pega a sociedade como um todo desprevenida, e cabe ao jornalista a tarefa árdua de tentar esclarecer os fatos em meio a tantos sentimentos que afloram quando está em jogo o bem mais precioso do ser humano – a vida. Entender como quatro jornais do continente americano retrataram o acontecimento Kiss a partir de diferentes perspectivas é um desafio importante para os estudos em jornalismo. Permite que se perceba de que maneira o fato foi construído conforme os hábitos, cultura e modo de ver o mundo de lugares diferentes.

O que nos motiva pessoalmente a pesquisar sobre o tema nossa presença na cidade da tragédia e o fato de termos acompanhado um acontecimento próximo se tornar global. Santa Maria passou a existir aos olhos do mundo, mesmo que a partir de um acontecimento triste e trágico. Esse é um fenômeno que merece ser estudado.

No primeiro capítulo do presente trabalho, trazemos conceitos sobre o acontecimento jornalístico e o acontecimento catastrófico. Além disso, caracterizamos o acontecimento Kiss e sua cobertura jornalística.

Em um segundo momento, discorreremos sobre o enquadramento jornalístico e seus estudos na área da pesquisa em comunicação; posteriormente, apresentamos algumas reflexões sobre o valor-notícia proximidade.

No terceiro capítulo, apresentamos nossa metodologia baseada no protocolo de análise de coberturas jornalísticas de Silva e Maia (2011), assim como a inclusão da análise indireta de enquadramento jornalístico proposta por Vimieiro e Maia (2011)

No quarto e último capítulo, trazemos a análise dos quatro jornais aqui propostos, com os quadros e os elementos de cada matéria. Aqui, optamos por primeiramente analisar cada periódico individualmente e, posteriormente, estabelecer uma comparação entre eles.

Por fim, em conclusão, retomamos os passos que fizeram o presente trabalho se concretizar, fazendo nossas considerações finais e propondo alguns resultados.

1 ACONTECIMENTO

Neste capítulo, teceremos conceitos e observações pertinentes ao acontecimento como matéria-prima do jornalismo. Procuraremos entender como um fato se torna passível de ser retratado na mídia. Além disso, trataremos mais especificamente do acontecimento catastrófico, que caracteriza o fato em questão neste trabalho.

1.1 O acontecimento jornalístico

Os acontecimentos podem ser considerados a matéria-prima do jornalismo. O que seria da atividade profissional sem os fatos? É possível dizer que, para se ter notícia, é preciso que algo aconteça. Algo que, na teoria, seja de interesse público e se encaixe nos valores-notícia tradicionalmente estabelecidos pelo campo jornalístico. E para ter acontecimento, não basta que ele apenas aconteça - é preciso que seja relatado e/ou presenciado por alguém. Algo precisa acontecer com alguém, para alguém, em algum lugar, em um determinado tempo. Daqui, parte-se para a noção de acontecimento jornalístico, que vem sendo estudada ao longo dos anos por diversas vertentes.

Um fato só se torna acontecimento a partir do momento em que ele é percebido e relatado pelos sujeitos. No caso do acontecimento jornalístico, França (2014) nos mostra que ele é resultado de um discurso que faz com que o fato bruto se torne um acontecimento válido de ser entendido pelos receptores. Ao citar Quéré, o autor ainda enfatiza o papel da mídia como exemplo para observarmos os campos problemáticos que se formam em torno de um acontecimento: “Todos os atores sociais (cidadãos, políticos, agências, instituições etc.) contribuem em conjunto para a construção do inquérito em torno do acontecimento, em um debate público cujos suportes e arena são múltiplos” (FRANÇA, 2014, p. 84).

Mas além disso, essa transformação do fato bruto no acontecimento também depende de outras variáveis.

[...] a atividade de transformação da instância midiática não se exerce de qualquer maneira; depende das propriedades potenciais do fato bruto e do contrato de comunicação que o vincula ao consumidor de informação. Assim, os diferentes meios de comunicação produzem acontecimentos de acordo com as expectativas de seu público. (FRANÇA, 2014, p. 86-87)

A partir dessa ideia, podemos refletir o porquê de muitas vezes um fato ser relatado em um veículo de comunicação e ser "ignorado" em outros; é um jogo que depende da política editorial do veículo, das rotinas de produção, dos interesses da empresa e do que o público

espera ver naquele veículo. Além disso, existem ainda “acontecimentos que ocorrem independentemente de nossa vontade ou expectativa e há também aqueles que são provocados ou controlados com objetivos estratégicos” (FRANÇA, 2014, p. 82). Pode-se tomar como exemplo manifestações e protestos que são organizados justamente para chamar a atenção da sociedade através da TV e dos jornais.

Pensando o acontecimento jornalístico como um jogo de relações, Lage (2014) destaca que é preciso saber diferenciar o acontecimento do fato em si. A diferença entre ambos não estaria na essência do fenômeno, “mas na forma como são socialmente experimentados e qualificados” (LAGE, 2014, p. 80).

[...] o acontecimento jornalístico nasce no interior de um jogo de interações entre o que ocorre, o que é configurado pelo jornalismo na forma de notícias, reportagens e outras modalidades narrativas, e o que é interpretado pelos sujeitos. (LAGE, 2014, p. 80).

Nesse contexto, o acontecimento jornalístico configura-se em um espaço onde agem três variáveis: o que ocorreu, como a mídia relatou o ocorrido e como o receptor interpreta esse fato. Segundo Alsina (2009), o sujeito observador é decisivo na constituição do acontecimento.

Não existe leitura da realidade que seja descontextualizada e que não esteja objetivada. O sujeito observador é o que lhe confere sentido ao acontecimento. Ou seja, os acontecimentos estariam formados por aqueles elementos externos ao sujeito, a partir dos quais, ele mesmo reconhecerá e construirá o acontecimento. (ALSINA, 2009, p.113)

É possível dizer que tanto o jornalista quanto seu público são sujeitos observadores. O jornalista, ao se deparar com o fato, pinça as fontes e, querendo ou não, acaba por selecionar um enquadramento a partir de sua visão, de suas vivências profissionais e até mesmo a partir da linha editorial da empresa onde trabalha. Ele dá sentido ao acontecimento, até mesmo no formato que escolhe para a notícia. Dessa mesma forma, quem consome o produto final preparado pelo jornalista vai ter sua própria leitura de tal fato, mesmo que através da mediação do profissional.

Os estudos sobre o acontecimento podem ter um tom mais ou menos construcionista. O acontecimento pode ser visto de maneira mais ou menos dependente da interpretação midiática. Os estudos construcionistas emergiram no campo de pesquisa do jornalismo por volta dos anos 70. Esse paradigma encara a notícia como construção social da realidade. Segundo Traquina (2004), “[...] é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os media

noticiosos que devem “refletir” essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade”. Assim, emergiram duas teorias nesse âmbito: a *estruturalista* e a *interacionista*, e as duas possuem a mesma base na forma de enxergar a notícia jornalística.

Para ambas as teorias, as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização. (TRAQUINA, 2004, p. 173.)

Entretanto, existe uma diferença fulcral entre elas. Para a teoria estruturalista, a notícia tem o papel de reforçar a natureza consensual da sociedade, e isso seria uma consequência dos *primary definers*, ou definidores primários da notícia (TRAQUINA, 2004). Por sempre dar voz e preferência às mesmas fontes institucionalizadas, são elas que acabam ditando os valores e de certa forma "comandando" o enquadramento da notícia. Nessa teoria, “as fontes oficiais são encaradas como um bloco unido e uniforme” (TRAQUINA, 2004, p.180).

Por outro lado, a teoria interacionista encara “o processo de produção das notícias como um processo interativo onde diversos agentes sociais exercem um papel ativo no processo de negociação constante” (TRAQUINA, 2004, p.184). Para os interacionistas, a relação jornalista-fonte não é tão engessada – o jornalista não age de maneira tão passiva e não é refém total das fontes. Porém, estando sempre sob pressão por conta do *deadline*, o profissional precisa lidar com o fato de que a notícia não tem hora nem lugar para acontecer, ou seja, é preciso impor ordem no espaço e no tempo (TRAQUINA, 2004).

1.1.1 O acontecimento catastrófico

O incêndio da boate Kiss, acontecimento chave para o presente trabalho, foi um fato de grandes proporções que efetivamente aconteceu, antes mesmo de ser midiático, mas que desde seu início já nasceu como acontecimento de múltiplas possibilidades de narração. Acontecimentos que envolvem a morte de muitas pessoas em decorrência de acidentes, fenômenos naturais ou até mesmo erros humanos provocam comoção e possuem um alto valor-notícia. Esse tipo de fato recebe cobertura intensa da mídia: o incêndio mobilizou um número gigantesco de jornalistas no mundo todo. Por isso, ele se encaixa na definição de Santos (2005) como um *mega-acontecimento*. Segundo Berger e Tavares (2010), esse tipo de fato “ultrapassa, inclusive, os sentidos disponíveis e ofertados *a priori* para sua explicação” (BERGER; TAVARES, 2010, p. 133).

Em nosso trabalho, definimos o caso Kiss como um *acontecimento catastrófico*. Lozano Ascencio (2005) presta importantes contribuições na área de comunicação e catástrofes, e é em seus conceitos que nos baseamos para definir esse tipo de acontecimento.

É possível dizer que, por alterarem irreversivelmente a estabilidade das coisas e serem acontecimentos inesperados, as catástrofes conquistam a atenção do jornalista e ganham espaço nos noticiários. O profissional busca entender o fato e transmitir todos os desdobramentos para quem acompanha a cobertura. Além disso, quem conhece ou habita o que foi alterado por conta de uma catástrofe tem o poder de configurar esse acontecimento e fazê-lo transcender publicamente (LOZANO ASCENCIO, 2005).

Las catástrofes [...] son trastornos destructivos, acontecimientos de cambio repentino, generados por la propia naturaleza, por la intervención de los hombres o por alguna causa ajena al medio ambiente que, al sobrevenir de forma instantánea y/o progresiva, modifican de manera irreversible la estabilidad de un estado de cosas [...] (LOZANO ASCENCIO, 2005, p. 290)

Desde a antiguidade, o ser humano vivencia catástrofes e acontecimentos trágicos que geram mudanças no cotidiano e no espaço dos indivíduos. A diferença é que, hoje em dia, cada vez mais, os acontecimentos catastróficos possuem um grande espaço na mídia. Se antigamente as catástrofes significavam experiência únicas, hoje, mais que outra coisa, são apenas notícias. (LOZANO ASCENCIO, 2005). Assim como qualquer acontecimento jornalístico, o acontecimento catastrófico também precisa ser relatado para ser visto como tal. Segundo o autor, é preciso que se faça seu uso comunicativo.

[...] entendemos que el acontecer catastrófico, por definición, es una noción más cercana al uso comunicativo de los mensajes (que describen e interpretan las consecuencias de los trastornos de los entornos naturales y/o sociales), que a la sola constatación de la existencia y catalogación de dichas eventualidades destructivas. (LOZANO ASCENCIO, 2005, p.289)

Por isso, nem toda catástrofe faz parte do acontecer catastrófico. Destruições, acidentes e variações naturais/sociais podem ocorrer em qualquer lugar, a todo momento – se esses acontecimentos não forem percebidos e não exercerem impacto sob os indivíduos, não se tornarão públicos ou farão parte do agendamento da grande mídia.

De acordo com Lozano Ascencio (2005), o acontecer catastrófico possui cinco componentes básicos: **1) Referências informativas:** mensagens que mencionem um transtorno destrutivo com repercussões sociais descrevendo fatos, danos, perdas, mortes; **2) Emissores:** autoridades e observadores; **3) Receptores:** indivíduos do ambiente afetado, sobreviventes, vulneráveis; **4) Representações:** ideias e imagens sobre catástrofes já existentes na bagagem

cultural dos indivíduos; e **5) Instrumentos tecnológicos:** aparatos de reprodução, ampliação e transmissão de sinais de acordo com a época para facilitar a distribuição das informações.

1.2 A tragédia de Santa Maria

A tragédia da boate Kiss ocorreu no dia 27 de janeiro de 2013 na cidade de Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul. Um incêndio provocado por um artefato pirotécnico matou 242 jovens e deixou outros 680 feridos; o fato teve um grande impacto não só no estado, mas em todo o país.

A festa era organizada por estudantes dos cursos de Agronomia, Pedagogia, Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal de Santa Maria. Denominada “Agromerados” e marcada para iniciar às 23h do dia 26 de janeiro, a festa foi organizada para arrecadar fundos para a formatura dos acadêmicos. Por volta das 3h da manhã, o vocalista do grupo que se apresentava, Gurizada Fandangueira, acionou um artefato pirotécnico que soltava faíscas; o fogo entrou em contato com o teto, que era revestido de uma espuma que, quando entrava em combustão, liberava uma fumaça altamente tóxica. O vocalista da banda tentou apagar o fogo com extintores e água, mas não obteve sucesso. O incêndio se alastrou rapidamente, causando pânico nos frequentadores da casa noturna. Estima-se que, naquela noite, haviam quase mil pessoas na boate, número acima da capacidade de lotação do local.

Inicialmente, testemunhas relatam que os seguranças que ficavam na porta da Kiss teriam barrado os clientes na saída. Não sabendo da situação, cobravam o pagamento das comandas. Algumas pessoas correram até os banheiros, achando que era a porta de saída. A grande maioria das vítimas morreu por asfixia, já que a casa noturna não possuía saída de emergência e disponibilizava apenas uma porta de entrada.

Nos dias que se seguiram após o incêndio, viu-se dor, lágrimas e clamor por justiça. As autoridades investigavam e procuravam respostas para tamanha tragédia. A boate Kiss apresentava uma série de irregularidades, como alvará de incêndio vencido, falta de saídas de emergência, superlotação e espuma de isolamento acústico feita de material inapropriado. As investigações incluíram processos judiciais, um inquérito policial e uma comissão parlamentar de inquérito.

No dia 27 de julho de 2016, três anos e seis meses após o incêndio, o juiz responsável pelo processo criminal da tragédia determinou que os quatro réus vão à júri popular: eles são os dois ex-sócios da boate Kiss e os dois músicos da banda Gurizada Fandangueira.

1.2.1 A cobertura jornalística

A cobertura da tragédia da boate Kiss teve uma repercussão em larga escala por todo o país. Naquela manhã de domingo, a população brasileira acordava em choque com as notícias que já se disseminavam pelos mais diversos meios de comunicação: televisão, rádio, redes sociais e portais de notícias.

Coube a mídia, diante de toda aquela situação confusa e chocante, tentar apurar informações - como centenas de jovens perdem a vida da noite para o dia durante um momento que era para ser de diversão. À medida que os fatos iam sendo apurados, foi possível esclarecer que a boate funcionava em situação irregular, e que naquela noite a lotação do lugar estava muito acima do permitido. Todo o processo de atendimento às vítimas, identificação de corpos, velório, assistência às famílias, desdobramentos e investigação da tragédia foi acompanhado e transmitido pela mídia durante o domingo e nos dias subsequentes. Conforme observa Moretzsohn (2014),

A tragédia de Santa Maria teve repercussão internacional, interrompendo a programação das TVs, ganhando destaque nos sites e nas capas dos jornais do dia seguinte. No Brasil, a semana começou com a devida ênfase ao evento, e o noticiário se distribuiu entre a busca de culpados, a denúncia de irregularidades em casas noturnas pelo país afora – o que motivou uma corrida das autoridades para dar uma “resposta” imediata a essa inesperada exposição midiática, fechando vários estabelecimentos no Rio, em São Paulo e outras cidades – e o relato dramático dos que escaparam e dos que haviam perdido seus filhos, parentes próximos ou amigos. (MORETZSOHN, 2014, p. 101).

A cobertura do incêndio da Boate Kiss mobilizou equipes de jornalismo de todas as emissoras do país. O dia 27 de janeiro de 2013 amanheceu de forma atípica para essa categoria de profissionais – acostumados a terem o dia de domingo como mais “tranquilo”. Nesse sentido, apontamos para o trabalho de Motta de Oliveira (2016), que trata da participação dos testemunhos na cobertura jornalística ao vivo do fato. Repórter da RBS TV Santa Maria (afiliada Rede Globo) na época da tragédia, a jornalista participou diretamente da cobertura e vivenciou a dificuldade de relatar um fato que envolveu a morte de tantas pessoas. Sua dissertação de mestrado fornece um bom panorama de como foi a movimentação dos jornalistas locais, regionais e nacionais no dia do incêndio.

Ainda sem a dimensão do acontecimento, os primeiros repórteres que chegaram à frente da boate Kiss encontraram o caos: muita fumaça, jovens desacordados, pessoas sendo reanimadas nas calçadas, o vaivém de ambulâncias, o desespero de voluntários e bombeiros que tentavam retirar do prédio frequentadores ainda com vida e, por fim, a aglomeração de corpos cobertos por lonas. Uma catástrofe que mobilizou veículos de comunicação de

todo o mundo e apresentou aos jornalistas um desafio: apurar – o mais rápido possível – o que havia provocado tantas mortes em uma cidade de pouco mais de 280 mil habitantes, no extremo sul do Brasil. Era preciso contar a tragédia ao vivo. (MOTTA DE OLIVEIRA, 2016, p. 15).

As informações iniciais sobre o incêndio foram veiculadas através da televisão nas primeiras horas da manhã. A programação da Rede Globo no domingo é composta por programas de esporte e entretenimento - não são veiculados telejornais que mostrem notícias factuais. Para informar ao país o que havia acontecido em Santa Maria, toda a rotina de programação dominical foi alterada. "O telespectador viu intervalos comerciais serem substituídos por participações de repórteres, programas esportivos passaram a abordar a tragédia e testemunhos de sobreviventes tomarem conta da programação" (MOTTA DE OLIVEIRA, 2016, p. 15).

Já na tarde de domingo, Santa Maria recebia profissionais de todas as partes do Brasil e também de outros países. A cidade foi manchete na televisão, no rádio, na internet e nos jornais impressos – era um acontecimento que chocava o país e o mundo. “A mídia repetia *ad nauseam* as poucas imagens da tragédia enquanto buscava atualizar os números de mortos e feridos, entender o que tinha acontecido na boate e apontar responsáveis: a repercussão do caso atingia proporções globais” (KURTZ, 2014, p. 74).

2 ENQUADRAMENTOS

Neste capítulo, apresentaremos um breve ensaio sobre o enquadramento jornalístico, enfatizando autores que contribuem para os estudos desse tema. Em um segundo momento, apresentamos o valor notícia proximidade, que constitui um de nossos elementos de análise.

2.1 Estudos sobre o enquadramento jornalístico

Falar sobre enquadramento não é uma tarefa fácil. Apesar de o assunto já ter sido tema de estudo de diversos autores, ainda gera dúvidas em torno de seu conceito e de seus aspectos metodológicos na pesquisa científica, principalmente na área da comunicação. Segundo Pozobon e Schaefer (2014), é preciso sistematizar e estabelecer alguns parâmetros a partir dos quais o conceito vai ser estudado. Mas antes de tudo, retomemos alguns estudos que podem servir de chave para o entendimento da temática. Afinal, o que é o enquadramento jornalístico?

É necessário contextualizar que os estudos sobre enquadramento receberam grandes contribuições do sociólogo estadunidense Ervin Goffman. De acordo com ele, é a partir da pergunta “O que está acontecendo aqui?” que formulamos uma percepção sobre os acontecimentos e situações de acordo com “*frames*”, ou quadros (GOFFMAN, 1974). Ao discorrer sobre o autor, Porto (2002) conclui que “enquadramentos são entendidos como marcos interpretativos mais gerais construídos socialmente que permitem as pessoas fazer sentido dos eventos e das situações sociais” (PORTO, 2002, p. 04).

Imagine que iremos tirar uma fotografia: estamos em uma festa. Nós procuramos enquadrar a imagem de uma maneira geral – buscando que a foto proporcione uma visão de “todo” o salão. As pessoas dançam e bebem na pista de dança. O resultado é que justamente é impossível mostrarmos o “todo” desse acontecimento. A fotografia vai revelar apenas uma parte do que estava acontecendo: o contexto e os indivíduos que estavam naquele espaço e naquele tempo, de acordo com o ângulo que enquadrámos a câmera. Quem ou o que estava fora do “frame”, simplesmente não é retratado. É assim que acontece com a notícia: o jornalista, sempre que cobre um fato, enquadra o acontecimento a partir de uma perspectiva que leva em conta uma série de fatores que influem no processo de construção da notícia.

Os frames são analisados com o auxílio das analogias dos enquadramentos na imagem (fotográfica, cinematográfica, etc.) ou dos conjuntos matemáticos. Nesse sentido, apresentam-se como dispositivos simultaneamente inclusivos e exclusivos, porque ao incluírem certas ações e mensagens excluem outras. Assim, o enquadramento é um tipo de mensagem que visa ordenar ou organizar a percepção do observador, dizendo: “Tenha em conta o que está dentro e não que está fora”. (CORREIA, 2009, p. 69)

Dessa forma, é possível dizer que o jornalismo é uma construção social da realidade, pois são pinçados elementos que captam o fato a partir de uma determinada percepção – nunca a partir do todo real. Nesse contexto, Gaye Tuchman (1978) afirma que “o trabalho jornalístico transforma os acontecimentos em eventos noticiosos” (TUCHMAN, 1978, p. 12). Para que um acontecimento seja notícia, ele deve corresponder à ideia do que é considerado notícia para a sociedade.

A estrutura social produz normas, incluindo atitudes que definem aspectos da vida social que são de interesse ou importância aos cidadãos. As notícias supostamente dizem respeito a esses tópicos reconhecíveis. Socializados a essas atitudes sociais e a normas profissionais, os jornalistas cobrem, selecionam e disseminam histórias sobre temas identificados como interessantes ou importantes. Por conta do cumprimento dessa função por parte dos jornalistas, as notícias refletem a sociedade: as notícias fornecem à sociedade um espelho de suas preocupações e interesses. Para a definição de notícia de uma sociedade mudar, é lógico, a estrutura da sociedade e suas instituições devem mudar primeiro. (TUCHMAN, 1978, p. 183) [tradução nossa].

Ainda no contexto do enquadramento, Robert Entman (1993) também é um grande expoente nos estudos dos *frames*. Segundo ele:

O enquadramento envolve essencialmente *seleção* e *saliência*. Enquadrar é *selecionar alguns aspectos da realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto, de tal maneira a promover uma definição de um problema particular, interpretação causal, avaliação moral, e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito.* (ENTMAN, 1993, p. 52; itálico no original; tradução nossa¹).

A análise dos enquadramentos noticiosos pode oferecer uma maneira de compreender o poder de um texto comunicativo. Além disso, possibilita entender como a influência sobre a consciência humana é exercida através da transferência de uma informação (seja um discurso, uma locução, um acontecimento) para essa consciência (ENTMAN, 1993).

Retomando Pozobon e Schaefer (2014) após essa breve discussão teórica, os autores abordam que é preciso sistematizar o estudo sobre o enquadramento, para que não se caia em um “indeterminismo ou confusão teórica” (POZOBON; SCHAEFER, 2014, p. 166). Segundo eles, é preciso situar a pesquisa quanto à *fonte do processo*, à *operacionalização* e à *aplicação*. Na primeira instância, em relação à fonte, tem-se os **enquadramentos noticiosos**, que são “padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos” (PORTO, 2002, p. 15) e os **enquadramentos interpretativos**, que dizem respeito a uma avaliação particular de temas e que são promovidas por atores sociais diversos (PORTO, 2002).

No que diz respeito à operacionalização dos enquadramentos, Scheufele (1999, apud POZOBON; SCHAEFER, 2014) dividiu-os em enquadramentos como variáveis **dependentes** e **independentes**.

De acordo com Scheufele (1999), os estudos dos enquadramentos como variáveis dependentes examinam o papel de vários fatores que influenciam a criação ou modificação dos enquadramentos. No nível midiático, o enquadramento de um assunto pelos jornalistas pode ser influenciado por variáveis socioestruturais ou organizacionais e por variáveis individuais ou ideológicas. Em nível da audiência, o enquadramento como uma variável dependente está relacionado a como os receptores são influenciados pela mensagem transmitida pela mídia, ou seja, o enquadramento é examinado como resultado direto do modo como a mídia enquadra determinado assunto. Já os estudos em que os enquadramentos servem como variáveis independentes, segundo Scheufele (1999), voltam-se geralmente aos efeitos do enquadramento. No caso da mídia, os resultados dos enquadramentos estão ligados diretamente à percepção dos receptores e, no caso da audiência, a pesquisa investiga se o enquadramento individual dos assuntos influencia a avaliação de atores políticos. (POZOBON; SCHAEFER, 2014, p. 164).

Em terceira instância, de acordo com Vimieiro (2010, apud POZOBON; SCHAEFER, 2014, p. 164), existem estudos que dividem as pesquisas em aquelas que aplicam o conceito de enquadramento de **forma mais restrita**, e aquelas que preferem um **aspecto mais amplo**. As primeiras, adotariam uma perspectiva textual, e as últimas, uma perspectiva cultural.

Durante o presente ensaio teórico, o enquadramento revelou-se um tema versátil e que requer cautela no que diz respeito a seu uso em pesquisas no âmbito do jornalismo. Entretanto, acreditamos que ele se aplica de forma válida na análise que esse trabalho se propõe a fazer. Estudar o enquadramento das notícias sobre o acontecimento Kiss em jornais de diferentes países pode trazer resultados enriquecedores, que nos permitirão comparar os fatores específicos que contribuíram na cobertura da catástrofe por cada veículo de comunicação. Ainda é necessário muito amadurecimento acerca do assunto, mas pensamos que os conceitos aqui apresentados são importantes para “determinar com mais segurança parâmetros metodológicos para o desenvolvimento dos estudos” (POZOBON; SCHAEFER, 2014, p. 166).

2.2 O valor-notícia proximidade

Diante de todo o cenário do acontecimento jornalístico e suas implicações, questionamos: quem decide o que é notícia? Hohlfeldt (2001) discorre sobre a hipótese do *newsmaking* e contribui com ideias claras e diretas sobre o assunto.

As convenções da organização deste trabalho [do jornalista] determinam e definem o que seja notícia e legitimam o processo produtivo das mesmas, constituindo o conceito de noticiabilidade, ou seja, a aptidão potencial de um fato para se tornar notícia ou, dito de outro modo, o conjunto de requisitos que se exige de um acontecimento para que ele adquira existência enquanto notícia; ou ainda, o conjunto de critérios que operacionalizam instrumentos segundo os quais os meios de comunicação de massa escolhem, dentre múltiplos fatos, aqueles que adquirirão o status da noticiabilidade. (HOHLFELDT, 2001, p. 208).

Os jornalistas possuem uma espécie de cultura própria para avaliar quais acontecimentos merecem ou não terem espaço na mídia. Essa cultura é baseada no que Wolf (1999) chama de critérios de noticiabilidade que são estabelecidos em valores-notícia, cujos critérios Pena (2005) expõe em sua obra. Esses critérios estariam divididos por categorias: substantivas, que dizem respeito às pessoas envolvidas no fato e o grau de interesse público; relativas ao produto, que se referem à brevidade, atualidade, qualidade e equilíbrio; relativas ao meio de informação, que consideram as especificidades do veículo jornalístico; relativas ao público, que falam sobre critérios como serviço e protetividade; e relativas à concorrência, que consideram o furo jornalístico como mais importante (Pena, 2005).

Assim, na teoria, é o próprio jornalista quem de fato decide o que é notícia, baseando-se em critérios essenciais para a seleção dos fatos. Mas acreditamos que a discussão pode ir a um nível mais profundo: os valores-notícia não são engessados e comuns a qualquer veículo de comunicação. De acordo com Guerra (2014), deve-se considerar duas variáveis a partir dessa perspectiva, que constituiriam o que o autor chama de “valores-notícia de referência”: noticiar o que as audiências julgam importante e desejam estar informadas sobre; e estabelecer valores-notícia que vão de encontro com a capacidade organizacional da instituição jornalística.

A distinção entre valor-notícia, como conceito, e valor-notícia de referência, como uma tipologia de regras práticas que recomendam ou não a inclusão de um fato no noticiário, decorre da necessidade de reconhecer a diferença entre a necessária existência de parâmetros de relevância que recomendam a inclusão de um fato no noticiário e os parâmetros efetivamente usados por organizações jornalísticas para avaliar os fatos que devem entrar no noticiário sob sua responsabilidade. Ou seja, sempre, em qualquer tempo e lugar, a atividade jornalística deverá recorrer a parâmetros de relevância, mas a definição de quais serão os parâmetros efetivamente usados vai depender de uma série de condições, sejam elas culturais, institucionais, organizacionais ou qualquer outra, que se combinam numa determinada forma, a dos valores-notícia de referência. (GUERRA, 2014, p. 47).

Apesar de não tratarmos do acontecimento Kiss a partir dos critérios de noticiabilidade usados pelos jornais, trazemos para o debate sobre enquadramento um valor-notícia em especial: o da proximidade. Tomamos esta decisão para considerarmos se a proximidade

geográfica ou mesmo a proximidade com este tipo de tragédia tem alguma influência nos enquadramentos das publicações.

Integra nosso problema de pesquisa a variável da distância que os jornais têm do fato. Um fato pode ter maior potencial de noticiabilidade por muitos motivos e a proximidade é um deles. Algo que é próximo geograficamente de uma comunidade tem mais chance de ser noticiado para ela. Mas a proximidade não é apenas geográfica, ela também pode ser de outras ordens, como a proximidade diante de fatos semelhantes. Esta proximidade pode influenciar no enquadramento adotado.

Fernandes (2014) reforça a ideia da existência desses dois tipos de proximidade: a geográfica, que abrange a dimensão espacial, ou seja, fatos que acontecem próximos geograficamente ao público; e a temática, que tem o foco voltado ao assunto, independentemente da distância espacial.

Podemos observar que, mesmo que um fato tenha acontecido a uma distância muito grande, em alguns casos pode existir uma ligação que é psicológica entre duas sociedades.

Actualmente, la mayoría de las noticias contienen actualidad, proximidad, prominencia, y, sobre todo, conflicto y consecuencias. La gente está interesada por conocer lo que ocurre en un entorno cercano, y por cercanía debe entenderse no sólo la geográfica sino la social o incluso psicológica. Tiene tanto atractivo conocer lo que ha sucedido en el barrio como lo acaecido a un determinado grupo social al que nos sentimos vinculados, aunque se haya producido a miles de kilómetros. [...] La proximidad es uno de los factores más poderosos a la hora de elegir una noticia. (FONTCUBERTA, 1993, p. 45)

É importante ressaltar que os países dos jornais La Nación (Argentina) e The New York Times (Estados Unidos da América) viveram tragédias semelhantes à da boate Kiss: os incêndios das boates República Cromañon (2004) e The Station (2003), respectivamente. Ambas as tragédias também vitimaram centenas de jovens.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico baseado em adaptações que utilizamos para atingir os objetivos propostos para a presente pesquisa.

3.1 Protocolo de análise de cobertura jornalística

Para analisar a cobertura jornalística dos quatro jornais escolhidos (Zero Hora, Folha de S. Paulo, La Nación e The New York Times), delimitamos um espaço de tempo para selecionar as matérias. A tragédia da boate Kiss ocorreu no dia 27 de janeiro de 2013 e a cobertura jornalística transcorreu por várias semanas após o acontecido. Levando em conta que optamos por analisar quatro jornais e não conseguiríamos abarcar matérias de uma grande quantidade de dias, nosso *corpus* ficou delimitado da seguinte forma: selecionamos a matéria principal de cada edição nos quatro primeiros dias após a tragédia.

	28/01/2013	29/01/2013	30/01/2013	31/01/2013
Zero Hora	Matéria 01	Matéria 02	Matéria 03	Matéria 04
Folha de S. Paulo	Matéria 05	Matéria 06	Matéria 07	Matéria 08
La Nación	Matéria 09	Matéria 10	Matéria 11	Matéria 12
The New York Times	Matéria 13	Matéria 14	Matéria 15	X

Dessa forma, nosso corpus é constituído de 15 matérias jornalísticas sobre a tragédia da boate Kiss, levando em consideração que a edição do dia 31 de janeiro de 2013 do jornal The New York Times não publicou nenhuma matéria sobre o tema.

A metodologia escolhida para a análise de nosso *corpus* é proposta por Silva e Maia (2011). Trata-se do *protocolo de análise de cobertura jornalística*, que se divide em três níveis de análise: 1) marcas da apuração; 2) marcas da composição do produto e 3) aspectos da caracterização textual (SILVA; MAIA, 2011). Segundo os autores elaboradores da metodologia:

O protocolo de análise de cobertura jornalística pode ser usado para investigar como um determinado veículo estrutura a cobertura de assuntos em geral ou de acontecimentos específicos, verificando as marcas das técnicas e estratégias de apuração e composição da matéria jornalística a respeito de qualquer tema/assunto/acontecimento. Também é indicado para comparar tais marcas e estratégias em diferentes veículos, seja sobre um caso particular no momento presente ou temáticas que se repetem. Além disso, comporta o estudo de processos produtivos do passado, bem como de transformações na cobertura ao longo do tempo, sobretudo quando o corpus envolve um recorte temporal extenso. (SILVA; MAIA, 2011, p. 32).

De acordo com os autores, o **primeiro nível** busca aspectos da apuração em si, levando em conta os seguintes elementos:

- a) Assinatura – quem escreveu a matéria? Foi um correspondente? Enviado especial? Jornalista de redação?
- b) Local da apuração – o jornalista foi até o local do fato?
- c) Origem da informação – que fontes foram utilizadas? A informação foi de primeira ou segunda mão?

O **segundo nível** busca abranger o conjunto inteiro do produto com os seguintes elementos:

- a) Gênero do texto – é uma nota? Uma entrevista? Uma reportagem?
- b) Localização do texto – em qual página? Em que editoria?
- c) Recursos visuais – a notícia traz foto? Infográfico? Tabela?

O **terceiro nível** detecta o contexto de produção da notícia:

- a) Contexto interno – características do veículo, rotina produtiva, etc.
- b) Contexto externo – conjuntura sócio-histórico-cultural da época.

3.2 Adaptação do protocolo à pesquisa

Entretanto, baseando-nos em nossos objetivos, optamos por construir uma adaptação da metodologia original proposta por Silva e Maia (2011). Percebemos que alguns itens não seriam necessários para nossa pesquisa, e decidimos mover e acrescentar itens no modelo, por considerarmos que o mesmo, em sua forma original, poderia não dar conta de nossos objetivos. Nesse contexto, nosso protocolo fica configurado da seguinte forma:

PRIMEIRO NÍVEL DE ANÁLISE - o contexto de produção das notícias nos jornais selecionados:

- a) Contexto interno – informações mínimas sobre as publicações;
- b) Contexto externo – conjuntura sócio-histórico-cultural da época.

O primeiro item do protocolo será seguido à risca, tendo em vista a importância de caracterizar os veículos, embora sem ênfase nas suas rotinas produtivas, impossíveis de serem aferidas neste trabalho. Para fins de contexto interno consideraremos as informações mínimas sobre os jornais e para fins de contexto externo, consideraremos o contexto da tragédia, sua

descrição, bem como considerações sobre tragédias semelhantes em países como a Argentina, por exemplo, que podem ter influenciado na cobertura.

SEGUNDO NÍVEL DE ANÁLISE - aspectos da apuração:

- a) Assinatura – quem escreveu a matéria? Foi um correspondente? Enviado especial? Jornalista de redação?

De acordo com nossa proposta de pesquisa, consideraremos apenas o primeiro item, visto que não há como nos certificar se o jornalista foi até o local do fato. Sobre a origem da informação, optamos por não a analisar, visto que nos centraremos no enquadramento da cobertura.

TERCEIRO NÍVEL DE ANÁLISE - o produto:

- a) Enquadramento – que enquadramento a notícia traz?

Neste item sobre o produto, não traremos os três itens originais, mas acrescentamos a análise de enquadramento. Com base especialmente no título, no lead, e em trechos das matérias, buscaremos as especificidades dos enquadramentos de cada notícia. Para isso, utilizamos a análise indireta de enquadramentos da mídia proposta por Vimieiro e Maia (2011). O método das autoras é baseado no método proposto por Matthes e Kohring (2008), que desmembra o enquadramento em elementos (VIMIEIRO; MAIA, 2011).

[...] nossos elementos de enquadramento tentam detectar nos textos, a partir de aspectos mais objetivos e, portanto, menos complexos, aqueles princípios mais abstratos que formam os enquadres. Partimos da premissa que a conjugação de elementos passíveis de serem codificados mais objetivamente do que o enquadramento em si fornece as pistas para compreender um dado frame no texto. Logo, na codificação ou na aplicação empírica do conceito de enquadramento, torna-se mais fácil identificar elementos que juntos podem expressar um frame. Este procedimento pode fornecer uma confiabilidade e também uma validade mais significativa à pesquisa do que a detecção direta dos próprios enquadramentos. (VIMIEIRO; MAIA, 2011, p. 240)

Esses elementos são propostos por Gamsom e Modigliani (1989) na forma de “pacotes interpretativos”.

Segundo os autores, os “pacotes interpretativos” (interpretative packages) têm uma estrutura interna que abriga uma ideia organizadora central, o enquadramento. Os pacotes oferecem um número de símbolos condensados – eles chamam de dispositivos – que sugerem o cerne do enquadramento. (VIMIEIRO; MAIA, 2011, p. 241)

Dessa forma, os dispositivos simbólicos são divididos entre os de *enquadramento* e os de *justificação*.

Dispositivos de enquadramento:	Dispositivos de justificação:
METÁFORAS	ORIGENS OU CAUSAS
EXEMPLOS	CONSEQUÊNCIAS OU EFEITOS
SLOGANS OU CHAVÕES	APELO A PRINCÍPIOS
REPRESENTAÇÕES	
IMAGENS VISUAIS	

A fim de simplificar nossa análise, e devido a singularidade do acontecimento Kiss e de sua cobertura, excluímos elementos que não consideramos pertinentes em nosso trabalho. A respeito dos dispositivos de enquadramento, mantemos apenas as **metáforas**, que podem nos ajudar a detectar aspectos emocionais e sensacionalistas nas matérias; e as **representações**, que nos permitiram criar 15 categorias após a leitura das notícias. As categorias de representações nos ajudam a detectar no texto os enquadramentos presentes nas matérias. Elas “representam” uma ideia, e até mesmo um juízo de valor. Segundo Rothberg (2014), a representação vai de encontro com o enquadramento.

Representar não é apenas expressar, mas também deixar de expressar; é reter, cortar, selecionar e encaixar a partir do que não foi eliminado. E o que foi cortado pode ser mais importante na composição do significado contido em uma representação - que diz mais, justamente, não pelo que revela, mas pelo que omite. [...] Uma representação é, assim como um enquadramento, uma apropriação particular de sentido que opera vínculos e limpa o terreno simbólico para proporcionar a proeminência de dada perspectiva. (ROTHBERG, 2014, p. 412-413).

Quanto aos dispositivos de justificação, mantemos apenas as **origens ou causas**, que nos apontam o que causou a tragédia e nos forneceram 3 categorias após a leitura das matérias. Em nossa análise das 15 matérias, nosso protocolo final observou as seguintes questões:

Assinatura da matéria
Categorias de representação (enquadramento)
Causas (justificação)
Metáforas

4 ANÁLISE

O presente capítulo é todo dedicado à análise de nosso corpus. Após a leitura das matérias selecionadas, criamos 18 categorias, sendo 15 de representação e 3 de causas. Elas estarão destacadas ao longo do texto no estilo *itálico* e sem aspas.

4.1 ZERO HORA

O primeiro jornal que compõe nossa análise é o periódico Zero Hora, líder em circulação no Rio Grande do Sul. A “Zero”, como é carinhosamente conhecida pelos gaúchos, foi fundada em 1964 pelo jornalista Ary de Carvalho. Em 1970, o jornal passou a ser controlado e administrado pelo Grupo RBS, um dos maiores conglomerados de mídia brasileiros. Atualmente, o tabloide tem periodicidade diária com circulação de 200 mil exemplares, número que engloba também o estado de Santa Catarina.

A Zero Hora, por ser um jornal tradicional entre o povo gaúcho, teve papel ativo na cobertura do incêndio da boate Kiss. Por existir um jornal também pertencente ao Grupo RBS na cidade de Santa Maria (Diário de Santa Maria), a Zero Hora já possuía “equipes deslocadas” até o lugar da tragédia. A primeira edição do jornal logo após o incêndio, publicada no dia 28 de janeiro de 2013, foi quase que um especial inteiramente dedicado ao acontecimento (a não ser pelo Segundo Caderno, que trata de diversidades e entretenimento).

Para a presente análise, selecionamos quatro matérias; uma de cada edição durante os primeiros quatro dias de cobertura da tragédia. Da edição do dia 28 de janeiro de 2013, selecionamos a matéria de introdução do jornal, que não possui título e tenta explicar o que havia acontecido em Santa Maria na madrugada anterior; referente ao dia 29 de janeiro de 2013, selecionamos a matéria intitulada “*Desrespeito a normas básicas*”; no dia 30 de janeiro de 2013, trabalhamos com a matéria “*O dia do empurra*”; e por fim, da edição do dia 31 de janeiro de 2013, selecionamos a matéria de manchete “*Empresa de bombeiros assessorou boate Kiss*”.

Aplicando o protocolo de análise de cobertura jornalística de Silva e Maia (2011), juntamente com a análise de enquadramento proposta por Vimieiro e Maia (2011), detectamos nas matérias de Zero Hora elementos que contribuíram para a configuração do acontecimento Kiss no Rio Grande do Sul. Veremos, primeiramente, os dispositivos de representação.

Nas matérias dos dias 28/01/13 e 30/01/13, encontramos frases e trechos que tentam dar ao leitor uma *dimensão da tragédia*: o uso de superlativos como “[...] a maior tragédia que o Estado já teve de enfrentar” (p. 04) e “[...] uma das mais desesperadas operações de resgate de que o

Rio Grande do Sul já teve notícia” (p. 04) simbolizam de forma clara a intenção de destacar ao leitor a gravidade e singularidade do fato.

O *drama das vítimas e familiares* do incêndio se reflete na reportagem do dia 28/01/13, um dia após a tragédia. A narrativa jornalística busca mostrar ao leitor através das palavras o que os estudantes que estavam dentro da boate Kiss viveram: “sufocados pela fumaça negra, eles só tinham uma chance de viver [...]” (p. 04); “o fogo transformou o oxigênio em fumaça, e a festa, em luta desesperada pela sobrevivência” (p. 04). Quem se dispôs a ajudar de alguma forma naquela noite foi reconhecido pela *solidariedade*: “Houve voluntários que entraram na boate enfumaçada para salvar e somaram-se ao cômputo das vítimas” (p. 04).

Foi possível detectar que a cobertura de Zero Hora assumiu um tom de *busca por respostas*. As matérias dos dias 28, 30 e 31 de janeiro tentavam explicar o que parecia inexplicável, visto que o estado do Rio Grande do Sul estava em choque com tamanha tragédia. As perguntas eram inúmeras: “Por que fazer um show pirotécnico em um ambiente fechado? Por que o alvará de incêndio estava vencido?” (p. 04). Além disso, acompanhar o desdobramento dos fatos e a investigação da polícia também contribuiu para que a cobertura assumisse tal viés. A *prisão dos investigados* (membros da banda Gurizada Fandangueira e sócios-proprietários da boate) foi noticiada no dia 29/01/13.

Quando os órgãos públicos e as autoridades começaram a se pronunciar sobre o que havia ocorrido na noite do dia 27 de janeiro, o embate *prefeitura vs. corpo de bombeiros* se fez notar na matéria do dia 30/01/13. Ambas as instituições tentavam se livrar da “responsabilidade” de fiscalizar a casa noturna. Dessa forma, as matérias geraram uma simbólica *busca por culpados*, como podemos notar no trecho “[...] o major, exaltado, disse que “a culpa” pelo incidente não pode ser atribuída à sua equipe [...]” (p. 04).

No que se refere aos dispositivos de causas da tragédia, as *irregularidades na boate* estão presentes em todas as quatro matérias analisadas. Na verdade, sentimos que elas foram o carro-chefe da cobertura jornalística da Zero Hora acerca do fato: o alvará dos bombeiros estava vencido; não havia saída de emergência e a porta de saída central era muito estreita; o vocalista usara um objeto pirotécnico que era proibido para ambientes fechados; entre outros fatores que contribuíram para que, o que era para ser uma noite de diversão, acabasse por ceifar a vida de 242 jovens.

A *falta de fiscalização* por parte dos órgãos públicos foi detectada nas matérias dos dias 29, 30 e 31 de janeiro. O trecho “além das causas da tragédia, a polícia terá de apurar porque autoridades diminuem a importância de problemas estruturais considerados graves por

especialistas” mostra que a falta de fiscalização vem das próprias autoridades, que provavelmente faziam pouco caso sobre regras de segurança.

No que se refere às vítimas do incêndio, a matéria do dia 28/01/13 aponta de forma dramática a *causa mortis* dos jovens: “A maior parte das mortes ocorreu por asfixia, algumas a poucos passos do ar da noite. É possível que parte dos mortos tenha sido pisoteada. Alguns queimaram” (p 04).

Finalmente, ao analisarmos as metáforas encontradas nas matérias, percebemos o impacto emocional que a tragédia causara não só na população, mas também nos profissionais da imprensa.

Quadro 1- Matéria introdutória

28/01/2013

Assinatura	S/A
Representações	- <i>Dimensão da tragédia</i> “[...] a maior tragédia que o Estado já teve de enfrentar”. (p. 04) “O Rio Grande do Sul despertou ontem dentro do pior dos pesadelos”. (p. 04) “O absurdo tornara-se realidade”. (p. 04) “[...] uma das mais desesperadas operações de resgate de que o Rio Grande do Sul já teve notícia”. (p. 04) “Pôs um fato local nas manchetes da imprensa internacional como nunca antes ocorrera”. (p.04)
	- <i>O drama das vítimas</i> “O fogo transformou o oxigênio em fumaça, e a festa, em luta desesperada pela sobrevivência”. (p. 04) “Sufocados pela fumaça negra, eles só tinham uma chance de viver [...]”. (p. 04)
	- <i>Solidariedade</i> “Houve voluntários que entraram na boate enfumaçada para salvar e somaram-se ao cômputo das vítimas”. (p. 04)
	- <i>Busca por respostas</i>

	<p>“Por que fazer um show pirotécnico em um ambiente fechado? Por que o alvará de incêndio estava vencido? Por que faltaram alternativas para a evacuação de emergência? Por que a segurança da casa teria tentado barrar a saída dos jovens?”. (p. 04)</p>
Causas	<p>- <i>Irregularidades na boate</i></p> <p>“[...] um sinalizador lançado como parte do espetáculo fez arder a espuma para isolamento acústico que reveste o teto da boate. O fogo transformou o oxigênio em fumaça, e a festa, em luta desesperada pela sobrevivência”. (p. 04)</p> <p>“[...] alcançar a única porta do estabelecimento, com cerca de dois metros de largura”. (p. 04)</p> <p>“Era pouca saída para tanta gente” (p. 04)</p>
	<p>- <i>Causa Mortis</i></p> <p>“A maior parte das mortes ocorreu por asfixia, algumas a poucos passos do ar da noite. É possível que parte dos mortos tenha sido pisoteada. Alguns queimaram”. (p. 04)</p>
Metáforas	<p>“O mundo estava sangrando por Santa Maria”. (p. 04)</p> <p>“Ela pôs Santa Maria a chorar diante das duas centenas de corpos enfileirados para reconhecimento no Ginásio Farrezão, mergulhou os gaúchos em negro luto [...]”. (p. 04)</p> <p>“Converteu o Rio Grande do Sul, desde a madrugada de ontem, no lugar com maior concentração de tristeza no mundo”. (p. 04)</p>

Quadro 2 - Matéria: “Desrespeito a normas básicas”

29/01/2013

Assinatura	Adriana Irion, Francisco Amorim e Joana Colussi
Representações	<p>- <i>Prisão dos investigados</i></p> <p>“Para assegurar o curso das investigações sobre o incidente que resultou na morte de mais de 230 pessoas, a Polícia Civil cumpriu, ontem, mandados de prisão temporária dos dois proprietários da casa noturna e de dois músicos da banda Gurizada Fandangueira”. (p. 04)</p>
Causas	- <i>Irregularidades na boate</i>

	<p>“Não dispor de uma saída de emergência adicional era o primeiro item de várias normas básicas de segurança contra incêndios desrespeitadas pela boate Kiss”. (p. 04)</p> <p>“A Kiss tinha apenas uma porta, que funcionava como entrada e saída. O Corpo de Bombeiros considera desnecessária a existência de uma segunda saída, mas a porta de emergência é considerada obrigatória pela Norma 9.077 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que baliza as legislações contra incêndio de Santa Maria e do Estado”. (p. 04)</p> <p>“A ausência de saídas de emergência para uma evacuação rápida e a falta de comunicação entre os funcionários da casa foram erros fatais, na avaliação do coordenador do Grupo de Análise de Risco Tecnológico e Ambiental da Coppe/UFRJ, Moacyr Duarte”. (p. 04)</p> <p>“Mesmo antiga, a legislação atual contempla os pontos básicos de segurança, diz. Para o especialista, a tragédia não foi uma fatalidade, mas uma sequência de erros banais”. (p. 04)</p> <p>“O fato de as saídas de emergência não atenderem a requisitos mínimos tornou impossível que todos saíssem com vida durante a correria, considera o engenheiro de segurança do trabalho Rogério Bueno de Paiva, professor da Unisinos, que destaca a falha dos extintores e a má sinalização como fatores importantes”. (p. 04)</p> <p>- <i>Falta de Fiscalização</i></p> <p>“Além das causas da tragédia, a polícia terá de apurar porque autoridades diminuem a importância de problemas estruturais considerados graves por especialistas”. (p. 04)</p> <p>“Já o professor Luiz Carlos Pinto da Silva Filho, diretor do Centro Universitário de Estudos e Pesquisas em Desastres da UFRGS, sugere simplificar a legislação para aumentar a fiscalização dos estabelecimentos. — Não podemos fechar os olhos para o risco. Para fazer jus à memória dessas vítimas, precisamos fiscalizar, denunciar — disse”. (p. 04)</p>
Metáforas	<i>Não foram detectadas metáforas na matéria.</i>

Quadro 3 - Matéria: “O dia do empurra”

30/01/2013

Assinatura	Humberto Trezzi e Juliana Bublitz
Representações	- <i>Dimensão da tragédia</i>

	<p>“[...] a maior tragédia da história do Rio Grande do Sul [...]” (p. 04)</p>
	<p>- <i>Prefeitura vs. Corpo de Bombeiros</i></p> <p>“[...] jogo de empurra e de acusações mútuas entre autoridades municipais e estaduais”. (p. 04)</p> <p>“Pressionados por amigos e familiares dos mais de 230 jovens mortos no incêndio da boate Kiss, em Santa Maria, e pela imprensa nacional e internacional, prefeitura e Corpo de Bombeiros entraram em rota de atrito”. (p. 04)</p> <p>“[...] o major, exaltado, disse que “a culpa” pelo incidente não pode ser atribuída à sua equipe, mas admitiu que havia “coisas erradas” na casa noturna. Pereira negou que as falhas fossem de responsabilidade dos bombeiros e insistiu em afirmar que o estabelecimento podia funcionar mesmo com o alvará de prevenção e proteção contra incêndio vencido”. (p. 04)</p> <p>“- O chefe dos bombeiros não falou demais. Ele falou completamente errado. Bombeiros não autorizam o funcionamento de nada. Quem dá o alvará é a prefeitura – corrigiu Tarso”. (p. 04)</p> <p>“Em mais uma rodada de entrevistas, foi a vez da prefeitura evitar as responsabilidades”. (p. 04)</p> <p>“- Eu cumpri rigorosamente o meu dever. Não há como colocar um fiscal ao lado de cada pessoa para ver se ela está cumprindo a lei. A avaliação das condições de segurança foi atestada pelos bombeiros – falou Schirmer, horas mais tarde”. (p. 04)</p>
	<p>- <i>Busca por respostas</i></p> <p>“Por que a boate seguiu aberta com o alvará vencido? Por que a Kiss foi autorizada a funcionar mesmo sem ter requisitos básicos de segurança? Por que as autoridades não mostram o plano de prevenção contra incêndios da casa, que embasou a autorização para o funcionamento? Por que os efeitos pirotécnicos eram rotina nas apresentações da banda e não foram coibidos?”. (p. 05)</p>
	<p>- <i>Busca por culpados</i></p> <p>“[...] o major, exaltado, disse que “a culpa” pelo incidente não pode ser atribuída à sua equipe [...]”. (p. 04)</p>

	<p>“Numa tentativa de amenizar o mal-estar, o comandante-geral da Brigada Militar, coronel Sérgio Abreu, divulgou nota oficial às 19h22min de ontem para prestar “esclarecimentos”. Em seu texto, deu a entender que a culpa é dos proprietários do empreendimento”. (p. 04)</p>
Causas	<p>- <i>Irregularidades na boate</i></p> <p>“[...] admitiu que havia “coisas erradas” na casa noturna”. (p. 04)</p> <p>“Entre outros fatores, era dever deles, segundo Abreu, ‘manter as rotas de fuga totalmente desobstruídas, o que não ocorreu’”. (p. 04)</p>
	<p>- <i>Falta de Fiscalização</i></p> <p>“– Eu cumpri rigorosamente o meu dever. Não há como colocar um fiscal ao lado de cada pessoa para ver se ela está cumprindo a lei. A avaliação das condições de segurança foi atestada pelos bombeiros – falou Schirmer, horas mais tarde”. (p. 04)</p>
Metáforas	<p>“Esperadas desde domingo, as explicações públicas para a maior tragédia da história do Rio Grande do Sul acabaram se resumindo, ontem, a um jogo de empurra e de acusações mútuas entre autoridades municipais e estaduais”. (p. 04)</p>

Quadro 4 - Matéria: “Empresa de bombeiros assessorou boate Kiss”

31/01/2013

Assinatura	Adriana Irion e Francisco Amorin
Representações	<p>- <i>Busca por respostas</i></p> <p>“Uma das linhas de investigação da polícia é verificar se a Hidramix participou da elaboração do plano de prevenção e combate a incêndio (PPCI), apesar de seu nome não constar no documento”. (p. 04)</p>
Causas	<p>- <i>Irregularidades na boate</i></p> <p>“O alvará da Kiss estava vencido desde agosto, e os bombeiros ainda não tinham vistoriado as condições da casa”. (p. 04)</p>
	<p>- <i>Falta de fiscalização</i></p> <p>“O alvará da Kiss estava vencido desde agosto, e os bombeiros ainda não tinham vistoriado as condições da casa”. (p. 04)</p>
Metáforas	<i>Não foram detectadas metáforas na matéria.</i>

4.2 FOLHA DE S. PAULO

Ainda mantendo a perspectiva de nossa análise no âmbito nacional, partimos para o segundo periódico escolhido como corpus deste trabalho. A Folha de S. Paulo, mais conhecida como “Folha”, foi fundada em 1921 pelos jornalistas Olival Costa e Pedro Cunha. Na época, os objetivos dos fundadores eram “atrair, com seu vespertino, leitores das classes médias urbanas e da classe operária” (Folha de S. Paulo, 2011).

Após passar por diversas reformas e crises, hoje a Folha de S. Paulo é um diário de circulação nacional, sendo um dos maiores do Brasil. Em 2013, período que é foco desta pesquisa, o jornal destacou-se na segunda posição entre os maiores jornais do país, com uma média de circulação (impresso e digital) de 294.811 exemplares¹. Editado na cidade de São Paulo e distribuído para várias regiões do país, o jornal pertence ao Grupo Folha e tem uma forte influência na população brasileira.

Para nossa análise, selecionamos as seguintes matérias: do dia 28 de janeiro de 2013, escolhemos a matéria de título: “*Banheiros ficaram lotados de corpos; polícia apura a demora para liberar saída*”; referente ao dia 29 de janeiro de 2013, trabalhamos com a matéria intitulada “*Casa noturna tinha mais clientes do que o permitido; donos e músicos são presos*”; no dia 30 de janeiro de 2013, a matéria selecionada foi “*Polícia acusa banda e boate por tragédia e aponta falhas dos bombeiros e da prefeitura*”; e referente ao dia 31 de janeiro de 2013, escolhemos a matéria “*Defesa de dono da Kiss distribui culpa*”.

Aplicando o protocolo de análise de cobertura jornalística de Silva e Maia (2011), juntamente com a análise de enquadramento proposta por Vimieiro e Maia, é possível entender, através da cobertura de Folha de S. Paulo, como o acontecimento Kiss foi retratado nacionalmente.

Dentre os dispositivos de representação, a *dimensão da tragédia* foi determinada através de números, como a quantidade de vítimas e feridos no incêndio: “Ao menos 231 pessoas morreram e outras 106 ficaram feridas [...]” (p. C3). É possível perceber que a cada matéria publicada, o jornal buscava atualizar o número correto de mortos e internados nos hospitais. Esses dados buscam dar aos leitores, em sua maioria da região de São Paulo, uma noção da gravidade do acontecimento.

O drama das vítimas e familiares, em Folha, é retratado de diversas formas. Uma delas é tentar descrever o que os jovens passaram enquanto estavam dentro da boate, como mostra o

¹ Ranking disponível no portal da Associação Nacional de Jornais <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>

trecho “Os banheiros da boate estavam lotados de vítimas, que buscavam se refugiar do incêndio” (p. C3). Outro viés foi mostrar a aflição e a tristeza que os amigos e familiares enfrentaram, seja na busca pelos parentes desaparecidos ou na dura tarefa de enterra-los: “Ao longo do dia, marcado pela comoção e por um forte calor de cerca de 35°C, pessoas desmaiavam nas ruas” (p. C3).

Algumas matérias destacam os atos de *solidariedade* que voluntários prestaram durante as horas que se seguiram após a tragédia: “No Complexo Desportivo Municipal, que concentrou os velórios, quase 2.000 pessoas, muitas delas universitárias como a maioria das vítimas, se mobilizavam para garantir comida, abrigo e abraços aos parentes” (p. C1).

A investigação do caso, seja das causas da tragédia ou das pessoas envolvidas está presente nas matérias analisadas de Folha. A *busca por respostas* fica evidente quando o jornal fala sobre o trabalho das autoridades: “Polícia apura demora para liberar saída” (p. C3); “O Ministério Público instaurou inquérito para apurar possíveis falhas na fiscalização” (p. C1). A *busca por culpados* se faz presente apenas em uma matéria, e atribui o discurso à polícia: “Para a polícia, os quatro 'assumiram o risco da morte' dos frequentadores do local” (p. C1). A *prisão dos investigados* (sócios e integrantes da banda Gurizada Fandangueira) foi noticiada brevemente, sem muitas informações específicas.

Como já vimos anteriormente, a Folha de S. Paulo é um jornal de abrangência nacional, ou seja, é lido por pessoas de todo o Brasil. Por essa razão, surgem aqui dois elementos importantes de diferenciação em nossa pesquisa. O primeiro deles diz respeito à localização da cidade. Santa Maria fica no interior do Rio Grande do Sul e, por isso, o jornal precisou contextualizar e localizar o município. O *contexto Santa Maria* fica claro quando o repórter estabelece a capital gaúcha como parâmetro: “[...] município na região central do Rio Grande do Sul e a 323 km de Porto Alegre” (p. C3). Além disso, a cidade foi contextualizada como essencialmente universitária: “O município abriga alunos de faculdades particulares e da Universidade Federal de Santa Maria, muitos de outros Estados” (p. C3).

O segundo elemento que se destaca na análise em Folha de S. Paulo é o *efeito dominó*, expressão usada pelo próprio jornal. O incêndio na boate Kiss fez com que autoridades de todo o país voltassem os olhos para a questão da segurança nas casas noturnas. Durante a primeira semana pós-tragédia, vários estabelecimentos foram interditados em todo o Brasil por não responderem às normas de segurança. Esse efeito faz parte da cobertura do periódico.

O incêndio na boate provocou um "efeito dominó" pelo país, com prefeituras convocando reuniões para discutir a segurança em casas noturnas. Foi um pedido da presidente Dilma Rousseff, que antecedeu a Santa Maria. Em São Paulo, o prefeito

Fernando Haddad irá se reunir com donos de casas noturnas para tentar melhorar a segurança desses locais. (TUROLLO, 2013, p. C1).

O elemento *prefeitura vs. corpo de bombeiros* foi encontrado na matéria referente ao dia 30 de janeiro de 2013. Apesar de havermos encontrado trechos que estabelecem um embate entre a prefeitura e o corpo de bombeiros, o viés principal da cobertura foi colocar na voz da polícia que ambas as instituições teriam falhado na fiscalização da casa noturna, como já mostra o título da matéria: “Polícia acusa banda e boate por tragédia e aponta falhas dos bombeiros e da prefeitura”.

Na matéria do dia 31 de janeiro de 2013, encontramos o elemento *defesa dos proprietários*, que predominou em praticamente todo o texto. A reportagem deu voz ao advogado de um dos proprietários da boate, Elissandro Spohr. O mesmo “colocou a culpa” em autoridades, e o jornal trata as afirmações dessa defesa em tom de ironia.

Distribuir a culpa entre todos os órgãos públicos ("confusos", "conflitantes", "contraditórios"), atacar os bombeiros que trabalharam no salvamento das vítimas ("foi uma operação desastrosa, ineficiente, uma desordem generalizada") e eximir-se de responsabilidade pelo uso de pirotecnia (fogos sinalizadores) no interior da Kiss foi a estratégia apresentada ontem por Elissandro Callegaro Spohr, o Kiko, 28, proprietário e gerente da boate sinistrada em Santa Maria, representado pelo advogado Jader Marques. (CAPRIGLIONE, 2013, p. C2).

Referente aos dispositivos de causas da tragédia, encontramos em todas as matérias analisadas de Folha o elemento *irregularidades na boate*. As matérias citam todos os pontos que contribuíram para que a tragédia acontecesse: o alvará vencido, a superlotação na casa, a falta de saídas de emergência, a espuma altamente tóxica e inflamável, entre outros. A *falta de fiscalização* por parte das autoridades também está presente na cobertura, assim como a *causa mortis* por asfixia.

Quadro 5 - Matéria: “Banheiros ficaram lotados de corpos; polícia apura a demora para liberar saída”

28/01/2013

Assinatura	Felipe Bächtold / Marcelo Soares / Reynaldo Turollo JR (Enviados especiais à Santa Maria) Melina Guterres (Colaboração para a Folha em Santa Maria)
Representações	- <i>Dimensão da tragédia</i> “Entre 600 e 1.000 pessoas estavam em boate de Santa Maria (RS) [...]”. (p. C3)

	<p>“Ao menos 231 pessoas morreram e outras 106 ficaram feridas [...]”. (p. C3)</p>
	<p><i>- O drama das vítimas e familiares</i></p> <p>“Segundo testemunhas, com o incêndio, houve correria e tumulto no local”. (p. C3)</p> <p>“Os banheiros da boate estavam lotados de vítimas, que buscavam se refugiar do incêndio”. (p. C3)</p> <p>“Ao longo do dia, marcado pela comoção e por um forte calor de cerca de 35°C, pessoas desmaiavam nas ruas”. (p. C3)</p> <p>“Policiais e bombeiros relataram que durante a chegada dos primeiros corpos a esse IML o toque incessante de celulares nos bolsos das vítimas, provavelmente de familiares desesperados em busca de notícias, causou comoção entre as pessoas”. (p. C3)</p>
	<p><i>- Solidariedade</i></p> <p>“Alguns desmaiaram e foram amparados por uma equipe de psicólogos e assistentes sociais de plantão”. (p. C3)</p>
	<p><i>- Contexto Santa Maria</i></p> <p>“[...] município na região central do Rio Grande do Sul e a 323 km de Porto Alegre”. (p. C3)</p> <p>“O local era ponto de encontro de estudantes universitários. O município abriga alunos de faculdades particulares e da Universidade Federal de Santa Maria, muitos de outros Estados”. (p. C3)</p>
	<p><i>- Busca por respostas</i></p> <p>“A informação será investigada pela polícia”. (p. C3)</p> <p>“Polícia apura demora para liberar saída”. (p. C3)</p>
Causas	<p><i>- Irregularidades na boate</i></p> <p>“As faíscas, segundo relatos de sobreviventes à polícia, atingiram o teto da boate e se espalharam rapidamente, já que toda a estrutura da casa noturna é revestida por espuma, forro de isolamento acústico altamente inflamável”. (p. C3)</p>

	<p>“O guitarrista da banda, Rodrigo Lemos Martins, disse à Folha que o fogo começou depois que o sinaleiro (chamado por ele de "sputinik") ter sido aceso”. (p. C3)</p> <p>“Só quando notaram o incêndio, instantes depois, eles liberaram a saída. A informação será investigada pela polícia”. (p. C3)</p>
	<p>- <i>Causa Mortis</i></p> <p>“Segundo a legista do IML, Maria Zuchetto, a maioria das vítimas morreu por asfixia (sem conseguir respirar) ou por intoxicação com a fumaça”. (p. C3)</p>
Metáforas	<i>Não foram detectadas metáforas na matéria.</i>

Quadro 6 - Matéria: “Casa noturna tinha mais clientes do que o permitido; donos e músicos são presos”

29/01/2013

Assinatura	Dos enviados especiais à Santa Maria
Representações	<p>- <i>Dimensão da tragédia</i></p> <p>“[...] onde ao menos 231 pessoas morreram [...]”. (p. C1)</p>
	<p>- <i>O drama das vítimas e familiares</i></p> <p>“Ontem, Santa Maria parou para que pais e mães enterrassem seus filhos”. (p. C1)</p> <p>“Quase 75 vizinhos acompanharam, por exemplo, o enterro da menina Janaína Portela, 19, que fora à Kiss para lavar copos no lugar da mãe, que estava doente”. (p. C1)</p>
	<p>- <i>Solidariedade</i></p> <p>“Ao mesmo tempo, uma onda de solidariedade tomou conta da cidade”. (p. C1)</p> <p>“No Complexo Desportivo Municipal, que concentrou os velórios, quase 2.000 pessoas, muitas delas universitárias como a maioria das vítimas, se mobilizavam para garantir comida, abrigo e abraços aos parentes”. (p. C1)</p>
	<p>- <i>Busca por culpados</i></p> <p>“Para a polícia, os quatro "assumiram o risco da morte" dos frequentadores do local”. (p. C1)</p>

	<p>- <i>Prisão dos investigados</i></p> <p>“Os dois proprietários da boate e dois integrantes da banda Gurizada Fandangueira, que se apresentava na hora da tragédia, foram presos”. (p. C1)</p>
	<p>- <i>“Efeito dominó”</i></p> <p>“O incêndio na boate provocou um "efeito dominó" pelo país, com prefeituras convocando reuniões para discutir a segurança em casas noturnas. Foi um pedido da presidente Dilma Rousseff, que anteontem foi a Santa Maria. Em São Paulo, o prefeito Fernando Haddad irá se reunir com donos de casas noturnas para tentar melhorar a segurança desses locais”. (p. C1)</p>
Causas	<p>- <i>Irregularidades na boate</i></p> <p>“Cerca de 1.000 pessoas, a maioria jovens universitários, em um local onde só eram permitidas, no máximo, 691”. (p. C1)</p> <p>“[...] já é possível saber, de acordo com os bombeiros, que a superlotação dificultou a saída durante o incêndio na casa noturna Kiss”. (p. C1)</p> <p>“Além de o alvará da casa noturna estar vencido, a polícia entende que foi um risco à segurança o show pirotécnico feito pela banda”. (p. C1)</p>
Metáforas	<i>Não foram detectadas metáforas na matéria.</i>

Quadro 7 - Matéria: “Polícia acusa banda e boate por tragédia e aponta falhas dos bombeiros e da prefeitura”

30/01/2013

Assinatura	<p>Reynaldo Tuollo JR / Marcelo Soares (Enviados especiais à Santa Maria)</p> <p>Melina Guterres (Colaboração para a Folha em Santa Maria)</p>
Representações	<p>- <i>Dimensão da tragédia</i></p> <p>"Ontem, três pessoas que haviam ficado de fora da lista oficial foram contabilizados pelo governo, elevando para 234 mortos na tragédia de Santa Maria”. (p. C1)</p> <p>- <i>O drama das vítimas e familiares</i></p> <p>"Por que as pessoas morreram no banheiro? Porque só enxergaram a luz do banheiro e correram para lá pensando que fosse a saída”. (p. C1)</p>

	<p>- <i>Busca por respostas</i></p> <p>"Pela primeira vez nas investigações sobre a tragédia em Santa Maria (RS), Polícia Civil e Ministério Público Estadual apontaram indícios de uma falha coletiva". (p. C1)</p> <p>“Vamos evidenciar [se houve] essa questão da falha na fiscalização, nem que tenhamos que cortar na carne do Estado”, disse o delegado”. (p. C1)</p> <p>“O Ministério Público instaurou inquérito para apurar possíveis falhas na fiscalização”. (p. C1)</p>
	<p>- <i>Prisão dos investigados</i></p> <p>"Dois donos da casa noturna e dois integrantes da banda estão presos temporariamente. Ainda anteontem, após a prisão dos quatro, a polícia fez buscas em outra casa noturna e em uma cervejaria de Mauro Hoffmann, sócio da Kiss". (p. C1)</p>
	<p>- <i>Prefeitura vs. Corpo de Bombeiros</i></p> <p>“Tanto prefeitura como Corpo de Bombeiros falharam na fiscalização”. (p. C1)</p> <p>“A entrevista coletiva que anunciou o que está sendo apurado ocorreu ontem, às 17h, um hora depois de o prefeito Cezar Schirmer (PMDB) ter feito um pronunciamento responsabilizando os bombeiros por erros na fiscalização. O comandante do Corpo de Bombeiros, Guido Pedroso de Melo, negou ter havido falhas, mas se recusou a mostrar o último laudo, afirmando que, por fazer parte do inquérito, se trata de documento sigiloso”. (p. C1)</p>
Causas	<p>- <i>Irregularidades na boate</i></p> <p>“A banda Gurizada Fandangueira usou, no show dentro da casa noturna, artefatos pirotécnicos indicados apenas para áreas externas”. (p. C1)</p> <p>"A boate estava irregular e "não deveria estar funcionando", disse o delegado Marcelo Arigony, chefe das investigações. Segundo ele, o plano de segurança contra incêndio, de responsabilidade dos bombeiros, estava vencido desde 10 de agosto, e o sanitário, da prefeitura, desde 31 de março”. (p. C1)</p> <p>"Os depoimentos, que servem como provas testemunhais, revelam ainda que não havia luzes de emergência e que há ‘indícios de que os extintores não funcionaram e eram, inclusive, falsificados’”. (p. C1)</p>

	"Conforme a Folha mostrou ontem, a boate estava superlotada. O plano de segurança aprovado pelos bombeiros (vencido) permitia até 691 pessoas, mas a polícia afirma ter informações de que havia cerca de 1.000 no local". (p. C1)
	- <i>Falta de fiscalização</i> "A boate Kiss realizou reformas "por conta e risco", sem passar por vistorias. Tanto prefeitura como Corpo de Bombeiros falharam na fiscalização". (p. C1) "Testemunhas também disseram que os donos fizeram reformas no prédio "por sua conta e risco", sem passar por vistorias depois". (p. C1)
Metáforas	<i>Não foram detectadas metáforas na matéria.</i>

Quadro 8 - Matéria: "Defesa de dono da Kiss distribui culpa"

31/01/2013

Assinatura	Laura Capriglione (Enviada especial à Santa Maria)
Representações	- <i>Defesa dos Proprietários</i> "Distribuir a culpa entre todos os órgãos públicos ('confusos', 'conflitantes', 'contraditórios'), atacar os bombeiros que trabalharam no salvamento das vítimas ('foi uma operação desastrosa, ineficiente, uma desordem generalizada') e eximir-se de responsabilidade pelo uso de pirotecnia (fogos sinalizadores) no interior da Kiss foi a estratégia apresentada ontem por Elissandro Callegaro Spohr, o Kiko, 28, proprietário e gerente da boate sinistrada em Santa Maria, representado pelo advogado Jader Marques". (p. C2) "O advogado negou que a boate estivesse com lotação superior à permitida (691), apesar de a Polícia Civil ter afirmado que havia por volta de mil pessoas na boate no instante do início do fogo". (p. C2) "Meu cliente só cumpriu a lei e tudo o que o poder público e os técnicos determinaram. Ele estava confiante de que estava agindo corretamente, ou não teria permitido que sua mulher grávida permanecesse dentro da boate", disse o defensor". (p. C2) "De acordo com ele, a banda Gurizada Fandangueira, que acendeu o sinalizador, nunca antes havia se apresentado com seu espetáculo pirotécnico na Kiss. Entretanto, há vídeos no YouTube, anteriores à noite do incêndio, que mostram a banda manejando

	<p>fogos. "Isso foi na gravação de um clipe", esquivou-se o advogado". (p. C2)</p> <p>“Acusou o telefone de emergência do Corpo de Bombeiros de não atender a uma chamada feita por um funcionário da boate, logo depois do início do incêndio, e atacou: "Eles usaram civis nas tentativas de resgate, coisa que um bombeiro não pode fazer. Eles têm de fazer um mea culpa", afirmou”. (p. C2)</p>
Causas	<p>- <i>Irregularidades na boate</i></p> <p>“Foi essa espuma que, mais barata do que a modalidade não inflamável, entrou em combustão ao ser atingida pelos fogos usados pela banda, liberando cianeto e outros gases tóxicos, além de fuligem”. (p. C2)</p>
	<p>- <i>Falta de Fiscalização</i></p> <p>“Segundo Marques, a boate havia sido inspecionada antes, "nenhuma modificação" fora feita depois disso, e desde novembro a casa estava à espera de uma nova vistoria do Corpo de Bombeiros, que aprovaria as instalações, como já aprovara antes”. (p. C2)</p>
Metáforas	<p>“Defesa de dono da Kiss 'distribui' culpa”. (p. C2)</p>

4.3 LA NACIÓN

Partindo para uma perspectiva jornalística latino-americana, nossa análise contempla também o jornal argentino La Nación. O periódico foi fundado em 1870 por Bartolomé Miltre e tem sede em Buenos Aires. Com 160.000 exemplares de segunda a sábado e 250.000 aos domingos, é um dos jornais argentinos mais famosos e nossa escolha se espelha em uma particularidade que envolve um fato acontecido no país em 2004 – a tragédia da boate *República Cromañón*, que pegou fogo em condições semelhantes à da boate Kiss, vitimando 194 pessoas e deixando mais de 1400 feridos.

A análise do jornal La Nación se dá através das seguintes matérias: "*El Cromañón de Brasil: 233 muertos*", do dia 28 de janeiro de 2013; "*Santa María, una ciudad de luto que siente que perdió el alma en la tragedia*", referente ao dia 29 de janeiro de 2013; "*Tras el shock de la tragedia en la disco, Santa María se une para exigir justicia*", publicada no dia 30 de janeiro de 2013; e "*Uno de los dueños de la disco Kiss intentó suicidarse en el hospital*", do dia 31 de janeiro de 2013.

Aplicando o protocolo de análise de cobertura jornalística de Silva e Maia (2011), juntamente com a análise de enquadramento proposta por Vimieiro e Maia, foi possível obter uma amostra que dá indícios de como foi a cobertura jornalística do incêndio na boate Kiss no jornal La Nación.

Iniciando a partir dos dispositivos de representação, a *dimensão da tragédia* esteve presente quando as matérias apontavam a dramaticidade do fato e o quanto ele quebrava a rotina de todo um país. Segundo o jornal, “todo Brasil estaba inmerso ayer en la conmoción después de uno de los días más dramáticos en décadas [...]” (p. 02). Além disso, o periódico também noticiou a ida da então presidente Dilma Rousseff à Santa Maria, adiantando sua volta do Chile. Acreditamos que isso mostra ao leitor o quanto a tragédia mexeu não só com a população brasileira, mas também com os líderes de governo da época.

O *drama das vítimas e familiares* foi relatado de diferentes formas. Uma delas foi descrever o que os jovens que estavam na boate viverem quando o fogo começou. Na matéria do dia 28 de janeiro de 2013, o jornal usa o relato de uma sobrevivente: “Los integrantes de la banda Gurizada Fandangueira intentaron primero apagar las llamas con agua y después con un extintor. Pero el fuego y el humo se expandieron rápidamente”, contó, todavía conmocionada, Ingrid Goldani, empleada de la discoteca [...]” (p. 02). Outra forma de relatar o desespero das vítimas e dos familiares foi descrever a tristeza nos velórios do dia seguinte à tragédia – seja usando *cases* ou apenas contando a dor das famílias no geral. Um exemplo está na matéria do dia 29 de janeiro de 2013, quando o repórter inclui o nome de uma das vítimas.

Ya con todos los muertos identificados, los restos fueron ubicados en féretros repartidos por el enorme gimnasio, y a su alrededor, entre lágrimas y abrazos, se juntó cada una de las conmocionadas familias. Sobre los cajones, parientes y amigos colocaron pertenencias de sus seres queridos muertos, como el perrito de orejas largas de Natalia Canto, estudiante de Derecho de 20 años. (ARMENDÁRIZ, 2013, p. 05).

O mutirão de *solidariedade* que se formou nos dias após o incêndio também foi incluído na cobertura de La Nación. As equipes de ajuda que permaneceram no Centro Desportivo Municipal foram citadas, assim como os esforços das autoridades: “Con ayuda del gobierno federal, la alcaldía y el Estado conformaron ahí un cuerpo de gestión de crisis integrado por médicos y psicólogos para atender a las familias de las víctimas” (p. 02).

O jornal La Nación trabalhou na cobertura do incêndio da boate Kiss com um correspondente do Rio de Janeiro, que se deslocou até Santa Maria para cobrir a tragédia. Alberto Armendáriz deixa claro em seus textos o elemento *percepção do repórter*, que narra o que o jornalista viu, ouviu e sentiu quando esteve em Santa Maria – uma cidade abalada após

um cenário de tragédia e tristeza. “La mayoría de los negocios estaban cerrados, con carteles de luto, y la poca gente que había en las calles caminaba con la mirada perdida. La tristeza dominaba el ambiente; se sentía como si la tragedia le hubiese robado el alma a esta ciudad” (p. 05).

Nesse contexto, vemos surgir em nossa análise a menção de *tragédia semelhantes*, que revela um aspecto de diferenciação na cobertura do jornal argentino. A tragédia que o país viveu no ano de 2004 foi de certa forma lembrada durante a cobertura: “La desgracia, que obligó a Dilma a regresar al país y decretar tres días de luto nacional , recordó en Brasil el incendio que ocurrió el 30 de diciembre de 2004 en República Cromagnon” (p. 02). O jornal também lembrou outras tragédias que o próprio Brasil enfrentou, como o incêndio do Gran Circo Norteamericano em Niterói, no ano de 1961.

Almendáriz também situou a cidade, trazendo o elemento *contexto Santa Maria* para nossa análise. A matéria do dia seguinte à tragédia situa a cidade com relação a distância de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Na matéria do dia 30 de janeiro de 2013, o repórter cita que um dos familiares das vítimas vestia “bombachas campestras”, fazendo alusão à cultura tradicionalista gaúcha.

Igualmente, na matéria do dia 30 de janeiro de 2013, o *clamor por justiça* fez-se notar na cobertura do jornal argentino. O texto relata a caminhada exigindo justiça que aconteceu na cidade alguns dias após o incêndio. O repórter transmite, através da palavra, o sentimento de união que fez com que os cidadãos santa-marienses tomassem as principais ruas do centro gritando por justiça: “[...] duramente shockeados por el incendio de la discoteca Kiss, que dejó 234 jóvenes muertos y 118 heridos, salieron a las calles para reclamar justicia, tal vez en la única manera que encuentran para seguir adelante” (p. 05).

A *prisão dos investigados* foi noticiada, assim como a suposta tentativa de suicídio de um dos ex-sócios da boate Kiss, Elissandro Spohr. O repórter sugere que ele havia tentado se matar por se sentir responsável pela tragédia, o que deixa explícito o elemento *busca por culpados*. “Agobiado por su responsabilidad en el incendio de la discoteca Kiss en Santa María, uno de los dueños del local, Elissandro Spohr, intentó suicidarse [...]” (p. 05).

No âmbito dos elementos de causa, as *irregularidades na boate* estiveram presente em todas as matérias analisadas de La Nación: o artefato pirotécnico que não podia ser usado em ambientes fechados; a espuma de isolamento acústico; o extintor de incêndio que não funcionou; os seguranças que supostamente teriam bloqueado a saída; a má sinalização da casa e a falta de saídas de emergência. Da mesma forma, a *causa mortis* foi relatada em todas as matérias: asfixia.

A *falta de fiscalização* por parte das autoridades é brevemente relatada na última matéria, quando o repórter conta sobre o sentimento de justiça que tomou conta da população: “Después del shock inicial y el posterior luto, el ambiente ahora en Santa María es de rabia hacia los miembros de la banda, los encargados de la discoteca y las autoridades locales por no haber fiscalizado las medidas de seguridad en el lugar” (p. 05).

Quadro 9 - Matéria: “El Cromagnon de Brasil: 233 muertos”

28/01/13

Assinatura	Alberto Almendáriz (Rio de Janeiro)
Representações	<p>- <i>Dimensão da tragédia</i></p> <p>“Todo Brasil estaba inmerso ayer en la conmoción después de uno de los días más dramáticos en décadas, provocado por un incendio en una discoteca de la ciudad de Santa María, estado de Rio Grande do Sul”. (p. 02)</p> <p>“Conmovida hasta las lágrimas, la presidenta Dilma Rousseff adelantó su regreso de Chile y viajó al lugar de la tragedia para acompañar a los familiares de las víctimas”. (p. 02)</p>
	<p>- <i>Tragédia semelhante</i></p> <p>“En una tragedia que pareció calcada de la que vivió la Argentina con Cromagnon, el 30 de diciembre de 2004 [...]”. (p. 02)</p> <p>“La desgracia, que obligó a Dilma a regresar al país y decretar tres días de luto nacional , recordó en Brasil el incendio que ocurrió el 30 de diciembre de 2004 en República Cromagnon”. (p. 02)</p> <p>“Para Brasil, la tragedia fue la segunda entre las peores catástrofes de este tipo en el país, luego del incendio del 17 de diciembre de 1961 en el Gran Circo Norteamericano, en Niteroi, estado de Río de Janeiro, cuando un empleado con problemas mentales roció la carpa con nafta y la prendió fuego; 503 personas murieron, la mayoría de ellas chicos”. (p. 02)</p>
	<p>- <i>O drama das vítimas e familiares</i></p> <p>"Los integrantes de la banda Gurizada Fandangueira intentaron primero apagar las llamas con agua y después con un extintor. Pero el fuego y el humo se expandieron rápidamente", contó, todavía conmocionada, Ingrid Goldani, empleada de la discoteca [...]”. (p. 02)</p>

	<p>“Las llamas y la humareda provocaron pánico entre el público [...]”. (p. 02)</p> <p>“Las luces se apagaron y mientras una multitud desesperada se amontonaba en las puertas, donde la gente era empujada y pisoteada, muchos jóvenes corrieron hacia los baños en busca de aire y de otra salida, que nunca hallaron”. (p. 02)</p> <p>“Allí, una larga fila de angustiados familiares y amigos encaró desde el mediodía la difícil tarea de reconocer los restos de sus seres queridos”. (p. 02)</p> <p>“Las historias del horror se sucedieron a lo largo del día. Los bomberos y equipos de rescate relataron que encontraron el celular de uno de los jóvenes muertos que tenía 104 llamadas y mensajes de su madre, desconsolada por no tener noticias suyas tras la madrugada”. (p. 02)</p> <p>- <i>Solidariedade</i></p> <p>“Con ayuda del gobierno federal, la alcaldía y el Estado conformaron ahí un cuerpo de gestión de crisis integrado por médicos y psicólogos para atender a las familias de las víctimas”. (p. 02)</p> <p>- <i>Contexto Santa Maria</i></p> <p>“[...] ubicada en el centro de la ciudad, de unos 260.000 habitantes, 300 km al oeste de Porto Alegre”. (p. 02)</p> <p>“[...] compuesto por unos 1000 jóvenes de entre 18 y 22 años, estudiantes de las facultades de Agronomía, Pedagogía, Veterinaria y Zootécnica de la Universidad Federal de Santa María”. (p. 02)</p>
Causas	<p>- <i>Irregularidades na boate</i></p> <p>“Ante la estampida, los encargados de la seguridad del local, con capacidad para 2000 personas, bloquearon la salida, convencidos de que la gente intentaba irse sin pagar lo consumido”. (p. 02)</p> <p>“‘Estaba vencida desde agosto de 2012. La licencia es necesaria para el funcionamiento normal de la casa’, resaltó el teniente coronel Moisés da Silva Fuchs, comandante del cuerpo de bomberos de la Región Central de Rio Grande do Sul [...]”.(p. 02)</p> <p>“Según las autoridades, esta banda tampoco tenía autorización para utilizar artefactos pirotécnicos durante el show, pese a que en su página de Facebook se enorgullecían de su uso”. (p. 02)</p>

	<p>- <i>Causa Mortis</i></p> <p>“[...] 233 personas murieron quemadas, asfixiadas o aplastadas por la multitud cuando intentaban escapar de una fiesta universitaria”. (p. 02)</p>
Metáforas	“Todo Brasil estaba inmerso ayer en la conmoción [...]”. (p. 02)

Quadro 10 - Matéria: “Santa María, una ciudad de luto que siente que perdió el alma en la tragedia”

29/01/2013

Assinatura	Alberto Almendáriz (Santa Maria)
Representação	<p>- <i>Percepção do repórter</i></p> <p>“La mayoría de los negocios estaban cerrados, con carteles de luto, y la poca gente que había en las calles caminaba con la mirada perdida. La tristeza dominaba el ambiente; se sentía como si la tragedia le hubiese robado el alma a esta ciudad”. (p. 05)</p> <p>“Un fuerte olor a quemado aún se respiraba ayer en el centro de Santa María [...]”. (p. 05)</p> <p>“Las caravanas fúnebres eran el mayor movimiento que se veía, con concentraciones de gente en los cementerios Municipal y de Santa Rita [...]”. (p. 05)</p> <p>- <i>O drama das vítimas e familiares</i></p> <p>“[...] la mayoría de los 260.000 habitantes de Santa María, en el corazón del estado de Rio Grande do Sul, asistió ayer al entierro de algún familiar, amigo, compañero de trabajo o vecino”. (p. 05)</p> <p>“Ya con todos los muertos identificados, los restos fueron ubicados en féretros repartidos por el enorme gimnasio, y a su alrededor, entre lágrimas y abrazos, se juntó cada una de las conmocionadas familias. Sobre los cajones, parientes y amigos colocaron pertenencias de sus seres queridos muertos, como el perrito de orejas largas de Natalia Canto, estudiante de Derecho de 20 años”. (p. 05)</p> <p>“La familia entera se trasladó para el entierro de los tres. Protegidos por sombrillas del sol abrasador, se despidieron de sus seres queridos mientras a lo lejos una máquina excavadora preparaba el terreno para más tumbas. Un amigo de las chicas llevaba puesta una remera con una foto de ellas estampada y la leyenda: ‘Queremos justicia – Saudades’”. (p. 05)</p>

	<p>- <i>Solidariedade</i></p> <p>“En el Centro Deportivo Municipal, aireado con grandes ventiladores de pie, decenas de médicos y psicólogos prestaban asistencia a los familiares a medida que los coches fúnebres llegaban para llevarse los cuerpos para su entierro”. (p. 05)</p> <p>“La tragedia golpeó a la ciudad muy fuerte. Todo el mundo tiene a alguien que conocía directa o indirectamente entre las víctimas. Yo no sufrí ninguna pérdida directa, así que me pareció que no podía quedarme de brazos cruzados y aquí estoy. Toda Santa María está movilizada’, comentó Janice Amaral, estudiante de Historia, de 21 años”. (p. 05)</p> <p>- <i>Prisão dos investigados</i></p> <p>“Mientras la policía detenía de forma preventiva al productor y al vocalista de la banda Gurizada Fandangueira -que habrían sido responsables por la bengala que originó el fuego-, así como a los dos dueños de Kiss [...]”. (p. 05)</p> <p>- <i>Contexto Santa Maria</i></p> <p>"[...] en el corazón del estado de Rio Grande do Sul [...]". (p. 05)</p>
Causas	<p>- <i>Irregularidades na boate</i></p> <p>"En Kiss, hubo una suma de fallas humanas y técnicas Bengala: En un lugar cerrado, el cantante enciende una bengala que toma contacto con el techo Paneles combustibles: El fuego se esparció rápidamente al entrar en contacto con los paneles de aislamiento acústico, de gomaespuma y sin protección ignífuga Matafuego inservible: El extinguidor no funcionó cuando fue accionado por el cantante y un guardia Inexpertos: Los guardias no orientaron correctamente a los clientes hacia las salidas y obstruyeron la evacuación Mala señalización: El local no tenía una adecuada señalización de las salidas y de las vías de evacuación de emergencia Sin vía de escape: Kiss no contaba con salidas de emergencia. Había sólo un acceso de cuatro metros de ancho, tanto para el ingreso como para el egreso". (p. 05)</p> <p>- <i>Causa Mortis</i></p> <p>“[...] adonde habían sido trasladados los cuerpos de las víctimas -la mayoría murió por asfixia- [...]”. (p. 05)</p>
Metáforas	<p>"Santa María, una ciudad de luto que siente que perdió el alma en la tragedia". (p. 05)</p>

Quadro 11 - Matéria: "Tras el shock de la tragedia en la disco, Santa María se une para exigir justicia"

30/01/2013

Assinatura	Alberto Almendáriz (Santa Maria)
Representações	<p>- <i>Clamor por justiça</i></p> <p>“[...] en esta ciudad de 260.000 habitantes ayer se sentía la fuerza de una comunidad unida, decidida a levantarse y exigir justicia, como quedó demostrado en una manifestación que anteanoche llevó a más de 30.000 vecinos a las calles”. (p. 05)</p> <p>“[...] duramente shockeados por el incendio de la discoteca Kiss, que dejó 234 jóvenes muertos y 118 heridos, salieron a las calles para reclamar justicia, tal vez en la única manera que encuentran para seguir adelante”. (p. 05)</p>
	<p>- <i>Percepção do repórter</i></p> <p>“Esta ciudad amaneció ayer envuelta en una espesa neblina [...]”. (p. 05)</p> <p>“Como decenas de miles de otros habitantes de Santa María, Malgarin vestía de blanco y alzaba su celular encendido en la larga caminata por el centro. En su recorrido, el respetuoso silencio de la gente sólo era interrumpido por ráfagas de aplausos y el canto del himno brasileño. Pero al pasar por la esquina de la disco quemada, en la Rua dos Andradas, estallaron los gritos: ‘¡Justicia! ¡Justicia! ¡Justicia!’”. (p. 05)</p> <p>“Algunos llevaban grandes fotos de sus seres queridos muertos; otros, carteles en los que se leían mensajes como ‘Somos uno’ y ‘Fe, fuerza y coraje para continuar’”. (p. 05)</p> <p>“Los pasillos del Centro de Ciencias Rurales, sede de la Facultad de Agronomía, a la que pertenecía la mayor parte de las víctimas del incendio, estaban casi vacíos [...]”. (p. 05)</p>
	<p>- <i>Tragédia semelhante</i></p> <p>“‘Esperemos que haya leyes más rigurosas para las discotecas. Ojalá aprendamos del ejemplo de lo que ocurrió en la discoteca [Cromagnon] de Buenos Aires’, apuntó Marcos Defuente [...]’”. (p. 05)</p>
	<p>- <i>O drama das vítimas e familiares</i></p> <p>“Uno de ellos es Delvani Rosso, de 20 años, cuyo frágil estado de salud era seguido de cerca por familiares y amigos en el Hospital da Caridade”. (p. 05)</p>

	<p>- <i>Solidariedade</i></p> <p>“Allí también estaba Bruno Viegas Flores, estudiante de psicología de 18 años, cuyo hermano Luiz Eduardo, de 24 años, murió en el incendio. Pese a su sufrimiento directo, el adolescente había llegado al hospital para ofrecerse como voluntario”. (p. 05)</p>
	<p>- <i>Contexto Santa Maria</i></p> <p>“[...] amigo de la familia, mientras, de boina y bombachas campestres, tomaba un mate cimarrón en la puerta del hospital, fiel al estilo gaúcho”. (p. 05)</p>
Causas	<p>- <i>Irregularidades na boate</i></p> <p>“[...] en homenaje a las víctimas del incendio en Kiss, presuntamente originado por una bengala lanzada durante el show de la banda Gurizada Fandangueira, en la madrugada del domingo”. (p. 05)</p>
	<p>- <i>Causa Mortis</i></p> <p>“La mayoría padece problemas respiratorios por la inhalación de humo tóxico, aunque hay 20 que sufren quemaduras graves”. (p. 05)</p>
Metáforas	<p>“La tristeza todavía se respiraba ayer por toda la ciudad [...]”. (p. 05)</p>

Quadro 12 - Matéria: “Uno de los dueños de la disco Kiss intentó suicidarse en el hospital”

31/01/2013

Assinatura	Alberto Almendáriz (Rio de Janeiro)
Representações	<p>- <i>O drama das vítimas e familiares</i></p> <p>“Además, ascendió a 235 el número de muertos, luego de que un joven universitario hospitalizado con quemaduras graves, Gustavo Marques Gonçalves, de 25 años, murió anteanoche. Su madre, Eliane, ya había enterrado el lunes a su otro hijo, Deives, de 33 años, también víctima del trágico incendio”. (p. 05)</p>
	<p>- <i>Busca por culpados</i></p> <p>“Agobiado por su responsabilidad en el incendio de la discoteca Kiss en Santa María, uno de los dueños del local, Elissandro Spohr, intentó suicidarse [...]”. (p. 05)</p>

	<p>- <i>Prisão dos investigados</i></p> <p>“Desde el lunes a la tarde, las autoridades habían ordenado la prisión preventiva de Spohr, de 28 años, en el hospital Santa Lucía de Cruz Alta, donde comparte habitación con su esposa embarazada, que también presenta problemas respiratorios como consecuencia de la humareda tóxica del incendio. También en prisión preventiva se encuentran el otro propietario del local, Mauro Hoffman; el vocalista de la banda Gurizada Fandangueira, Marcelo dos Santos, que habría iniciado el fuego con una bengala que lanzó y alcanzó el techo, y el productor del grupo musical, Luciano Leão”. (p. 05)</p>
	<p>- <i>Clamor por justiça</i></p> <p>“‘Justicia para todos’, exigía ayer un grafiti escrito sobre la fachada de Kiss por unos jóvenes que a través de los techos lograron burlar el cerco policial”. (p. 05)</p>
Causas	<p>- <i>Irregularidades na boate</i></p> <p>“La investigación de la policía civil del estado de Rio Grande do Sul, a cargo del comisario Marcelo Arigony, resaltó una larga serie de irregularidades en el local luego de escuchar los testimonios de sobrevivientes: una sala superpoblada más allá de su capacidad para 690 personas, una salida de emergencia demasiado estrecha, la ruta de evacuación mal señalizada, extinguidores de fuego que no funcionaban y las ventanas de los baños selladas. A todo esto se le sumó el uso de efectos pirotécnicos como el de Gurizada Fandangueira en un lugar cerrado. También la denuncia de la ex gerente de Kiss Vanessa Vasconcelos, que señaló que Spohr solía mandar retirar los matafuegos de las paredes por cuestiones estéticas”. (p. 05)</p>
	<p>- <i>Falta de fiscalização</i></p> <p>“Después del shock inicial y el posterior luto, el ambiente ahora en Santa María es de rabia hacia los miembros de la banda, los encargados de la discoteca y las autoridades locales por no haber fiscalizado las medidas de seguridad en el lugar”. (p. 05)</p>
	<p>- <i>Causa Mortis</i></p> <p>“Casi el 90% de las víctimas mortales del incendio murieron asfixiadas por el humo tóxico que desprendió la espuma aislante acústica instalada en el techo del local”. (p. 05)</p>
Metáforas	<p><i>Não foram detectadas metáforas na matéria.</i></p>

4.4 THE NEW YORK TIMES

O último jornal que compõe a presente análise é o americano The New York Times, também conhecido apenas por "NYT". É um jornal de circulação diária publicado na cidade de Nova York e distribuído em todo o território dos Estados Unidos e também em outros países. Foi fundado em 1851 por Henry Jarvis Raymond e George Jones e pertence à *The New York Times Company*, que controla outros dezessete jornais e cinquenta sites. O NYT começou a ser publicado na internet em 1996, e o site é acessado mensalmente por cerca de 20 milhões de usuários. A escolha desse veículo de comunicação é simbólica: um jornal de grande circulação e que é referência em todo o mundo. O acontecimento Kiss ter sido retratado no The New York Times simboliza a enorme repercussão que o fato teve mundialmente, e acreditamos que o enquadramento dessas notícias merece ser estudado.

As matérias escolhidas para nossa análise foram: "*Frenzied scene as toll tops 200 in Brazil blaze*", referente ao dia 28 de janeiro de 2013; no dia 29 de janeiro de 2013, a matéria publicada trouxe a manchete "*A brief but frantic struggle for victims of fire in Brazil*"; e, finalmente, no dia 30 de janeiro de 2013, a matéria que selecionamos tem o título "*After fire, some Brazilians fault a nation's sense of fatalism*".

Aplicando o protocolo de análise de cobertura jornalística de Silva e Maia (2011), juntamente com a análise de enquadramento proposta por Vimieiro e Maia, foi possível detectar características importantes da cobertura do jornal The New York Times durante a tragédia da boate Kiss.

Dentre as categorias de representação, encontramos a *mídia brasileira* presente na cobertura, o que foi exclusividade desse periódico em nossa análise. Principalmente na matéria do dia 28 de janeiro de 2013, o jornal cita alguns meios de comunicação brasileiros que atuaram na cobertura, como a Folha de S. Paulo e o canal de televisão Globo News: "'The smoke spread very quickly,' Aline Santos Silva, 29, one of the survivors, said in comments to the Globo News television network" (p. A1). Além disso, na matéria do dia seguinte, o repórter cita o famoso texto escrito pelo poeta e jornalista Fabrício Carpinejar no jornal O Globo.

Outra exclusividade que caracteriza a cobertura da tragédia pelo The New York Times é o que chamamos de *contexto Brasil*. As matérias buscam dar um contexto geral sobre o panorama político-econômico do nosso país: na matéria do dia 28 de janeiro de 2013, o repórter cita que a tragédia chama a atenção para as questões de responsabilidade no Brasil, mesmo que o país esteja com a economia em uma base sólida; na reportagem do dia 30 de janeiro de 2013, o jornalista lembra de outras tragédias que poderiam ter sido evitadas no país, assim como as

“pequenas tragédias” que nem sempre são noticiadas na mídia internacional, como acidentes de ônibus, prédios que entram em colapso e a alta taxa de homicídios em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

A *dimensão da tragédia* foi brevemente construída em torno da figura da ex-presidente Dilma Rousseff, que adiantou sua volta do Chile para estar em Santa Maria. O jornal a descreveu emocionada em frente aos repórteres, reproduzindo suas palavras ditas em entrevista coletiva: “Isso é uma tragédia para todos nós” (p. A1).

A *busca por culpados* se refletiu na fala de algumas fontes que deram entrevistas ao jornalista: “‘We’ll see who was responsible for this,’ said Mr. Buss, a computer technician, staring at the ground. ‘I don’t know. Maybe we’ll see some justice since so many people were killed’” (p. A4). A *busca por respostas* se fez presente através das investigações das autoridades acerca da tragédia, e também do autoquestionamento sobre como uma tragédia assim pode ter ocorrido: “Now the soul-searching has begun, as Brazilians here and abroad ask how such a tragedy could have occurred in the first place” (p. A10).

O jornal também cita *tragédias semelhantes*, inclusive o incêndio que aconteceu nos Estados Unidos em 2004, que matou cerca de 100 pessoas. Mas o periódico dá a mesma importância também para outras tragédias ocorridas em outros países, como na Argentina e Rússia. Na matéria do dia 30 de janeiro de 2013, o repórter cita episódios tristes que aconteceram no Rio de Janeiro: “In 2011, floods and landslides struck hillside communities precariously built in the state of Rio de Janeiro, leaving more than 600 people dead. In 1989, a boat of partygoers capsized near Rio, killing more than 50 people. And in 1961, a fire at a circus in the city of Niterói killed more than 500 people” (p. A10).

O *drama das vítimas e familiares* foi em sua maioria retratado através de depoimentos de sobreviventes ao incêndio, e também dos próprios familiares das vítimas. Na publicação do dia 29 de janeiro de 2013, o relato de uma jovem: “‘I started screaming, and thought, When it’s your time to go, it is God who decides,’ she said” (p. A4).

A categoria *solidariedade* foi encontrada na matéria do dia 28 de janeiro de 2013, quando um sobrevivente relata que ajudou a tirar pessoas de dentro da boate: “Once he was outside, he said, he tried to pull others to safety. ‘If we saw a hand or a head, we’d start pulling the person out by the hair,’ he said in a telephone interview” (p. A1).

O *contexto Santa Maria* se revelou quando as reportagens situavam a cidade no estado do Rio Grande do Sul e quando mostravam que era um município tipicamente universitário. No dia 29 de janeiro de 2013, a matéria analisada citou um escritor gaúcho e caracterizou o estado: “[...] the writer Fabrício Carpinejar of Rio Grande do Sul, a state of rolling pampas, or plains,

in which this university city is situated [...]” (p. A4). Também na mesma reportagem, percebe-se que o jornalista esteve de fato em Santa Maria para cobrir a tragédia: destaca-se a *percepção do repórter*, que descreve o clima da cidade após tamanha tristeza, citando lojas fechadas e suspensão das aulas nas universidades. A *prisão dos investigados* também foi noticiada no dia 29 de janeiro de 2013.

No dia 30 de janeiro de 2013, o The New York Times falou sobre o efeito dominó que a tragédia causou: outras cidades do Brasil começaram a fiscalizar casas noturnas. A matéria citou um exemplo do estado do Amazonas: “For instance, in Manaus, the largest city in the Brazilian Amazon, officials shut down 17 nightclubs, some which were found to have had empty fire extinguishers” (p. A10).

As *irregularidades na boate* estão presentes em todas as matérias analisadas do jornal The New York Times: o suposto bloqueio da única porta de saída, o uso de um artefato pirotécnico indevidamente, a falha dos extintores, o alvará vencido e a falta de alarme de incêndio e sprinklers. A *causa mortis* das vítimas foi apontada, em sua maioria, por asfixia e inalação de fumaça.

Quadro 13 - Matéria: “Frenzied Scene as Toll Tops 200 in Brazil Blaze”

28/01/2013

Assinatura	Simon Romero (Rio de Janeiro)
Representações	<p>- <i>Mídia brasileira</i></p> <p>“‘Bureaucracy and corruption also cause tragedies,’ said André Barcinski, a columnist for Folha de São Paulo, one of Brazil’s largest newspapers”. (p. A1)</p> <p>“‘The smoke spread very quickly,’ Aline Santos Silva, 29, one of the survivors, said in comments to the Globo News television network”. (p. A1)</p> <p>“Brazilian television stations broadcast images of trucks carrying corpses to hospitals where family members were gathering”. (p. A1)</p>
	<p>- <i>Dimensão da tragédia</i></p> <p>“President Dilma Rousseff canceled appointments at a summit meeting in Chile to travel to Santa Maria [...]”. (p. A1)</p> <p>“Before leaving the meeting in Chile, she appeared distraught, crying in front of reporters as she absorbed details of the blaze. ‘This is a tragedy,’ she said, ‘for all of us’”. (p. A1)</p>

	<p>- <i>Contexto Brasil</i></p> <p>“More broadly, the blaze may focus attention on issues of accountability in Brazil and point to the relaxed enforcement of measures aimed at protecting citizens, even with the economy on solid footing”. (p. A1)</p> <p>“The nation’s civil service has grown significantly over the past decade, tax revenues are soaring and there is no shortage of laws and regulations governing the minutiae of companies large and small”. (p. A1)</p> <p>“The tragedy took place in a region of Brazil where Ms. Rousseff spent much of her early political career before rising to national prominence as a top aide to the former president, Luiz Inácio Lula da Silva, and running for president herself”. (p. A1)</p>
	<p>- <i>Busca por culpados</i></p> <p>“Some of the survivors’ criticisms pointed to a heated argument over who was responsible. “Only after a multitude pushed down the security guards did they see” what they had done, Mr. Tiecher, the medical student, said in comments posted on Facebook”. (p. A1)</p>
	<p>- <i>Tragédia semelhante</i></p> <p>“The disaster ranks among the deadliest of nightclub fires, comparable to the 2003 blaze in Rhode Island that killed 100 people, one in 2004 in Buenos Aires in which 194 were killed, and a fire at a club in China in 2000 in which 309 people died”. (p. A1)</p> <p>“Yet preventable disasters still commonly claim lives in Brazil, as illustrated by Rio de Janeiro’s building collapses, manhole explosions and trolley mishaps”. (p. A1)</p>
	<p>- <i>O drama das vítimas e familiares</i></p> <p>“Valdeci Oliveira, a local legislator, told reporters that he saw piles of bodies in the nightclub’s bathrooms”. (p. A1)</p> <p>“Survivors described a frenzied and violent rush for the main exit. Murilo de Toledo Tiecher, 26, a medical student at the University of Caxias do Sul who was at the club, said he and his friends had to push through a crush of people to get around a metal barrier that was preventing the crowd from spilling out into the street. He said some people became trapped after they rushed into the bathroom near the exit, thinking it was a way out”. (p. A1)</p>

	<p>“‘The smoke spread very quickly,’ Aline Santos Silva, 29, one of the survivors, said in comments to the Globo News television network. “Those who were closest to the stage where the band was playing had the most difficulty getting out”. (p. A1)</p>
	<p>- <i>Solidariedade</i></p> <p>“Once he was outside, he said, he tried to pull others to safety. ‘If we saw a hand or a head, we’d start pulling the person out by the hair,’ he said in a telephone interview”. (p. A1)</p>
	<p>- <i>Contexto Santa Maria</i></p> <p>“The disaster in Santa Maria, which is in the relatively prosperous state of Rio Grande do Sul, shocked the country. President Dilma Rousseff canceled appointments at a summit meeting in Chile to travel to Santa Maria, a city of about 260,000 residents that is known for its cluster of universities”. (p. A1)</p> <p>“While it was not clear why patrons were initially not allowed to escape, it is common across Brazil for nightclubs and bars to have customers pay their entire tab upon leaving, instead of on a per-drink basis”. (p. A1)</p> <p>“[...] an audience made up mostly of students in the agronomy and veterinary medicine programs at a local university”. (p. A1)</p>
Causas	<p>- <i>Irregularidades na boate</i></p> <p>“Col. Guido Pedroso de Melo, the commander of the city’s Fire Department, said in televised remarks that security guards had blocked the exit, which intensified the panic as people in the club stampeded to the doors”. (p. A1)</p> <p>“The circumstances surrounding the blaze, including the use of pyrotechnics and the reports of the blocked exit, are expected to raise questions about whether the club’s owners had been negligent”. (p. A1)</p>
	<p>- <i>Causa Mortis</i></p> <p>“Many of the victims died of smoke inhalation, officials said”. (p. A1)</p>
Metáforas	<p><i>Não foram detectadas metáforas na matéria.</i></p>

Quadro 14 - Matéria: “A brief but frantic struggle for victims of fire in Brazil”

29/01/2013

Assinatura	Simon Romero (Santa Maria)
Representações	<p>- <i>Mídia brasileira</i></p> <p>“[...] said in a poem published on the front page of the newspaper O Globo. “I died on Rua dos Andradas,” he said — the street of the club”. (p. A4)</p>
	<p>- <i>Contexto Brasil</i></p> <p>“[...] has stunned a nation where the current attitude has typically been one of confidence and satisfaction after nearly a decade of robust economic activity”. (p. A4)</p>
	<p>- <i>Percepção do reporter</i></p> <p>“Santa Maria, with a population of about 260,000, seemed like a city in shock on Monday. Many stores were shuttered, and academic activities were suspended at the universities that are the city’s economic lifeblood. Students could be found on the street, quietly sobbing, or in the gymnasium where families and friends came to grieve among coffins lined up under basketball nets”. (p. A4)</p>
	<p>- <i>Busca por respostas</i></p> <p>“Stung by such details and the death toll, the authorities moved quickly here to investigate the blaze”. (p. A4)</p>
	<p>- <i>Busca por culpados</i></p> <p>““We’ll see who was responsible for this,” said Mr. Buss, a computer technician, staring at the ground. “I don’t know. Maybe we’ll see some justice since so many people were killed””. (p. A4)</p>
	<p>- <i>O drama das vítimas e familiares</i></p> <p>““I started screaming, and thought, ‘When it’s your time to go, it is God who decides,’ she said”. (p. A4)</p> <p>“The description of the mayhem from survivors and statements by band members themselves [...] revealed a frantic struggle for survival that lasted no more than a few minutes”. (p. A4)</p> <p>“After that, panic set in on the stage and in the crowd. “Black smoke spread quickly, then I couldn’t see a thing,” Mr. de Lima said. Still, he ran toward the exit, an effort made “500 times more</p>

	<p>difficult” by the throng of people going in the same direction”. (p. A4)</p> <p>“According to a Brazilian news report, another rescue worker found a victim’s cellphone in the charred nightclub, noticing that it had 104 missed calls on it from someone called ‘Mãe’ — Mother”. (p. A4)</p>
	<p>- <i>Prisão dos investigados</i></p> <p>“[...] two of whom were taken into police custody on Monday in connection with the fire [...]”. (p. A4)</p>
	<p>- <i>Contexto Santa Maria</i></p> <p>“[...] the writer Fabrício Carpinejar of Rio Grande do Sul, a state of rolling pampas, or plains, in which this university city is situated [...]”. (p. A4)</p>
Causas	<p>- <i>Irregularidades na boate</i></p> <p>“The extinguisher failed to function, too, he said”. (p. A4)</p>
	<p>- <i>Causa Mortis</i></p> <p>“By the time it became obvious that was not the case, the clubgoers inside had begun to die, largely from asphyxiation”. (p. A4)</p>
Metáforas	<p><i>Não foram detectadas metáforas na matéria.</i></p>

Quadro 15 - Matéria: “After fire, some Brazilians fault a nation’s sense of fatalism”

30/01/2013

Assinatura	Simon Romero (Rio de Janeiro)
Representações	<p>- <i>Busca por respostas</i></p> <p>“Now the soul-searching has begun, as Brazilians here and abroad ask how such a tragedy could have occurred in the first place”. (p. A10)</p>
	<p>- <i>Mídia brasileira</i></p> <p>“In another caustic assessment of the nightclub fire, the newspaper O Globo said in an editorial on Tuesday that an array of factors, involving “administrative ineptitude, corruption, omission of public authorities and conformity of the common citizen,”</p>

	<p>contributes to a loss of life in Brazil that is at once alarming and banal”. (p. A10)</p>
	<p>- <i>Contexto Brasil</i></p> <p>“Yet the blaze here has stirred frustrations that the protections for human life that exist on paper are not vigorously enforced, even as Brazil wins plaudits for its vibrant democracy and economic might”. (p. A10)</p> <p>“History has something to do with it. Large tragedies that could have been prevented, or at least alleviated to a large degree, have occurred for decades, occupying a painful place in the national consciousness”. (p. A10)</p> <p>“Then there are the smaller tragedies that barely register abroad but are all too common in Brazil. Bus crashes leave dozens of passengers dead. Office buildings collapse. The homicide rate, while lower in large cities like São Paulo and Rio de Janeiro than it was a decade ago, remains higher nationwide than in Mexico, which is in the grip of a war against drug-trafficking organizations”. (p. A10)</p>
	<p>- <i>Busca por culpados</i></p> <p>“Mr. Canto, the retiree whose daughter died in the fire, said that neither the club owners nor the band members were entirely to blame for the tragedy. ‘Those responsible are the people we elected to protect us,’ he said. ‘City Hall,’ he specified. ‘They failed to prevent this from happening’”. (p. A10)</p>
	<p>- <i>Tragédia semelhante</i></p> <p>“Just in the last decade, lethal nightclub fires have broken out in Argentina, Russia and the United States”. (p. A10)</p> <p>“The 1903 fire at Chicago’s Iroquois Theater, which killed more than 600 people, spurred tougher safety standards in the United States, and many Brazilians are hoping for the same kind of reaction”. (p. A10)</p> <p>“In 2011, floods and landslides struck hillside communities precariously built in the state of Rio de Janeiro, leaving more than 600 people dead. In 1989, a boat of partygoers capsized near Rio, killing more than 50 people. And in 1961, a fire at a circus in the city of Niterói killed more than 500 people”. (p. A10)</p>
	<p>- <i>Efeito dominó</i></p>

	“In other Brazilian cities, the authorities are reviewing code regulations and are raiding establishments found to be in violation. For instance, in Manaus, the largest city in the Brazilian Amazon, officials shut down 17 nightclubs, some which were found to have had empty fire extinguishers”. (p. A10)
Causas	- <i>Irregularidades na boate</i> “[...] two owners of the club who the authorities said had been operating with an expired permit and without a fire alarm or sprinklers”. (p. A10) “One inspector told reporters at a news conference on Tuesday that band members had bought flares meant for outdoor use because they cost \$1.25 a piece, compared with \$35 for an indoor flare”. (p. A10)
Metáforas	<i>Não foram detectadas metáforas na matéria.</i>

4.5 COMPARAÇÃO

Passa-se, agora, a uma análise comparativa dos enquadramentos dos quatro jornais aqui estudados (Zero Hora, Folha de S. Paulo, La Nación e The New York Times). A partir das categorias de representação, de causas e metáforas encontradas nas matérias, elaboramos quadros que demonstram de maneira quantitativa a presença dos elementos nas 15 notícias selecionadas para a realização deste trabalho.

Como já citado anteriormente no capítulo que discorremos sobre a metodologia usada na presente pesquisa, nosso período de cobertura analisado foi do dia 28 de janeiro de 2013 a 31 de janeiro de 2013. Selecionamos a principal matéria de cada dia nos quatro jornais, com exceção do The New York Times, que não publicou nenhuma matéria sobre a tragédia da boate Kiss no dia 31.

Os quadros a seguir apresentam o percentual das categorias encontradas nas matérias sobre o total de matérias de cada jornal, por exemplo: a busca por respostas esteve presente em 3 das 4 matérias analisada de Zero Hora; logo, esteve presente em 75% das matérias analisadas do jornal.

Quadro 16 – Categorias de representação

	Zero Hora (4 matérias)	Folha de S. Paulo (4 matérias)	La Nación (4 matérias)	The New York Times (3 matérias)
Busca por respostas	75%	50%	X	66%
Busca por culpados	25%	25%	25%	100%
Clamor por justiça	X	X	50%	X
Contexto Brasil	X	X	X	100%
Contexto Santa Maria	X	25%	75%	66%
Defesa dos proprietários	X	25%	X	X
Dimensão da tragédia	50%	75%	25%	33%
Efeito dominó	X	25%	X	33%
Mídia brasileira	X	X	X	100%
O drama das vítimas e familiares	25%	75%	100%	66%
Percepção do repórter	X	X	50%	33%
Prefeitura vs. Bombeiros	25%	25%	X	X
Prisão dos investigados	25%	50%	50%	33%
Solidariedade	25%	50%	75%	33%
Tragédias semelhantes	X	X	50%	66%

Quadro 17 – Categorias de causas

	Zero Hora	Folha de S. Paulo	La Nación	The New York Times
Irregularidades na boate	100%	100%	100%	100%
Falta de fiscalização	75%	50%	25%	X
Causa Mortis	25%	25%	100%	66%

Quadro 18 - Metáforas

	Zero Hora	Folha de S. Paulo	La Nación	The New York Times
Metáforas	50%	25%	75%	X

Primeiramente, a partir da observação dos quadros acima, podemos estabelecer um parâmetro entre os jornais nacionais estudados aqui. Durante a seleção do corpus do jornal Zero Hora, percebemos que, por ser o jornal mais “próximo” (tanto geograficamente quanto psicologicamente) da tragédia da boate Kiss, a cobertura jornalística foi especial. O público alvo de Zero Hora é o povo gaúcho, e o Rio Grande do Sul vivia um momento extremamente complexo quando 242 jovens, advindos de todas as regiões do estado, haviam falecido de maneira trágica. Por isso, quase todas as edições do jornal dos primeiros dias após a tragédia traziam dossiês de várias matérias sobre o acontecido, o que dificultou um pouco a seleção de nosso *corpus* de pesquisa. Como identificar a matéria principal em meio a tantas outras com abordagens diferentes? Optamos por selecionar a primeira matéria de cada edição sobre o incêndio, ou a que tentava condensar ao máximo as últimas informações sobre o fato. Esse pode ser considerado um diferencial na cobertura de Zero Hora com relação aos outros jornais aqui estudados. Além disso, a categoria *falta de fiscalização* esteve muito presente na cobertura de Zero Hora, assim como a *busca por respostas*. Percebemos um tom de cobrança no jornal que refletiu o que a sociedade gaúcha buscava naquele momento: saber o porquê de tamanha tragédia.

Em Folha de S. Paulo, jornal que possui uma abrangência nacional, percebemos o aparecimento do *contexto Santa Maria*, que buscava contextualizar a cidade e destacar suas

especificidades, o que não foi prioridade no jornal Zero Hora por ser um periódico de abrangência estadual. Folha relatou o *efeito dominó* que a tragédia causou, fazendo com que autoridades de todo o Brasil voltassem a atenção para a fiscalização de casa noturnas. Outra especificidade do jornal foi dedicar uma matéria para a *defesa dos proprietários*, aspecto que não foi encontrado em nenhuma das outras matérias analisadas. A categoria *Prefeitura vs. Corpo de Bombeiros* também foi percebida em Folha de S. Paulo, um aspecto que não esteve presente nos jornais internacionais, por exemplo.

No âmbito internacional, a tragédia da boate Kiss foi percebida de maneiras diferentes pelos jornais La Nación e The New York Times. O primeiro trouxe a categoria *clamor por justiça*, que relatou o sofrimento dos familiares e amigos das vítimas, e também a busca por justiça de toda a população santa-mariense. O La Nación também trouxe, pela primeira vez em nossa análise, a *percepção do repórter*, elemento que revela as observações narrativas do correspondente internacional que esteve *in loco* para fazer a cobertura da tragédia. Uma singularidade do periódico argentino com certeza foi o uso de metáforas em 75% das matérias analisadas. O tom metafórico atribui certo sensacionalismo nas matérias, apelando também para o *drama das vítimas e familiares*. Acreditamos que a cobertura do jornal La Nación esteve muito calcada em *tragédias semelhantes*, principalmente pelo país ter vivido a tragédia da boate República Cromañón no ano de 2004, o que revelou uma proximidade psicológica e sentimental entre Brasil e Argentina.

Por outro lado, o jornal The New York Times trouxe ao leitor uma cobertura contextualizada em termos de economia e política do Brasil. Surgiu aí uma particularidade do jornal: o contexto Brasil, que relatou o cenário em que o país vivia na época, citando também tragédias semelhantes ocorridas nos Estados Unidos e em outros países. Outra particularidade na cobertura de The New York Times foi o uso de referências a veículos da *mídia brasileira*, o que não foi encontrado nas matérias dos outros jornais aqui estudados. O periódico não fez o uso de metáforas e todas as matérias analisadas destacavam a *busca por culpados* pela tragédia. Assim como em La Nación, também encontramos trechos nas matérias que deixavam clara a percepção do repórter que esteve *in loco* cobrindo o acontecimento.

Ao observarmos o quadro 2, que se refere às categorias de causas, percebemos os elementos que mais foram comuns aos quatro jornais: as *irregularidades na boate* e a *causa mortis* das vítimas. Acreditamos que esses aspectos são essenciais nesse tipo de cobertura, já que fazem parte dos elementos básicos de uma notícia jornalística: “Por que o incêndio aconteceu? Como as vítimas morreram?”.

Finalmente, após concluirmos nossa análise, reforçamos o quanto o acontecimento Kiss se encaixa no conceito de acontecimento catastrófico estabelecido por Lozano Ascêncio (2005). Os quatro jornais aqui analisados com certeza tiveram condições diferentes de cobertura do mesmo fato, assim como deram destaque a aspectos distintos da tragédia. Mas todos têm em comum um fato que foi acionado pelo mesmo valor-notícia: a própria tragédia. Santa Maria foi notícia em todos os principais jornais do mundo por conta de um fato que não só causou comoção, mas também ampliou discussões sobre segurança. O autor reflete sobre o poder que as catástrofes têm de provocar novas repercussões partindo do próprio fato.

Subrayando el papel de los medios de comunicación en esta clase de situaciones, sostenemos que no sólo son las principales instancias en la configuración de los climas públicos de información a partir de sus descripciones, explicaciones y evaluaciones, sino que, además, cuentan con la facultad de poder ampliar las repercusiones reales y de provocar nuevos climas informativos de riesgos catastróficos. (LOZANO ASCÊNCIO, 2005, p. 289).

Acreditamos que a abrangência dos periódicos foi um fator decisivo para a pesquisa e ajudou a determinar os enquadramentos de cada cobertura jornalística. Cada jornal teve suas características próprias, e aqui reforçamos o quanto cada um recebe a influência dos aspectos socioculturais em que está inserido. “[os frames] não são construções individuais e sim socioculturais. Eles subentendem certas convenções vigentes numa dada sociedade que os indivíduos mantêm, transformam, atualizam, em suas interações e relações sociais” (FRANÇA et al, 2015, p. 136).

CONCLUSÃO

A presente pesquisa se dedicou a analisar os enquadramentos presentes nas notícias sobre a tragédia da boate Kiss em quatro jornais de abrangências diferentes: Zero Hora, Folha de S. Paulo, La Nación e The New York Times. Trabalhar nessa análise nos possibilitou rememorar a cobertura jornalística dos quatro primeiros dias que se seguiram depois da tragédia. Foi um trabalho árduo de leitura, seleção de *corpus* e, com certeza, de decisões. Escolher um tema tão complexo como uma tragédia que afetou centenas de pessoas para ser nosso objeto de estudo com certeza não foi uma tarefa fácil. Mas, nós seguimos em frente.

O primeiro passo de nosso desafio foi fazer a revisão teórica do acontecimento jornalístico. Para isso, resgatamos autores como Lage (2014), Traquina (2004), Alsina (2009) e França (2015). Entender como um fato se torna um acontecimento passível de ser retratado na mídia foi muito importante para que, posteriormente, avançássemos para o acontecimento catastrófico, conceituado por Lozano Ascêncio (2005). Neste trabalho, ele se tornou autor chave para que entendêssemos o mecanismo do acontecer jornalístico durante tragédias e catástrofes que abalam a sociedade.

Em um segundo momento, mergulhamos nos estudos dos enquadramentos jornalísticos, tema que foi essencial em nosso trabalho. Com Entman (1993), Porto (2002) e Pozzobon e Schaefer (2014), conseguimos compreender melhor o *frame* e suas complexidades quando aplicado em pesquisas da área da comunicação. Inserida em nosso protocolo de análise de cobertura adaptado, acreditamos que a análise indireta dos enquadramentos segundo Vimieiro e Maia (2011) se revelou um método versátil e eficiente na análise das matérias – permitiu que fôssemos livres para experimentar e selecionar os critérios que mais se adequavam a nossa pesquisa. Temos a convicção de que nosso trabalho tem a nossa marca singular.

Ao chegar ao final da análise proposta neste trabalho, não poderíamos deixar de registrar o quão engrandecedor foi ter contato com quatro jornais tão diferentes entre si. Percebemos que cada jornal teve suas especificidades no que diz respeito à cobertura jornalística da tragédia da boate Kiss, mas também compartilharam aspectos em comum. Não pretendemos reduzir um enquadramento fixo para cada periódico, pois temos a convicção de que as perspectivas encontradas aqui não são engessadas e também não dão conta do todo da cobertura de cada jornal. Mas podemos construí-los baseando-nos no que encontramos durante a análise.

Em Zero Hora, percebemos que a cobertura foi diferenciada em virtude da abrangência do jornal. As primeiras edições pós-tragédia foram inteiramente dedicadas ao acontecimento, o que nos fez ter um pouco de dificuldade no momento de selecionar o *corpus*. Entretanto, a partir da análise das matérias escolhidas, percebemos que o enquadramento de Zero Hora esteve

focado na falta de fiscalização da boate Kiss, na busca por respostas e culpados e na dimensão da tragédia.

Em Folha de S. Paulo, nossa análise revelou que a cobertura conseqüentemente foi voltada a um público mais abrangente; foi preciso situar a cidade de Santa Maria no Brasil, e o jornal ainda deu destaque ao efeito dominó que a tragédia causou no país: muitas casas noturnas foram fechadas por não estarem em situação regular. O enquadramento de Folha esteve bastante voltado para a dimensão da tragédia e para o drama das vítimas e familiares no Sul do Brasil. Assim, acreditamos que a cobertura do periódico se deu de uma maneira mais condensada do que em Zero Hora, já que o jornal não é de abrangência sulista e precisava tentar abordar todos os aspectos do fato em poucas matérias.

Quanto aos jornais internacionais, percebemos que La Nación e The New York Times adotaram enquadramentos diferentes sobre a tragédia da boate Kiss. O primeiro, por ser de um país próximo geograficamente e também por estabelecer uma proximidade psicológica com o Brasil (por ter vivido uma tragédia semelhante em uma casa noturna), teve uma cobertura voltada ao drama das vítimas e familiares e ao clamor por justiça da população. Um vínculo sentimental foi estabelecido entre as duas nações: o próprio jornal cita que “O Brasil teve sua Cromañón”. Em The New York Times ficou claro o enfoque no Brasil como um todo: o contexto do país e a mídia brasileira foram bastante citados nas matérias. Mesmo que os Estados Unidos da América tenham vivido uma tragédia semelhante, assim como a Argentina, isso não se mostrou como um elemento decisivo para o enquadramento do jornal.

Finalmente, admitimos a dificuldade em atribuir enquadramentos a coberturas de jornais cujas rotinas de produção são distintas e nas quais não estamos inseridas. Não temos a pretensão de darmos a última palavra. O dia-a-dia do jornalista é marcado por diversos aspectos, sejam eles organizacionais ou externos. Acreditamos que o presente trabalho pode ser de grande utilidade para pesquisas futuras que se proponham a analisar coberturas jornalísticas de jornais nacionais e internacionais, e esperamos que nossa análise contribua para o fortalecimento das pesquisas em comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, M. R. **A construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ARMENDÁRIZ, A. Santa María, una ciudad de luto que siente que perdió el alma en la tragedia. **La Nación**, Buenos Aires, 29 jan. 2013. Caderno El Mundo, p. 05.

BERGER, C.; TAVARES, F. M. B. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: FONSECA, Pradelina da Silveira; BENETTI, Márcia. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

CAPRIGLIONE, L. Defesa de dono da Kiss ‘distribui’ culpa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 jan. 2013. Caderno Cotidiano, p. C2.

CORREIA, J. C. E-book. **Teoria e crítica do discurso noticioso: notas sobre jornalismo e representações sociais**. Covilhã: Livros LabCom, 2009.

ENTMAN, Robert M. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. In: **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51–58, 1993. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x/abstract>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

FERNANDES, M. L. A proximidade como critério de noticiabilidade: a força da notícia local. In: SILVA, G. et al. (Orgs.). **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

FONTCUBERTA, Mar de. **La Noticia: pistas para percibir el mundo**. Barcelona: Paidós, 1993.

FRANÇA, V. V. et al. Enquadramento. In: FRANÇA, V.; MARTINS, B.; MENDES, A. (Org.). **GRIS: Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. 01ed. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2014, p. 82-88.

FRANÇA, R. O. Acontecimento. In: FRANÇA, V.; MARTINS, B.; MENDES, A. (Org.). **GRIS: Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. 01ed. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2014, p. 82-88.

GAMSON, William.; MODIGLIANI, Andre. Media discourse and public opinion on nuclear power: a construcionist approach. **American Journal of Sociology**, v. 95, p. 1-37, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. Cambrigde: Harvard University Press, 1974.

GUERRA, J. L. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia. In: SILVA, G. et al. (Orgs.). **Crêterios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicaçôes**. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

HOHLFELDT, Antônio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

KURTZ, A. S. Morrer em Santa Maria: as charges de Marco Aurélio sobre a tragédia da boate Kiss. In: SILVEIRA, A. C. M. (Org.). E-book. **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: FACOS, 2014. 362 p.

LAGE, Leandro. O acontecimento é o passado da notícia? In: LEAL, Bruno Souza et al. (Orgs.). **Para entender o jornalismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p. 77-88.

LOZANO ASCENCIO, C. Aportaciones para uma historia del acontecer catastrófico. In: **Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã**, 3., 2004, Covilhã. *Anais...* Covilhã: 2005. p. 289-297.

MATTHES, Jörg.; KOHRING, Matthias. The content analysis of media frames: Toward improving reliability and validity. **Journal of Communication**, v. 58, n. 2, p. 258-279, 2008.

MORETZSOHN, S. D. Noticiar a dor: possibilidades e dificuldades do jornalismo na tragédia de Santa Maria. In: SILVEIRA, A. C. M. (Org.). E-book. **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: FACOS, 2014. 362 p.

MOTA DE OLIVEIRA, J. **Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da Boate Kiss**. 2016. 163 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2016.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PORTO, M. P. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A.A. (Org.). **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: EdUFBA, 2004. p. 73-104.

POZOBON, R. O.; SCHAEFER, R. Perspectivas contemporâneas das pesquisas sobre enquadramento: uma proposta de sistematização conceitual. In: **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 16, n. 3, 2014. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.163.02>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

ROTHBERG, Danilo. Enquadramentos midiáticos e sua influência sobre a consolidação de direitos de crianças e adolescentes. **Revista Opinião Pública**, Unicamp, vol. 20, n. 3, p. 407-424, dezembro, 2014.

SANTOS, José Manuel. Da perca do mundo à sociedade dos (mega) acontecimentos. **Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, nº 6, 2005.

SILVA, G. & MAIA, F. D. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Revista Rumores**. Edição 10, v.5, jul.-dez. 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias não como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

TUCHMAN, Gaye. **Making News: A study in the construction of reality**. New York: The Free Press, 1978.

TUROLLO, R. J. Casa noturna tinha mais clientes que o permitido; donos e músicos são presos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 jan. 2013. Caderno Cotidiano, p. C1.

VIMIEIRO, Ana Carolina; MAIA, Rousiley Celi Moreira. Análise indireta de enquadramentos da mídia: uma alternativa metodológica para a identificação de frames culturais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 18, p. 235-252, jan/abril. 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. Lisboa: Editora Presença, 1999.

ANEXOS

Aqui, trazemos os textos jornalísticos das matérias analisadas dos jornais Zero Hora, Folha de S. Paulo, La Nación e The New York Times. Todos foram publicados nas edições impressas dos jornais. Alguns *screenshots* provêm dos websites dos periódicos, isso porque não conseguimos reter algumas edições impressas. Entretanto, as matérias são as mesmas publicadas no impresso.

ANEXO A

O Rio Grande do Sul despertou ontem dentro do pior dos pesadelos. Um pesadelo do qual não era possível acordar. O absurdo tornara-se realidade. O mundo estava sangrando por Santa Maria. Havia 233 mortos e mais de uma centena de feridos no incêndio na boate Kiss, no centro da cidade – a maior tragédia que o Estado já teve de enfrentar.

Pouco depois das 2h, durante uma apresentação do grupo musical Gurizada Fandangueira, um sinalizador lançado como parte do espetáculo fez arder a espuma para isolamento acústico que reveste o teto da boate. O fogo transformou o oxigênio em fumaça, e a festa, em luta desesperada pela sobrevivência.

Eram centenas de rapazes e moças no local, talvez mais de mil. Por causa da greve do ano passado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), as aulas se estenderam janeiro adentro e mantiveram a cidade repleta de jovens. Sufocados pela fumaça negra, eles só tinham uma chance de viver: alcançar a única porta do estabelecimento, com cerca de dois metros de largura.

Santa Maria à procura respostas

Era pouca saída para tanta gente. A maior parte das mortes ocorreu por asfixia, algumas a poucos passos do ar da noite. É possível que parte dos mortos tenha sido pisoteada. Alguns queimaram. Quem escapou com vida uniu-se do lado de fora a policiais e bombeiros para uma das mais desesperadas operações de resgate de que o Rio Grande do Sul já teve notícia. Houve voluntários que entraram na boate enfumaçada para salvar e somaram-se ao câmputo das vítimas.

Em meio ao pranto e ao luto, começou pouco a pouco a busca dos porquês. Por que fazer um show pirotécnico em um ambiente fechado? Por que o alvará de incêndio estava vencido? Por que faltaram alternativas para a evacuação de emergência? Por que a segurança da casa teria tentado barrar a saída dos jovens?

A tragédia era grande demais para ficar sem respostas. Ela pôs Santa Maria a chorar diante das duas centenas de corpos enfileirados para reconhecimento no Ginásio Farrezão, mergulhou os gaúchos em negro luto e foi o único tema do domingo no Brasil. Fez a presidente Dilma Rousseff cancelar seus compromissos no Chile e voar a Santa Maria para prestar solidariedade. Motivou o governador Tarso Genro a decretar sete dias de luto oficial. Pôs um fato local nas manchetes da imprensa internacional como nunca antes ocorrera. Converteu o Rio Grande do Sul, desde a madrugada de ontem, no lugar com maior concentração de tristeza no mundo.

ANEXO B

Desrespeito a normas básicas



Com apenas uma porta para entrada e saída, fachada da boate teve buracos abertos para facilitar o resgate de vítimas

ADRIANA IRION, FRANCISCO AMORIM e JOANA COLUSSI

Não dispor de uma saída de emergência adicional era o primeiro item de várias normas básicas de segurança contra incêndios desrespeitadas pela boate Kiss.

Para assegurar o curso das investigações sobre o incidente que resultou na morte de, pelo menos, 230 pessoas, a Polícia Civil cumpriu, ontem, mandados de prisão temporária dos dois proprietários da casa noturna e de dois músicos da banda Gurizada Fandangueira (*leia mais na página 6*).

Além das causas da tragédia, a polícia terá de apurar porque autoridades diminuíam a importância de problemas estruturais considerados graves por especialistas.

A Kiss tinha apenas uma porta, que funcionava como entrada e saída. O Corpo de Bombeiros considera desnecessária a existência de uma segunda saída, mas a porta de emergência é considerada obrigatória pela Norma 9.077 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que baliza as legislações contra incêndio de Santa Maria

e do Estado. José Carlos Tomina lidera o grupo que, na ABNT, elaborou as 64 normas de prevenção e combate à incêndio vigentes no país.

– A norma em questão não prevê nenhuma possibilidade daquela casa noturna estar funcionando com apenas uma saída, não importa o tamanho da porta – afirmou.

É necessário, também, que a saída adicional fique em um acesso do lado oposto ao principal. Para ele, a casa falhava em itens básicos de segurança, como iluminação e sinalização de emergência.

Legislação exige ao menos duas saídas

A ausência de saídas de emergência para uma evacuação rápida e a falta de comunicação entre os funcionários da casa foram erros fatais, na avaliação do coordenador do Grupo de Análise de Risco Tecnológico e Ambiental da Coppe/UFRJ, Moacyr Duarte:

– A cadeia de responsabilidade nessa tragédia é enorme. Qualquer plano de emergência prevê a evacuação de um local em menos de cinco minutos.

Mesmo antiga, legislação atual contempla os pontos básicos de segurança, diz o especialista. Para ele, a tragédia não foi uma fatalidade, mas uma sequência de erros banais:

– A configuração da boate é inadmissível em qualquer lugar do mundo. Nem janelas tinha. Qualquer inspeção básica de bombeiro não daria autorização para funcionar.

O fato de as saídas de emergência não atenderem a requisitos mínimos tornou impossível que todos saíssem com vida durante a correria, considera o engenheiro de segurança do trabalho Rogério Bueno de Paiva, professor da Unisinos, que destaca a falha dos extintores e a má sinalização como fatores importantes.

Já o professor Luiz Carlos Pinto da Silva Filho, diretor do Centro Universitário de Estudos e Pesquisas em Desastres da UFRGS, sugere simplificar a legislação para aumentar a fiscalização dos estabelecimentos.

– Não podemos fechar os olhos para o risco. Para fazer jus à memória dessas vítimas, precisamos fiscalizar, denunciar – disse.

adriana.irion@ze.com.br
francisco.amorim@zerohora.com.br
joana.colussi@zerohora.com.br

O dia do empurra

HUMBERTO TREZZI e JULIANA BUBLITZ

Esperadas desde domingo, as explicações públicas para a maior tragédia da história do Rio Grande do Sul acabaram se resumindo, ontem, a um jogo de empurra e de acusações mútuas entre autoridades municipais e estaduais.

Pressionados por amigos e familiares dos mais de 230 jovens mortos no incêndio da boate Kiss, em Santa Maria, e pela imprensa nacional e internacional, prefeitura e Corpo de Bombeiros entraram em rota de atrito.

15h30

O primeiro sintoma da crise veio a público às 15h30min, quando o major Gerson Pereira, chefe do Estado Maior do 4º Comando Regional do Corpo de Bombeiros, concedeu entrevista coletiva na sede da corporação no município. No meio da conversa, transmitida ao vivo por veículos de comunicação, ele foi desautorizado a falar com jornalistas pelo governador Tarso Genro.

A repreensão veio depois que o major, exaltado, disse que “a culpa” pelo incidente não pode ser atribuída à sua equipe, mas admitiu que havia “coisas erradas” na casa noturna. Pereira negou que as falhas fossem

de responsabilidade dos bombeiros e insistiu em afirmar que o estabelecimento podia funcionar mesmo com o alvará de prevenção e proteção contra incêndio vencido.

Depois de ter sido chamado com urgência por um colega para o lado de fora da sala, Pereira voltou e avisou que não poderia mais se pronunciar:

– Recebi uma determinação de quem trata desse assunto agora é o governador.

Minutos antes, em outra entrevista no Palácio Piratini, Tarso já havia demonstrado descontentamento com a postura assumida pelos comandos do Corpo de Bombeiros e da Brigada Militar no caso. O governador reconheceu que a dançeteria não deveria estar aberta “de jeito nenhum”.

O chefe dos bombeiros não falou demais. Ele falou completamente errado. Bombeiros não autorizam o funcionamento de nada. Quem dá o alvará é a prefeitura – corrigiu Tarso (*leia mais na página 10*).

16h30

Em mais uma rodada de entrevistas, foi a vez da prefeitura evitar as responsabilidades. Diante de um batalhão de cinegrafistas, fotógrafos e repórteres, o prefeito Cezar Schürmer fez um comunicado oficial de 13 minutos e liberou o acesso a documentos referentes à

boate, que comprovam que o alvará de prevenção e proteção contra incêndio perdeu a validade em 10 de agosto de 2012. Mas, visivelmente tenso e cansado, saiu sem responder a nenhuma pergunta. Mais tarde, Schürmer explicou que não tinha condições, naquele momento, de prestar esclarecimentos.

– Eu cumpri rigorosamente o meu dever. Não há como colocar um fiscal ao lado de cada pessoa para ver se ela está cumprindo a lei. A avaliação das condições de segurança foi atestada pelos bombeiros – falou Schürmer, horas mais tarde.

16h45

No meio da tarde, porém, após o pronunciamento do prefeito, o secretário de Governo, Giovani Mânica, garantiu:

– A prefeitura não é responsável.

18h00

Na Delegacia Regional da Polícia Civil em Santa Maria, uma quarta coletiva de imprensa havia jogado mais lenha na fogueira.

– Ainda não recebemos nenhum documento do Corpo de Bombeiros sobre em que fase estava o processo de renovação da licença da boate e se os requisitos exigidos haviam sido atendidos – disse o delegado

regional Marcelo Arigony.

A promessa era de que essas informações chegariam ainda ontem aos inspetores. Até as 18h, conforme Arigony, a espera pela documentação prosseguia.

A impaciência dos policiais com os bombeiros em enviar os dados era tanta que um delegado sugeriu ingressar na Justiça para obter o dossiê por força de lei. Foi dissuadido, mas a hipótese não está descartada.

Além de aguardar o Plano de Prevenção e Combate a Incêndio, os responsáveis pela investigação solicitaram uma lista de funcionários municipais responsáveis pela emissão de alvarás e a fiscalização.

19h22

Numa tentativa de amenizar o mal-estar, o comandante-geral da Brigada Militar, coronel Sérgio Abreu, divulgou nota oficial às 19h22min de ontem para prestar “esclarecimentos”. Em seu texto, deu a entender que a culpa é dos proprietários do empreendimento. Entre outros fatores, era dever deles, segundo Abreu, “manter as rotas de fuga totalmente desobstruídas, o que não ocorreu”.

humberto.trezi@zerohora.com.br
juliana.bublitz@zerohora.com.br

Justificativas que não explicam a tragédia



GIOVANI MÂNICA,

Secretário de Governo de Santa Maria



A prefeitura não é responsável (pela tragédia). A prefeitura estava com toda a documentação regular, e a fiscalização que lhe competia, foi feita.

Foi feita inclusive uma vistoria em abril de 2012 por dois fiscais municipais e, se isso não foi apurado, vai ser investigado.

O alvará emitido pelos bombeiros não é de competência da prefeitura.

Eu não gostaria, antes da conclusão do inquérito, de dizer que a culpa é de determinada instituição. Só digo que a competência é do Corpo de Bombeiros. Não sou eu quem responsabiliza. Quem faz isso é a lei.

Os esperados esclarecimentos sobre como o poder público permitiu que a boate Kiss funcionasse sem os requisitos básicos de segurança não vieram ontem. Ao contrário: as explicações da prefeitura de Santa Maria e do Corpo de Bombeiros consistiram em eximir-se de responsabilidades. Confira as versões.



MAJOR GÉRSO DA ROSA PEREIRA,

Subcomandante do 4º Comando Regional do Corpo de Bombeiros



Não é competência dos bombeiros trocar o forro. Não sei de quem é a competência. Não sei de quem é a culpa.

Há milhares de cidades e de boates. Essas outras têm mais sorte do que juízo.

A população também deve ter cuidado com o lugar que frequenta. Não dá para ficar em um lugar onde não se pode nem se mexer.

A competência dos bombeiros está na prevenção de incêndio – escada, extintores, entre outros. A boate tinha sinalização. Claro que extintores apresentam problemas, por isso cuidamos a validade da recarga, realizamos o teste hidrostático a cada cinco anos.

O QUE AINDA NÃO TEM RESPOSTA

- 1** Por que a boate seguiu aberta com o alvará vencido?
- 2** Por que a Kiss foi autorizada a funcionar mesmo sem ter requisitos básicos de segurança?
- 3** Por que as autoridades não mostram o plano de prevenção contra incêndios da casa, que embasou a autorização para o funcionamento?
- 4** Por que os efeitos pirotécnicos eram rotina nas apresentações da banda e não foram coibidos?



Muitas são as irregularidades, infelizmente no nosso país as coisas funcionam assim, sempre se passa por cima da lei. O inquérito apontará os que de forma direta ou indireta tiveram responsabilidade, é bastante evidente que os órgãos competentes falharam ao cumprir o que a lei determina.

Alisson Toledo

A verdade é que a prefeitura e o governo do RS deveriam também serem responsabilizados, não apenas os donos. Aí não respondem os questionamentos porque são culpados e não têm como se defender. Alguém acha que eles vão pagar por isso? Brasil, o país da impunidade.

Carla Ale B.

Empresa de bombeiros assessorou boate Kiss

ADRIANA IRION e FRANCISCO AMORIM*

Uma empresa contratada pela boate Kiss – cenário da morte de mais de 230 pessoas na madrugada de domingo – para se adequar às normas de combate a incêndio exigidas pelo Corpo de Bombeiros é ligada à própria corporação. Conforme o site da Secretaria Estadual da Fazenda, a Hidramix Prestação de Serviço é de propriedade de dois bombeiros de Santa Maria e da mulher de um deles.

Denúncias de que bombeiros prestam esse tipo de consultoria e depois aprovam o próprio trabalho – quando é emitido um documento atestando a segurança do estabelecimento – motivou a abertura, há um ano, de um inquérito civil pelo Ministério Público, ainda em tramitação. A atuação de policiais militares em atividade extra deste tipo é vedada pelo estatuto da corporação. Com atuação no ramo de “prevenção de incêndio”, a

Hidramix foi aberta em 2005 pelo sargento Roberto Flavio da Silveira e Souza. Em 2008, entrou na sociedade o bombeiro aposentado Jairo Bittencourt da Silva. Em janeiro de 2012, nova alteração: passou a ser sócia da empresa a mulher do sargento Souza, Gilceliane Dias de Freitas.

– Não tem nada de ilegal na minha participação. Faço parte da assessoria da empresa, sou sócio cotista, dou assessoria. Só o que a empresa fez na Kiss foi instalar uma barra antipânico, que pelo que vi foi a única coisa que funcionou no dia *(do incêndio)*. Quem fez o plano de prevenção e combate a incêndio foi uma empresa de engenharia, nós só executamos essa medida do plano, a barra – explicou a ZH o sargento Souza.

Uma das linhas de investigação da Polícia Civil é verificar se a Hidramix participou da elaboração do plano de prevenção e combate a incêndio (PPCI), apesar de seu nome não constar no documento. O bombeiro também confirmou que já respondeu a in-

quérito policial-militar instaurado pela corporação por conta do trabalho na empresa e que foi absolvido.

– Foi comprovado que só presto assessoria – disse o sargento.

Um serviço ainda dentro da garantia

Segundo Souza, o bombeiro aposentado Jairo saiu da sociedade da Hidramix no ano passado, apesar de seu nome ainda aparecer no site da Sefaz. Souza, que trabalhou na segunda-feira nos escombros do incêndio da Kiss, disse que a empresa presta assessoria a qualquer estabelecimento que a procurar, não só para “casas noturnas”. O sargento também explicou que sua mulher é a sócia majoritária da Hidramix e que ela tem funcionários especializados.

O serviço que a empresa do bombeiro executou na Kiss ainda estava dentro da garan-

tia. Conforme Édio Nabinger, eletrotécnico da empresa, foram feitas visitas de vistoria por conta da garantia em julho e agosto, e a última estava prevista para ocorrer em fevereiro. No site da Secretaria da Fazenda, a Hidramix aparece como empresa que atua nos serviços de limpeza em prédios e domicílios, instalações de sistemas de prevenção contra incêndio e instalação e manutenção elétrica.

Desde domingo, ZH tem pedido à Brigada Militar a divulgação do plano de prevenção a incêndio da Kiss. E com base nas informações do PPCI que os bombeiros emitem o alvará de prevenção e proteção contra incêndio. O alvará da Kiss estava vencido desde agosto, e os bombeiros ainda não tinham vistoriado as condições da casa.

adriana.irion@zerohora.com.br
francisco.amorim@zerohora.com.br

Colaboraram Caio Cigana,
Juliana Bublitz e Sãmia Frantz

ANEXO E

Banheiros ficaram lotados de corpos; polícia apura demora para liberar saída

Entre 600 e 1.000 pessoas estavam em boate de Santa Maria (RS) quando, segundo a polícia, sinalizador causou o incêndio

Toque incessante de celulares nos bolsos das vítimas levadas ao ginásio causou comoção nas pessoas

FELIPE BÄCHTOLD
MARCELO SOARES
REYNALDO TUROLLO JR.
ENVIADOS ESPECIAIS A SANTA MARIA
MELINA GUTERRES
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM SANTA MARIA

Ao menos 231 pessoas morreram e outras 106 ficaram feridas num incêndio na madrugada de ontem em uma casa noturna em Santa Maria, município na região central do Rio Grande do Sul e a 323 km de Porto Alegre.

Dos 106 feridos, entre queimados e intoxicados, 92 estavam internados em Santa Maria até o final da tarde de ontem, 14 haviam sido transferidos para a capital do Estado.

O incêndio, de acordo com sobreviventes, começou por volta das 2h30. Segundo a polícia, o vocalista da banda Gurizada Fandangueira ergueu uma espécie de sinalizador em cima do palco.

As faíscas, segundo relatos de sobreviventes à polícia, atingiram o teto da boate e se espalharam rapidamente, já que toda a estrutura da casa noturna é revestida por espuma, forro de isolamento acústico altamente inflamável.

O guitarrista da banda, Rodrigo Lemos Martins, disse à **Folha** que o fogo começou depois que o sinaleiro (chamado por ele de "sputinik") ter sido aceso.

Um segurança da casa e o vocalista da banda tentaram apagar o incêndio, diz o guitarrista, porém o extintor não funcionou. "Os guris tentaram apagar, mas o extintor não funcionou, não saiu nada", disse (leia mais na pág. C6).

A boate Kiss, com capacidade para até 1.000 pessoas, recebia na madrugada de ontem entre 600 e 1.000 pessoas, de acordo com a polícia.

O local era ponto de encontro de estudantes universitários. O município abriga alunos de faculdades particulares e da Universidade Federal de Santa Maria, muitos de outros Estados.

Em nota, a universidade informou ontem que ao menos 101 mortos eram seus alunos.

Segundo testemunhas, com o incêndio, houve correria e tumulto no local.

Outras disseram ter corrido para a porta de saída da boate, mas foram inicialmente barradas por seguranças. Só quando notaram o incêndio, instantes depois, eles liberaram a saída. A informação será investigada pela polícia.

O segurança Rodrigo Moura, que estava próximo ao palco, disse que seus colegas só bloquearam a saída por "alguns segundos", por achar que se tratava de uma briga.

REFÚGIO

Segundo a legista do IML, Maria Zuchetto, a maioria das vítimas morreu por asfixia (sem conseguir respirar) ou por intoxicação com a fumaça. Os banheiros da boate estavam lotados de vítimas, que buscavam se refugiar do incêndio.

À marretadas, os bombeiros tiveram que abrir um buraco na parede da boate para facilitar a retirada das pessoas. O fogo somente foi controlado no início da manhã.

Para atingir os fundos da boate em busca de sobreviventes, os bombeiros tiveram de transpor corpos amontoados.

Os corpos foram levados de caminhão para um complexo esportivo, onde foi improvisado um IML (Instituto Médico Legal) e os familiares fizeram o reconhecimento das vítimas.

Alguns desmaiaram e foram amparados por uma equipe de psicólogos e assistentes sociais de plantão.

Ao longo do dia, marcado pela comoção e por um forte calor de cerca de 35°C, pessoas desmaiavam nas ruas.

Policiais e bombeiros relataram que durante a chegada dos primeiros corpos a esse IML o toque incessante de celulares nos bolsos das vítimas, provavelmente de familiares desesperados em busca de notícias, causou comoção entre as pessoas.

Um velório coletivo foi organizado num ginásio ao lado, no mesmo complexo.

Até a conclusão desta edição, a polícia afirmava que eram 233 mortos. A legista do IML, Maria Zuchetto, porém, explica que nessa lista havia dois nomes repetidos, o que foi corrigido durante o dia.

ANEXO F

PROXIMO TEXTO ►

TRAGÉDIA NO SUL

Casa noturna tinha mais clientes do que o permitido; donos e músicos são presos

Superlotação dificultou saída do local durante incêndio em Santa Maria - 76 feridos correm risco de morte - à noite, multidão de branco saiu às ruas para lembrar vítimas

DOS ENVIADOS A SANTA MARIA

Cerca de 1.000 pessoas, a maioria jovens universitários, em um local onde só eram permitidas, no máximo, 691.

Um dia após a tragédia na cidade gaúcha de Santa Maria, onde ao menos 231 pessoas morreram, já é possível saber, de acordo com os bombeiros, que a superlotação dificultou a saída durante o incêndio na casa noturna Kiss.

Os dois proprietários da boate e dois integrantes da banda Gurizada Fandangueira, que se apresentava na hora da tragédia, foram presos. Para a polícia, os quatro "assumiram o risco da morte" dos frequentadores do local.

Além de o alvará da casa noturna estar vencido, a polícia entende que foi um risco à segurança o show pirotécnico feito pela banda.

Ontem, Santa Maria parou para que pais e mães enterrassem seus filhos. Quase 75 vizinhos acompanharam, por exemplo, o enterro da menina Janaina Portela, 19, que fora à Kiss para lavar copos no lugar da mãe, que estava doente.

Ao mesmo tempo, uma onda de solidariedade tomou conta da cidade.

No Complexo Desportivo Municipal, que concentrou os velórios, quase 2.000 pessoas, muitas delas universitárias como a maioria das vítimas, se mobilizavam para garantir comida, abrigo e abraços aos parentes.

Nos hospitais da cidade, de Porto Alegre e de Canoas, 129 feridos continuam internados -desses, 76 estão em "estado crítico" e correm risco de morte, informou o ministro da Saúde, Alexandre Padilha.

Por volta das 22 horas, uma multidão saiu às ruas para lembrar a tragédia. Soldados da Brigada Militar do Rio Grande do Sul estimavam entre 20 mil e 30 mil pessoas.

O incêndio na boate provocou um "efeito dominó" pelo país, com prefeituras convocando reuniões para discutir a segurança em casas noturnas. Foi um pedido da presidente Dilma Rousseff, que anteontem foi a Santa Maria.

Em São Paulo, o prefeito Fernando Haddad irá se reunir com donos de casas noturnas para tentar melhorar a segurança desses locais. Não há um banco de dados disponível sobre a situação dos alvarás dos estabelecimentos na capital paulista.

PRINCIPAIS FALHAS APONTADAS

1- Superlotação

A casa noturna tem capacidade para 691 pessoas, mas reunia de 900 a 1.000 no momento da festa

2- Insegurança

Auto de vistoria do Corpo de Bombeiros estava vencido desde agosto. A boate não tinha alvará de funcionamento

3- Pirotecnia

Local não era apropriado para show de fogos. O material usado no isolamento acústico era inflamável e facilitou a propagação das chamas

4- Saída única

Local não tinha saída de emergência. Não se sabe se a única porta, de quatro metros de largura, era suficiente para a saída das pessoas

5- Despreparo

Funcionários não orientaram corretamente a saída dos frequentadores. Testemunhas relatam que, no início, seguranças barraram pessoas na porta

ANEXO G

TRAGÉDIA NO SUL

Polícia acusa banda e boate por tragédia e aponta falhas dos bombeiros e da prefeitura

Delegado diz que plano de segurança estava vencido e que músicos usaram fogos mais baratos e inadequados

REYNALDO TUROLLO JR.
MARCELO SOARES
ENVIADOS ESPECIAIS A SANTA MARIA
MELINA GUTERRES
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM SANTA MARIA

A boate Kiss realizou reformas "por conta e risco", sem passar por vistorias. Tanto prefeitura como Corpo de Bombeiros falharam na fiscalização. A banda Gurizada Fandangueira usou, no show dentro da casa noturna, artefatos pirotécnicos indicados apenas para áreas externas.

Pela primeira vez nas investigações sobre a tragédia em Santa Maria (RS), Polícia Civil e Ministério Público Estadual apontaram indícios de uma falha coletiva.

A entrevista coletiva que anunciou o que está sendo apurado ocorreu ontem, às 17h, um hora depois de o prefeito Cezar Schirmer (PMDB) ter feito um pronunciamento responsabilizando os bombeiros por erros na fiscalização.

O comandante do Corpo de Bombeiros, Guido Pedroso de Melo, negou ter havido falhas, mas se recusou a mostrar o último laudo, afirmando que, por fazer parte do inquérito, se trata de documento sigiloso.

A boate estava irregular e "não deveria estar funcionando", disse o delegado Marcelo Arigony, chefe das investigações. Segundo ele, o plano de segurança contra incêndio, de responsabilidade dos bombeiros, estava vencido desde 10 de agosto, e o sanitário, da prefeitura, desde 31 de março.

A polícia informou que as informações solicitadas ao município e aos bombeiros não haviam sido entregues até a conclusão desta edição.

O Ministério Público instaurou inquérito para apurar possíveis falhas na fiscalização.

De acordo com o delegado, os fogos utilizados pela banda, apontados como a causa do incêndio, eram indicados para áreas externas e foram usados por serem mais baratos.

Essa informação foi prestada à polícia pelos donos da loja onde a banda comprou os artefatos, em Santa Maria.

"O sputnik [espécie de sinalizador] era para ser usado ao ar livre, e os proprietários [da casa noturna] e quem o jogou [integrante da banda], mesmo sabendo disso, o utilizou no ambiente fechado por ser mais barato. Esse era R\$ 2,50, e o outro [o adequado], R\$ 70."

Os depoimentos, que servem como provas testemunhais, revelam ainda que não havia luzes de emergência e que há "indícios de que os extintores não funcionaram e eram, inclusive, falsificados".

"Por que as pessoas morreram no banheiro? Porque só enxergaram a luz do banheiro e correram para lá pensando que fosse a saída."

Conforme a **Folha** mostrou ontem, a boate estava superlotada. O plano de segurança aprovado pelos bombeiros (vencido) permitia até 691 pessoas, mas a polícia afirma ter informações de que havia cerca de 1.000 no local.

Testemunhas também disseram que os donos fizeram reformas no prédio "por sua conta e risco", sem passar por vistorias depois. "Vamos evidenciar [se houve] essa questão da falha na fiscalização, nem que tenhamos que cortar na carne do Estado", disse o delegado.

Dois donos da casa noturna e dois integrantes da banda estão presos temporariamente. Ainda anteontem, após a prisão dos quatro, a polícia fez buscas em outra casa noturna e em uma cervejaria de Mauro Hoffmann, sócio da Kiss.

Ontem, três pessoas que haviam ficado de fora da lista oficial foram contabilizados pelo governo, elevando para 234 mortos na tragédia de Santa Maria. À noite, um jovem que estava internado teve morte cerebral.

ANEXO H

Defesa de dono da Kiss 'distribui' culpa

Advogado de sócio da boate diz que casa, que havia modificado teto, esperava vistoria dos bombeiros desde novembro

Empresário teria usado chuveirinho para tentar se matar, anteontem, no banheiro do hospital onde está internado

LAURA CAPRIGLIONE
ENVIADA ESPECIAL A SANTA MARIA

Distribuir a culpa entre todos os órgãos públicos ("confusos", "conflitantes", "contraditórios"), atacar os bombeiros que trabalharam no salvamento das vítimas ("foi uma operação desastrosa, ineficiente, uma desordem generalizada") e eximir-se de responsabilidade pelo uso de pirotecnia (fogos sinalizadores) no interior da Kiss foi a estratégia apresentada ontem por Elissandro Callegaro Spohr, o Kiko, 28, proprietário e gerente da boate sinistrada em Santa Maria, representado pelo advogado Jader Marques.

Pela primeira vez, apresentou-se a linha de defesa de Spohr. Na véspera, divulgara-se, a partir do hospital de Cruz Alta (a 130 km de Santa Maria), que o dono da boate, "desesperado" e "destruído" pela tragédia (os adjetivos são do corpo clínico), havia tentado se matar por enforcamento, aproveitando uma distração da segurança.

Ele teria se pendurado na mangueira do chuveirinho do banheiro, de acordo com o relato do hospital, mas foi contido a tempo.

Passou o dia de ontem algemado ao leito da instituição, onde se encontra desde segunda-feira, para tratar de problemas respiratórios decorrentes da inalação de fumaça do incêndio.

'NADA IRREGULAR'

Marques chegou à coletiva de imprensa, realizada em um hotel de Santa Maria, desqualificando a acusação de que a boate estaria funcionando sem alvará desde agosto do ano passado: "Isso foi apenas um problema documental", disse.

Segundo Marques, a boate havia sido inspecionada antes, "nenhuma modificação" fora feita depois disso, e desde novembro a casa estava à espera de uma nova vistoria do Corpo de Bombeiros, que aprovaria as instalações, como já aprovara antes.

"Nada havia de irregular", afirmou o advogado.

O problema é que, como teve de admitir o advogado, foi feita, sim, uma modificação importante no final do ano de 2012: a instalação de espuma de poliuretano, usada no isolamento acústico da boate -a **Folha** apurou, no entanto, que a instalação foi feita em agosto.

Foi essa espuma que, mais barata do que a modalidade não inflamável, entrou em combustão ao ser atingida pelos fogos usados pela banda, liberando cianeto e outros gases tóxicos, além de fuligem.

O isolamento acústico da boate era um problema que o Ministério Público do RS vinha acompanhando. Entre 2009 e julho de 2012, firmou-se entre a boate e a Promotoria um acordo que obrigou a Kiss a forrar tetos e paredes com um revestimento-sanduíche de gesso e fibra de vidro.

Mas, como o ruído persistia, Spohr teria consultado engenheiros e especialistas, dos quais ouviu a sugestão para instalar a capa de espuma por sobre o sanduíche.

Perguntado sobre os nomes dos engenheiros ou da empresa de engenharia que teriam dado tal sugestão, o advogado disse: "Não sei".

Segundo Marques, seu cliente só fez o que foi exigido pelo poder público e aconselhado por técnicos. "Kiko se declara incompetente nessas questões técnicas", afirmou.

LOTADA

O advogado negou que a boate estivesse com lotação superior à permitida (691), apesar de a Polícia Civil ter afirmado que havia por volta de mil pessoas na boate no instante do início do fogo.

De acordo com ele, a banda Gurizada Fandangueira, que acendeu o sinalizador, nunca antes havia se apresentado com seu espetáculo pirotécnico na Kiss.

Entretanto, há vídeos no YouTube, anteriores à noite do incêndio, que mostram a banda manejando fogos. "Isso foi na gravação de um clipe", esquivou-se o advogado.

Por fim, Marques arremeteu contra os bombeiros, elevando a voz: "Foi uma operação desastrosa, ineficiente: os bombeiros estavam sem máscaras e sem equipamentos adequados", disse.

Acusou o telefone de emergência do Corpo de Bombeiros de não atender a uma chamada feita por um funcionário da boate, logo depois do início do incêndio, e atacou: "Eles usaram civis nas tentativas de resgate, coisa que um bombeiro não pode fazer. Eles têm de fazer um mea culpa", afirmou.

"Meu cliente só cumpriu a lei e tudo o que o poder público e os técnicos determinaram. Ele estava confiante de que estava agindo corretamente, ou não teria permitido que sua mulher grávida permanecesse dentro da boate", disse o defensor.

A mulher de Spohr estava ontem com ele, no hospital de Cruz Alta.

El Cromagnon de Brasil: 233 muertos

HORROR EN UNA DISCO. Un incendio causado por pirotecnia devastó el local, donde había cerca de 1000 jóvenes; la puerta estaba bloqueada por los guardias; Dilma adelantó su regreso desde Chile

Alberto Armendáriz
CORRESPONSAL EN BRASIL

RÍO DE JANEIRO.— Espanto, horror, incredulidad. Todo Brasil estaba inmerso ayer en la conmoción después de uno de los días más dramáticos en décadas, provocado por un incendio en una discoteca de la ciudad de Santa María, estado de Río Grande do Sul.

En una tragedia que pareció calada de la que vivió la Argentina con Cromagnon, el 30 de diciembre de 2004, 233 personas murieron quemadas, asfixiadas o aplastadas por la multitud cuando intentaban escapar de una fiesta universitaria.

Conmovida hasta las lágrimas, la presidenta Dilma Rousseff adelantó su regreso de Chile y viajó al lugar de la tragedia para acompañar a los familiares de las víctimas.

Según relataron los sobrevivientes, entre los cuales hay 108 heridos, el fuego empezó a las 2.30 de la mañana, cuando una banda que tocaba sobre el escenario de la dis-

coteca Kiss prendió un artefacto pirotécnico. Las chispas alcanzaron la espuma de aislamiento acústico en el techo. A partir de ese momento, todo fue horror.

“Los integrantes de la banda Gurizada Fandangueira intentaron primero apagar las llamas con agua y después con un extintor. Pero el fuego y el humo se expandieron rápidamente”, contó, todavía conmocionada, Ingrid Goldani, empleada de la discoteca, ubicada en el centro de la ciudad, de unos 260.000 habitantes, 300 km al oeste de Porto Alegre.

Las llamas y la humareda provocaron pánico entre el público, compuesto por unos 1000 jóvenes de entre 18 y 22 años, estudiantes de las facultades de Agronomía, Pedagogía, Veterinaria y Zootécnica de la Universidad Federal de Santa María.

Ante la estampida, los encargados de la seguridad del local, con capacidad para 2000 personas, bloquearon la salida, convencidos de que la gente intentaba irse sin pagar lo consumido. **Continúa en la página 2**

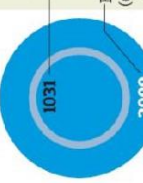
CROMAGNON

194

MUERTOS

1523

HERIDOS



Había vencido 20 días antes de la tragedia y no estaba habilitado para recitales.

Un espectador encendió una bengala, que inició el fuego en el techo del local.

De vacaciones en El Calafate, el presidente Néstor Kirchner y su esposa permanecieron cinco días en silencio y sólo adelantaron su regreso un día.

LA NACION

KISS

233

MUERTOS

131

HERIDOS



La licencia había caducado en agosto de 2012.

Un integrante de la banda que tocaba inició el show pirotécnico sobre el escenario.

Dilma Rousseff volvió a Brasil de la cumbre en Chile. Se reunió en el lugar con los familiares de las víctimas.

REUTERS



Dilma, con los familiares

Viene de tapa

“Los guardias de la discoteca inicialmente cerraron las puertas y no permitieron una rápida evacuación. Eso provocó aún más pánico y tumulto”, informó el comandante del cuerpo de bomberos local, el coronel Guido de Melo.

Las luces se apagaron y mientras una multitud desesperada se amontonaba en las puertas, donde la gente era empujada y pisoteada, muchos jóvenes corrieron hacia los baños en busca de aire y de otra salida, que nunca hallaron.

“Casi la totalidad de las personas murió por asfixia. En la desesperación por salir, entraron en el baño, donde las encontramos apiladas, casi hasta el techo”, describió el mayor Cleberson Braida Bastianello, comandante de la brigada militar que tiene su sede en Santa María.

Los bomberos llegaron a los pocos minutos de recibidas las primeras alertas y, con la entrada y la salida virtualmente bloqueadas por cuerpos, tuvieron que romper un hueco en una de las paredes del frente para ingresar en el devastado club nocturno, que tenía su licencia de funcionamiento vencida.

“Estaba vencida desde agosto de 2012. La licencia es necesaria para el funcionamiento normal de la casa”, resaltó el teniente coronel Moisés da Silva Fuchs, comandante del cuerpo de bomberos de la Región Central de Rio Grande do Sul, encargado de llevar los cuerpos al gimnasio del Centro Deportivo Municipal.

Allí, una larga fila de angustiados familiares y amigos encaró desde el mediodía la difícil tarea de reconocer los restos de sus seres queridos. Con ayuda del gobierno federal, la alcaldía

y el Estado conformaron ahí un cuerpo de gestión de crisis integrado por médicos y psicólogos para atender a las familias de las víctimas. Anoche, ya habían sido identificadas todas las víctimas.

Las historias del horror se sucedieron a lo largo del día. Los bomberos y equipos de rescate relataron que encontraron el celular de uno de los jóvenes muertos que tenía 104 llamadas y mensajes de su madre, desconsolada por no tener noticias suyas tras la madrugada.

“Corríamos sin saber para dónde ir. Estaba todo negro, no había luz, pero instintivamente fui en dirección de donde estaba la puerta”, relató, en tanto, Valterson Wottrich, vocalista

de la banda que tocó antes de Gurizada Fandangueira. Según las autoridades, esta banda tampoco tenía autorización para utilizar artefactos pirotécnicos durante el show, pese a que en su página de Facebook se enorgullecían de su uso.

“Con gran experiencia comprobada en bailes y shows, el grupo demuestra, más allá de su talento, mucha innovación en estructura, efectos visuales y pirotécnicos, que hacen toda la diferencia en la identidad exclusiva de la banda”, se leía en su página de la red social.

La desgracia, que obligó a Dilma a regresar al país y decretar tres días de luto nacional (ver Pág. 4), recordó en Brasil el incendio que ocurrió el 30 de diciembre de 2004 en República Cromagnon.

Para Brasil, la tragedia fue la segunda entre las peores catástrofes de este tipo en el país, luego del incendio del 17 de diciembre de 1961 en el Gran Circo Norteamericano, en Niterói, estado de Río de Janeiro, cuando un empleado con problemas mentales roció la carpa con nafta y la prendió fuego; 503 personas murieron, la mayoría de ellas chicos. Las heridas de quemaduras de los sobrevivientes fueron tratadas por un joven médico que luego se volvería un famoso cirujano plástico, Ivo Pitanguy. ●

El lugar de la tragedia

Santa María es una dinámica ciudad universitaria



Fuente: LA NACION



DE EDITOR: *qué significa. Los paralelismos con Cromagnon no hacen más que aumentar la impotencia ante otra tragedia absurda que podría haberse evitado.*

ANEXO J

Santa María, una ciudad de luto que siente que perdió el alma en la tragedia

HORROR EN EL SUR DE BRASIL. Mientras se celebraban los primeros de los 231 entierros, la mayoría de los negocios estaban cerrados; la tristeza y el desconsuelo son palpables en las calles

Alberto Armendáriz
CORRESPONSAL EN BRASIL

SANTAMARÍA, Brasil.—La mayoría de los negocios estaban cerrados, con carteles de luto, y la poca gente que había en las calles caminaba con la mirada perdida. La tristeza domina el ambiente; se sentía como si la tragedia le hubiese robado el alma a esta ciudad.

Un fuerte olor a quemado aún se respiraba ayer en el centro de Santa María, donde la madrugada de anteayer 231 jóvenes murieron y 162 quedaron heridos en el incendio de la discoteca Kiss.

Mientras la policía detenía de forma preventiva al productor y al vocalista de la banda Gurizada Fandangueira —que habrían sido responsables por la bengala que originó el fuego—, así como a los dos dueños de Kiss (ver aparte), la mayoría de los 260.000 habitantes de Santa María, en el corazón del estado de Río Grande do Sul, asistió ayer al entierro de algún familiar, amigo, compañero de trabajo o vecino.

Las caravanas fúnebres eran el

mayor movimiento que se veía, con concentraciones de gente en los cementerios Municipality de Santa Rita, además del gimnasio del Centro Deportivo Municipal, adonde habían sido trasladados los cuerpos de las víctimas —la mayoría murió por asfixia—, para que fueran reconocidos por los familiares y velados.

Ya con todos los muertos identificados, los restos fueron ubicados en féretros y repartidos por el enorme gimnasio, y a su alrededor, entre lágrimas y abrazos, se juntó cada una de las conmovidas familias. Sobre los cajones, parientes y amigos colocaron pertenencias de sus seres queridos muertos, como el perrito de orejas largas de Natalia Canto, estudiante de Derecho de 20 años.

"Ella no podía dormir sin su perrito, por eso lo trajimos para que la acompañara para siempre. No sé cómo vamos a hacer para vivir sin ella", dijo a LA NACIÓN Micael Canto, su hermano, de 24 años.

En el Centro Deportivo Municipal, aireado con grandes ventiladores de pte, decenas de médicos y psicólogos prestaban asistencia a los

familiares a medida que los coches fúnebres llegaban para llevarse los cuerpos para su entierro.

"La tragedia golpeó a la ciudad muy fuerte. Todo el mundo tiene a alguien que conocía directa o indirectamente entre las víctimas. Yo no sufrí ninguna pérdida directa, así que me pareció que no podía quedarme de brazos cruzados y aquí estoy. Toda Santa María está movilizada", comentó Janice Amaral, estudiante de Historia, de 21 años.

No muy lejos de allí, en el Cementerio Municipal, hasta el mediodía se habían realizado 34 sepelios.

Dolor y solidaridad

En el centro de la ciudad, la normalmente agitada calle peatonal Calçada Salvador Isaia estaba ayer casi vacía. Tiendas de ropa, restaurantes y casas de electrodomésticos exhibían carteles con la palabra "luto", moños negros y mensajes de solidaridad con las familias y amigos de las víctimas.

Sobre la Rua dos Andraadas, señalada por la policía, el olor a humo era más intenso, casi insoportable,

mezcla de madera, plástico y alcohol, que todavía emanaba de la devastada discoteca, con su frente perforado por varios boquetes que los bomberos abrieron la noche del incendio en un dramático intento de sacar a los jóvenes que allí celebraban una fiesta universitaria.

En la vereda, la gente había defloreó y mensajes escritos en cartulina, en homenaje a los fallecidos, y con reclamos de justicia. "Nada justifica 231 asesinatos", se leía en uno de los carteles.

"Tenía todo para ser una gran fiesta y terminó en la peor pesadilla que hayamos sufrido", comentó a LA NACIÓN Luciene Louceiro, de 32 años, una vendedora de ropa que sobrevivió al incendio.

Contó que como gran admiradora de la banda Gurizada Fandangueira estaba en la primera fila cuando el vocalista, Marcello de Jesus dos Santos, encendió una bengala.

"Al ver que se prendió fuego la estufa aislante del techo él intentó apagarlo con un extintor, pero no funcionaba. Las llamas avanzaron muy rápido, con mucho humo, y

la gente entró en pánico. Con una amiga corríamos hacia la salida de emergencia, pero los guardias al principio no nos dejaban pasar. Alguien le pegó una trompada a uno de ellos y ahí un grupo pudo salir entre golpes, tropiezos y pisotones", explicó Luciene.

No tuvieron tanta suerte las hermanas Patricia y Greicy Bairro, de 27 y 18 años, respectivamente, que murieron asfixiadas dentro de la discoteca, al igual que Junior Lara, 30 años, marido de Patricia. Residentes en Manoel Viana, a unos 188 kilómetros de Santa María, sus padres llegaron anteayer a la ciudad. Luego de que ninguno de los tres respondiera las llamadas a sus celulares.

La familia entera se trasladó para el entierro de los tres. Protegidos por sombrillas del sol abrasador, se despidieron de sus seres queridos mientras lo lejos una máquina excavadora preparaba el terreno para más tumbas. Un amigo de las chicas llevaba puesta una remera con una foto de ellas estampada y la leyenda: "Queremos justicia — Saudades". ●

Tras el shock de la tragedia en la disco, Santa María se une para exigir justicia

Miles de personas salieron a la calle para reclamar que se castigue a los responsables; la ciudad intenta volver a la normalidad, pero aún se respira tristeza en cada esquina

SEGUIR *Alberto Armendariz* LA NACION | MIÉRCOLES 30 DE ENERO DE 2013



SANTA MARÍA, Brasil.- Esta ciudad amaneció ayer envuelta en una espesa neblina, después de que miles de habitantes, duramente shockeados por el incendio de la discoteca Kiss, que dejó 234 jóvenes muertos y 118 heridos, salieron a las calles para reclamar justicia, tal vez en la única manera que encuentran para seguir adelante.



A diferencia de los días anteriores, en esta ciudad de 260.000 habitantes ayer se sentía la fuerza de una comunidad unida, decidida a levantarse y exigir justicia, como quedó demostrado en una manifestación que anteanoche llevó a más de 30.000 vecinos a las calles.

"Necesitamos justicia para avanzar. Hay que fiscalizar mejor estos establecimientos. Estas muertes podrían haber sido evitadas con medidas de seguridad adecuadas. Hay que hallar a los responsables que permitieron todas las irregularidades que coincidieron aquella noche en la discoteca", señaló Milton Malgarin, estudiante de Derecho de 26 años, que perdió a un amigo en el incendio en esta ciudad en el corazón del estado de Rio Grande do Sul.

Documentos relacionados

Galería: El peor incendio en una disco en más de 10 años

Más notas para entender este tema

La investigación confirmó irregularidades en el local

Como decenas de miles de otros habitantes de Santa María, Malgarin vestía de blanco y alzaba su celular encendido en la larga caminata por el centro. En su recorrido, el respetuoso silencio de la gente sólo era interrumpido por ráfagas de aplausos y el canto del himno brasileño. Pero al pasar por la esquina de la disco quemada, en la Rua dos Andradas, estallaron los gritos: "¡Justicia! ¡Justicia! ¡Justicia!".

Algunos llevaban grandes fotos de sus seres queridos muertos; otros, carteles en los que se leían mensajes como "Somos uno" y "Fe, fuerza y coraje para continuar".

"Yo no perdí a nadie cercano, pero murieron muchos amigos de mis alumnos. Tenemos que dar a los familiares y amigos de las víctimas una energía positiva para que puedan recuperarse, para darles fuerza y que sientan el apoyo de la comunidad", explicó Siomara Muller, 54, profesora de arquitectura en la Universidad Federal de Santa María, a la que iban casi todos los jóvenes muertos, la mayoría de la Facultad de Agronomía, que había organizado una fiesta en Kiss.

"Esta desgracia marcará a Santa María para siempre. Es una ciudad esencialmente universitaria, con los ojos puestos en los jóvenes, en el futuro, y vamos a avanzar, tenemos que hacerlo. Pero llevará mucho tiempo sacarnos de encima este dolor que sentimos hoy", comentó a LA NACION la maestra jubilada Deneva Figuera, de 73 años, mientras hacía compras en un supermercado de la céntrica Rua do Acampamento.

La tristeza todavía se respiraba ayer por toda la ciudad, donde la mayoría de los negocios reabrieron, muchos con moños negros en sus vidrieras, en homenaje a las víctimas del incendio en Kiss, presuntamente originado por una bengala lanzada durante el show de la banda Gurizada Fandangueira, en la madrugada del domingo.

Ayer temprano, en una conferencia de prensa, el ministro de Salud, Alexandre Padilha, designado por la presidenta Dilma Rousseff a cargo de todos los esfuerzos oficiales en Santa María, informó que todavía había 118 heridos internados (ver aparte). La mayoría padece problemas respiratorios por la inhalación de humo tóxico, aunque hay 20 que sufren quemaduras graves. Uno de ellos es Delvani Rosso, de 20 años, cuyo frágil estado de salud era seguido de cerca por familiares y amigos en el Hospital da Caridade.

"Estaba con su hermano Jovani en el boliche y ayudaron a varias personas a salir, pero Delvani acabó con más del 50% del cuerpo quemado", describió Dilton Severo, de 50 años, amigo de la familia, mientras, de boina y bombachas campestres, tomaba un mate cimarrón en la puerta del hospital, fiel al estilo gaúcho.

Allí también estaba Bruno Viegas Flores, estudiante de psicología de 18 años, cuyo hermano Luiz Eduardo, de 24 años, murió en el incendio. Pese a su sufrimiento directo, el adolescente había llegado al hospital para ofrecerse como voluntario.

"No quería quedarme en casa, triste y deprimido. Hay mucha gente que necesita una mano. Mi mamá también está acá, mientras mi papá resuelve todos los trámites legales de mi hermano", contó con los ojos húmedos el joven, que la víspera había enterrado a Luiz Eduardo.

En las afueras de la ciudad, el gran campus de la Universidad Federal de Santa María permanecía con muy poca actividad, con las clases suspendidas hasta el 1º de febrero por luto.

Los pasillos del Centro de Ciencias Rurales, sede de la Facultad de Agronomía, a la que pertenecía la mayor parte de las víctimas del incendio, estaban casi vacíos; en un tacho de basura, alguien había arrojado varios carteles que habían servido para promocionar la fiesta "Agromerados" en Kiss, el sábado pasado.

"Por la dimensión de la tragedia, este lugar nunca más va a ser igual. Van a cambiar mucho las fiestas universitarias. Esperemos que haya leyes más rigurosas para las discotecas. Ojalá aprendamos del ejemplo de lo que ocurrió en la discoteca [Cromagnon] de Buenos Aires", apuntó Marcos Defuente, de 23 años, estudiante de Zootécnica. Debía celebrar su graduación esta semana, pero el acto fue ahora postergado hasta que los ánimos de Santa María vuelvan a una cierta normalidad.

ANEXO L

Uno de los dueños de la disco Kiss intentó suicidarse en el hospital

LA TRAGEDIA EN BRASIL. Un policía evitó que Elissandro Spohr se ahorcara con una manguera en el baño de un centro médico cercano a Santa María; son 235 los muertos

Alberto Armendáriz
CORRESPONSAL EN BRASIL

RÍO DE JANEIRO.— Agobiado por su responsabilidad en el incendio de la discoteca Kiss en Santa María, uno de los dueños del local, Elissandro Spohr, intentó suicidarse ayer mientras estaba bajo vigilancia policial en el hospital donde se encuentra internado por la intoxicación que sufrió el día de la tragedia que dejó 235 jóvenes muertos.

“Usó una manguera de la ducha. Un policía percibió su intención y se lo impidió. Dice que no tiene más ganas de vivir, que no puede cargar con esta tragedia en las espaldas”, señaló la comisaria Lylian Carús, de la ciudad vecina de Cruz Alta, donde Spohr se encuentra internado desde la mañana del domingo.

Desde el lunes a la tarde, las autoridades habían ordenado la prisión preventiva de Spohr, de 28 años, en el hospital Santa Lucía de Cruz Alta, donde comparte habitación con su esposa embarazada, que también presenta problemas respiratorios como consecuencia de la humareda tóxica del incendio.

También en prisión preventiva se encuentran el otro propietario del local, Mauro Hoffman; el vo-

calista de la banda Gurizada Fandangueira, Marcelo dos Santos, que habría iniciado el fuego con una bengala que lanzó y alcanzó el techo, y el productor del grupo musical, Luciano Leão.

“Justicia para todos”, exigía ayer un grafiti escrito sobre la fachada de Kiss por unos jóvenes que a través de los techos lograron burlar el cerco policial.

Después del shock inicial y el posterior luto, el ambiente ahora en Santa María es de rabia hacia los miembros de la banda, los encargados de la discoteca y las autoridades locales por no haber fiscalizado las medidas de seguridad en el lugar.

La investigación de la policía civil del estado de Rio Grande do Sul, a cargo del comisario Marcelo Arigony, resaltó una larga serie de irregularidades en el local luego de escuchar los testimonios de sobrevivientes: una sala superpoblada más allá de su capacidad para 690 personas, una salida de emergencia demasiado estrecha, la ruta de evacuación mal señalizada, extinguidores de fuego que no funcionaban y las ventanas de los baños selladas.

A todo esto se le sumó el uso de

efectos pirotécnicos como el de Gurizada Fandangueira en un lugar cerrado.

También la denuncia de la exgerente de Kiss Vanessa Vasconcelos, que señaló que Spohr solía mandar retirar los matafuegos de las paredes por cuestiones estéticas.

Casi el 90% de las víctimas mortales del incendio murieron asfixiadas por el humo que desprendió la espuma aislante acústica del techo

“Creía que quedaban feos y los ordenaba sacar. Sólo los colocaba cuando había alguna inspección o cuando pensaba que lo iban a inspeccionar”, acusó Vasconcelos, que trabajó en la discoteca hasta diciembre pasado y perdió en el incendio a su hermana.

Vasconcelos también declaró a las autoridades que Spohr había rebajado el techo del local después de

varias quejas vecinales por ruidos, y que solía hacer reformas internas sin autorización ni revisión. Casi el 90% de las víctimas mortales del incendio murieron asfixiadas por el humo tóxico que desprendió la espuma aislante acústica instalada en el techo del local.

Ayer, en tanto, las autoridades sanitarias indicaron que la cifra de internados por la desgracia subió a 143 personas, luego de que muchos jóvenes buscaron asistencia en las últimas horas por presentar síntomas de neumonitis química, como se llama a la intoxicación por humo.

“Este es un problema frecuente. Días después de un incendio, algunas personas se quejan de dificultades para respirar y muchas de ellas deben ser internadas”, explicó Nelo Pereira, vocero del Sistema Único de Salud brasileño.

Además, ascendió a 235 el número de muertos, luego de que un joven universitario hospitalizado con quemaduras graves, Gustavo Marques Gonçalves, de 25 años, murió anteanoche.

Su madre, Eliane, ya había enterrado el lunes a su otro hijo, Deives, de 33 años, también víctima del trágico incendio. ●

ANEXO M

Frenzied Scene as Toll Tops 200 in Brazil Blaze

By SIMON ROMERO JAN. 27, 2013

RIO DE JANEIRO — A fire ignited by a flare from a band's pyrotechnics spectacle [swept through a nightclub](#) filled with hundreds of university students early on Sunday morning in Santa Maria, a city in southern [Brazil](#), killing at least 233 people, officials said.

Health workers hauled bodies from the club, called Kiss, to hospitals in Santa Maria all through Sunday morning. Some of the survivors were taken to the nearby city of Porto Alegre to be treated for burns. Valdeci Oliveira, a local legislator, told reporters that he saw piles of bodies in the nightclub's bathrooms.

Col. Guido Pedroso de Melo, the commander of the city's Fire Department, said in televised remarks that security guards had blocked the exit, which intensified the panic as people in the club stampeded to the doors.

Survivors described a frenzied and violent rush for the main exit. Murilo de Toledo Tiecher, 26, a medical student at the [University of Caxias do Sul](#) who was at the club, said he and his friends had to push through a crush of people to get around a metal barrier that was preventing the crowd from spilling out into the street. He said some people became trapped after they rushed into the bathroom near the exit, thinking it was a way out. Once he was outside, he said, he tried to pull others to safety.

"If we saw a hand or a head, we'd start pulling the person out by the hair," he said in a telephone interview. "People were burned; some didn't even have clothes."

The disaster ranks among the deadliest of nightclub fires, comparable to the [2003 blaze in Rhode Island that killed 100 people](#), one in 2004 in [Buenos Aires in which 194 were killed](#), and a fire at a club in China in 2000 in which 309 people died.

The disaster in Santa Maria, which is in the relatively prosperous state of Rio Grande do Sul, shocked the country. President Dilma Rousseff canceled appointments at a summit meeting in Chile to travel to Santa Maria, a city of about 260,000 residents that is known for its cluster of universities.

The circumstances surrounding the blaze, including the use of pyrotechnics and the reports of the blocked exit, are expected to raise questions about whether the club's owners had been negligent. While it was not clear why patrons were initially not allowed to escape, it is common across Brazil for nightclubs and bars to have customers pay their entire tab upon leaving, instead of on a per-drink basis.

More broadly, the blaze may focus attention on issues of accountability in Brazil and point to the relaxed enforcement of measures aimed at protecting citizens, even with the economy on solid footing.

The nation's civil service has grown significantly over the past decade, tax revenues are soaring and there is no shortage of laws and regulations governing the minutiae of companies large and small. Yet preventable disasters still commonly claim lives in Brazil, as illustrated by Rio de Janeiro's building collapses, [manhole explosions](#) and trolley mishaps.

"Bureaucracy and corruption also cause tragedies," said [André Barcinski](#), a columnist for Folha de São Paulo, one of Brazil's largest newspapers.

Some of the survivors' criticisms pointed to a heated argument over who was responsible. "Only after a multitude pushed down the security guards did they see" what they had done, Mr. Tiecher, the medical student, said in comments posted on Facebook.

In an interview, he said that security guards had blocked the club door and initially prevented people from escaping because they thought a fight had broken out inside, and that customers would use the opportunity to leave without paying their bar tabs. Only after they realized that a fire was raging inside did the security guards let the crowd go, Mr. Tiecher said.

Witnesses said the fire started about 2 a.m. after a rock band, Gurizada Fandangueira, began performing for an audience made up mostly of students in the agronomy and veterinary medicine programs at a local university. Mr. Tiecher said the band's singer lighted a kind of flare and held it over his head, accidentally setting the ceiling on fire. Members of the band were seen trying to douse the flames.

At least one member of the five-person band, which is based in Santa Maria and had advertised its use of pyrotechnics, was said to have been killed. Many of the victims died of smoke inhalation, officials said.

"The smoke spread very quickly," Aline Santos Silva, 29, one of the survivors, said in comments to the Globo News television network. "Those who were closest to the stage where the band was playing had the most difficulty getting out."

Human rights officials focused Sunday on the grief in Santa Maria. "How many families are now searching for their young one?" asked Maria do Rosário Nunes, a cabinet minister who is Ms. Rousseff's top human rights official.

Brazilian television stations broadcast images of trucks carrying corpses to hospitals where family members were gathering. Photographs taken shortly after the blaze and posted on the Web sites of local news organizations showed [frantic scenes](#) in which people on the street outside the nightclub pulled bodies from the charred debris.

Parents and other family members wandered through Santa Maria on Sunday searching for their loved ones. "I still think she hasn't died," Cibela Focco, 35, whose daughter was in the nightclub and still had not been heard from, told reporters Sunday evening.

The tragedy took place in a region of Brazil where Ms. Rousseff spent much of her early political career before rising to national prominence as a top aide to the former president, Luiz Inácio Lula da Silva, and running for president herself. Before leaving the meeting in Chile, she [appeared distraught](#), crying in front of reporters as she absorbed details of the blaze.

"This is a tragedy," she said, "for all of us."

ANEXO N

A Brief but Frantic Struggle for Victims of Fire in Brazil

By SIMON ROMERO JAN. 28, 2013



A victim of a nightclub fire that left more than 230 dead in Santa Maria, Brazil, was buried on Monday. The city seemed to be in shock after the blaze. Mauricio Lima for The New York Times

SANTA MARIA, Brazil — The band was revving up, and Luciene Louzeiro was right where she wanted to be at 2:30 a.m. Sunday, in front of the stage. As hundreds of people around her in the crowded nightclub began to dance, she saw something shoot from the stage toward the ceiling: a flare.

“No one cared because they always do that, to make us dance a little harder,” said Ms. Louzeiro, 32, a saleswoman at a clothing store who went to the nightclub, Kiss, to celebrate a friend’s birthday. But when she looked up, she saw that the ceiling was on fire.

“I started screaming, and thought, ‘When it’s your time to go, it is God who decides,’” she said.

The tragedy that unfolded next — a stampede away from a raging fire, a panicked struggle to open exit doors blocked by security guards and the deaths of more than 230 people, many of them university students, from asphyxiation and burns — has stunned a nation where the current attitude has typically been one of confidence and satisfaction after nearly a decade of robust economic activity.

RELATED COVE



THE LEDE BLOG
Fire at a Nig



The funeral for Tanise Cielo, a victim of the Kiss nightclub fire that occurred in Santa Maria on Sunday.

Neco Varella/European Pressphoto Agency

The description of the mayhem from survivors and statements by band members themselves, two of whom were taken into police custody on Monday in connection with the fire, revealed a frantic struggle for survival that lasted no more than a few minutes.

Eliel de Lima, 31, the drummer in the band, Gurizada Fandangueira, told reporters that after he felt sparks fall from the ceiling, a percussionist nearby tried throwing water toward the ceiling. When that did not work, a security guard aimed an extinguisher at the blaze. The extinguisher failed to function, too, he said.

After that, panic set in on the stage and in the crowd. “Black smoke spread quickly, then I couldn’t see a thing,” Mr. de Lima said. Still, he ran toward the exit, an effort made “500 times more difficult” by the throng of people going in the same direction. At least one member of the band, which had advertised its pyrotechnics prowess as a selling point, died in the blaze.

The tumult produced [desperate cries for assistance](#) that are still echoing on social media. “Fire at KISS help,” wrote Michele Cardoso, a 20-year-old student, in a post on Facebook that has resonated across the nation. Her friends frantically replied to the post, which appeared to be delayed from when the fire was said to have been ignited. She died in the blaze, along with her boyfriend, João Paulo Pozzobon.

Those who survived did so after a group of patrons overpowered security guards, who initially kept people from fleeing out of concern that they were trying to leave without paying their tabs. By the time it became obvious that was not the case, the clubgoers inside had begun to die, largely from asphyxiation.



People gathered by the nightclub, Kiss, which caught fire Sunday. Many of those who died, from asphyxiation and burns, were university students. Mauricio Lima for The New York Times

Among the first emergency responders at the scene around 3 a.m., Capt. Edi Garcia of Santa Maria’s police force said in an interview that it immediately became clear to him that many patrons had sought to escape through the nightclub’s bathrooms, seeking another route out of the building aside from the main doors.

The bathrooms, he said, resembled a scene out of a horror movie: dozens of bodies piled atop one another. “People went to the bathrooms looking for windows, they fell unconscious, then others crawled on top of them to get to the windows, and that’s how it went on happening,” Captain Garcia said.

According to a Brazilian news report, another rescue worker found a victim's cellphone in the charred nightclub, noticing that it had 104 missed calls on it from someone called "Mãe" — Mother.

Stung by such details and the death toll, the authorities moved quickly here to investigate the blaze. One of the club's owners was held for questioning along with the two band members, according to an investigator, Ranolfo Vieira Jr., who said they could be held for several days. Another owner of the club later turned himself in for questioning on Monday.

"I died in Santa Maria today," the writer [Fabrício Carpinejar](#) of Rio Grande do Sul, a state of rolling pampas, or plains, in which this university city is situated, said in a poem published on the front page of the newspaper O Globo. "I died on Rua dos Andradas," he said — the street of the club.



Relatives of another victim, Carlos Alexandre Machado, grieved during his funeral on Monday.

Edison Vara/Reuters

Santa Maria, with a population of about 260,000, seemed like a city in shock on Monday. Many stores were shuttered, and academic activities were suspended at the universities that are the city's economic lifeblood. Students could be found on the street, quietly sobbing, or in the gymnasium where families and friends came to grieve among coffins lined up under basketball nets.

"I'm burying my wife today," said Leandro Buss, 35, whose wife, Marilene Castro, 33, died at the club. He and their 16-year-old son were among the families at Santa Maria's gymnasium. He appeared shellshocked, explaining that he had avoided going to the nightclub over the weekend because he was away competing in a triathlon.

"We'll see who was responsible for this," said Mr. Buss, a computer technician, staring at the ground. "I don't know. Maybe we'll see some justice since so many people were killed."

At one of Santa Maria's cemeteries, families gathered in different corners on Monday to bury their loved ones. Wailing mothers could be heard throughout the grounds. At one ceremony for Silvio Beuren, an agronomy student killed in the fire, the proud culture of the gauchos, the horsemen of the pampas of southern Brazil, was on display.

Eloi Irigaray, 40, a gaucho astride his horse at Mr. Beuren's burial, read a poem of his own, which spoke about loss, resilience and indignation, perhaps, at those who oversee Brazil:

"Here in Santa Maria / my bulwark persists / And I've been demanding respect from those who command the nation."

ANEXO O

After Fire, Some Brazilians Fault a Nation's Sense of Fatalism

By SIMON ROMERO JAN. 29, 2013



A woman outside the club in Santa Maria where a fire killed more than 230 people on Sunday.
Ricardo Moraes/Reuters

SANTA MARIA, Brazil — First there was the shock over the chaotic nightclub fire here that killed more than 230 people, many of them promising university students. Then there was the grief as families began burying their dead.

Now the soul-searching has begun, as Brazilians here and abroad ask how such a tragedy could have occurred in the first place.

"This is the most senseless thing I can imagine," said José Joel Canto, 64, a retired railroad worker whose daughter, Natana, a 21-year-old law student, died in the blaze early Sunday morning. "One minute my daughter is dancing, having some fun with friends — the next minute they are dead. I simply cannot comprehend it."

Nor can many others in this country, setting off a debate across Brazilian society about how — or even if — the nation can prevent such a disaster from happening again.

"In a few weeks we will forget our dead, perhaps because we'll be crying over other dead as well, victims of tragedies which we know will occur," Sérgio Abranches, a sociologist in Rio de Janeiro, said in [a scathing essay](#) about the nightclub fire and the sense of fatalism with which Brazilians often react to such preventable disasters.

Of course, Brazil is far from the only country forced to confront such issues. Just in the last decade, lethal nightclub fires have broken out in Argentina, Russia and the United States. Yet the blaze here has stirred frustrations that the protections for human life that exist on paper are not vigorously enforced, even as Brazil wins plaudits for its vibrant democracy and economic might.

History has something to do with it. Large tragedies that could have been prevented, or at least alleviated to a large degree, have occurred for decades, occupying a painful place in the national consciousness.

In 2011, floods and landslides struck hillside communities precariously built in the state of Rio de Janeiro, leaving more than 600 people dead. In 1989, a boat of partygoers capsized near Rio, killing more than 50 people. And in 1961, a [fire at a circus in the city of Niterói](#) killed more than 500 people.

Then there are the smaller tragedies that barely register abroad but are all too common in Brazil. [Bus crashes](#) leave dozens of passengers dead. Office buildings collapse. The homicide rate, while lower in large cities like São Paulo and Rio de Janeiro than it was a decade ago, remains higher nationwide than in Mexico, which is in the grip of a war against drug-trafficking organizations.

RELATED COVERAGE



In Brazil
to Survive



Fire Sw
Hundre

THE LEDE BLOG

Fire at a Nightclub

FROM O



PHILIPS
Healthy
How sma
smiles ar



CHAUMET
From Na
Discover
Chaumet



MUZO
What Lie
A fabled
mining m

In another caustic assessment of the nightclub fire, the newspaper O Globo said in an editorial on Tuesday that an array of factors, involving “administrative ineptitude, corruption, omission of public authorities and conformity of the common citizen,” contributes to a loss of life in Brazil that is at once alarming and banal.

“The tragedy in Santa Maria imposes on society a reflection about a national culture of leniency,” O Globo said, singling out traffic deaths on Brazil’s roads during national holidays as another example of senseless tragedy in which individual responsibility plays a part.

Still, the swift reaction by the authorities to the nightclub fire has lifted hope among some Brazilians that it could be a turning point. The 1903 fire at Chicago’s [Iroquois Theater](#), which killed more than 600 people, spurred tougher safety standards in the United States, and many Brazilians are hoping for the same kind of reaction.

Police investigators detained four people for questioning on Monday, including two owners of the club who the authorities said had been operating with an expired permit and without a fire alarm or sprinklers.

Two members of the band suspected of starting the fire with a pyrotechnics display were also taken into custody. One inspector told reporters at a news conference on Tuesday that band members had bought flares meant for outdoor use because they cost \$1.25 a piece, compared with \$35 for an indoor flare.

In other Brazilian cities, the authorities are reviewing code regulations and are raiding establishments found to be in violation. For instance, in Manaus, the largest city in the Brazilian Amazon, officials shut down 17 nightclubs, some which were found to have had empty fire extinguishers.

But scholars of Brazil’s labyrinthine regulatory systems say the real work goes beyond a few arrests and inspections. Moacyr Duarte, a senior researcher at the Federal University of Rio de Janeiro, said complex and inefficient public bureaucracies remained an obstacle to disaster prevention, even as public budgets have been strengthened over the past decade.

“You can’t create a police officer or a rescue worker like you do instant noodles, in three minutes,” Mr. Duarte said. “We don’t need new measures. We need supervision and enhanced integration between public powers.”

But others questioned whether the disaster said anything about Brazil in particular, pointing out that no nation was immune to tragedy.

“You can’t put the blame on Brazil or on any other country,” said Cristiano Marinho, 38, a security guard in São Paulo.

Mr. Canto, the retiree whose daughter died in the fire, said that neither the club owners nor the band members were entirely to blame for the tragedy.

“Those responsible are the people we elected to protect us,” he said.

“City Hall,” he specified. “They failed to prevent this from happening.”